UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Gisele Cristina Gabriel de Souza

NARRATIVAS AMBIENTAIS E EDUCOMUNICAÇÃO: O CINEMA COMO ESTRATÉGIA PARA A COMPREENSÃO AMBIENTAL

Sorocaba/SP
2023

Gisele Cristina Gabriel de Souza

NARRATIVAS AMBIENTAIS E EDUCOMUNICAÇÃO: O CINEMA COMO ESTRATÉGIA PARA A COMPREENSÃO AMBIENTAL

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Dra. Míriam Cristina Carlos Silva

Sorocaba/SP
2023

Ficha Catalográfica

S715n

Souza, Gisele Cristina Gabriel de
Narrativas ambientais e educomunicação : o cinema como estratégia para a compreensão ambiental / Gisele Cristina Gabriel de Souza. -- 2023.
109 f.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva.
Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2023.

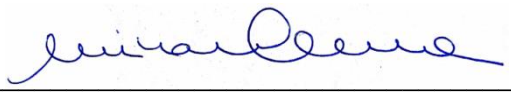
1. Ecologia no cinema. 2. Educação ambiental. 3. Comunicação na educação. 4. Comunicação de massa e meio ambiente. I. Silva, Míriam Cristina Carlos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Gisele Cristina Gabriel de Souza

NARRATIVAS AMBIENTAIS E EDUCOMUNICAÇÃO:
O CINEMA COMO ESTRATÉGIA PARA A COMPREENSÃO AMBIENTAL

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.
Aprovada em: 27/04/2023.

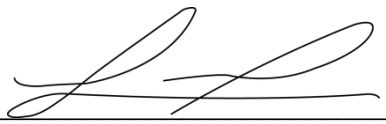
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba

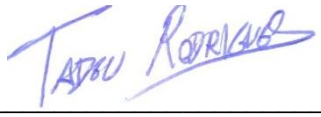
gov.br
Documento assinado digitalmente
MARA ROVIDA MARTINI
Data: 05/05/2023 09:25:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Mara Rovida Martini
Universidade de Sorocaba



Profa. Dra. Thífani Postali Jacinto
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista



Prof. Dr. Tadeu Rodrigues Iuama
Centro Universitário Belas Artes

Aos meus pais, Lilian e Wilson.
Eternamente presentes em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter conseguido chegar até aqui.

Aos meus pais, Lilian e Wilson, por me concederem a vida.

À minha orientadora, Míriam Cristina Carlos Silva, por sua paciência e por compartilhar o seu conhecimento.

Agradeço também à banca examinadora, Mara Rovida Martini, Thífani Postali Jacinto, Jorge Miklos e Tadeu Rodrigues Iuama, pelos comentários atenciosos e recomendações sobre esta tese.

À Universidade de Sorocaba e à Capes, pela bolsa de estudos.

À minha amiga, Ana Letícia San Juan, por me apoiar e me incentivar sempre.

Aos meus irmãos, Luciano e Willians, família que me resta e me completa.

Agradeço a todos que me apoiaram nesta jornada tão intensa.

Não estou propondo um retorno à Idade da Pedra. Minha intenção não é reacionária, nem mesmo conservadora, mas simplesmente subversiva. Parece que a imaginação utópica está encurralada, como o capitalismo e o industrialismo e a população humana, num futuro unidirecional que consiste apenas em crescimento. Tudo o que estou tentando fazer é descobrir como colocar um porco nos trilhos.

—Ursula K. Le Guin

RESUMO

Ao tomar como fio condutor o emprego do cinema em processos educomunicativos, esta pesquisa tem como foco as relações entre produções cinematográficas, comunicação e educação, interligadas às questões ambientais. Assim, o problema pode ser enunciado a partir da seguinte pergunta: como as narrativas podem auxiliar as práticas educomunicativas, supondo-se que possam oferecer uma abordagem complexa dos fenômenos? A pergunta parte da hipótese de que as narrativas podem contribuir para uma educomunicação sensível, capaz de comunicar por meio de uma linguagem poética e ampliar a maneira de como percebemos o mundo ao nosso redor. E, se assumida no cotidiano escolar, pode ser uma grande aliada frente às questões caras à educação e à comunicação ambiental. O objetivo geral é compreender os processos comunicacionais estabelecidos em produções cinematográficas que abordam as questões ambientais, bem como refletir sobre o uso destes recursos em processos educomunicativos. Como objetivos específicos: a) verificar as estratégias utilizadas para a construção destas narrativas, com ênfase na apuração sobre os elementos poéticos, possivelmente presentes na estrutura imagética, sonora e verbal; b) apresentar uma tipologia de narrativas para a construção de uma educomunicação pelo viés do sensível. Em busca de compreender como se configuram tais narrativas – e explicar sua inserção em um ambiente pedagógico voltado para o exercício crítico e criativo, seremos amparados por autores como: Míriam Cristina Carlos Silva; Edgar Morin; Octavio Paz; Walter Benjamin; Paulo Freire; Adilson Citelli; Ismar de Oliveira Soares; Ailton Krenak e Marcos Reigota. Além disso, com o intuito de contribuir para a reflexão do processo de ensino-aprendizagem, uma proposta didática é apresentada. A presente pesquisa se justifica no atual cenário social, no qual a questão ambiental tornou-se um problema de responsabilidade individual e coletiva, pois até aqui não fomos capazes de equilibrar nossa existência com a utilização dos recursos finitos disponíveis na natureza, e, em geral, nos relacionamos com o planeta de forma destrutiva. Neste sentido, ao tratar as questões ambientais a partir da educomunicação, pode-se apresentar ferramentas que se inserem no conjunto maior da educação com o objetivo de transformações sociais, afinal, trata-se de um papel ético na comunicação contemporânea. As narrativas fílmicas apresentadas neste trabalho, dada a sua complexidade poética e a forma sensível como tratam a questão ambiental, por meio do cinema, podem contribuir para uma educomunicação sensível. O trabalho demonstra que é possível, a partir do cinema e da comunicação sensível, aliar a educomunicação às discussões ambientais, por meio de sequências didáticas a serem trabalhadas no diálogo entre professores e alunos, levando-se em conta o fundamento da comunicação como um processo de interação, portanto, de construção intersubjetiva de saberes.

Palavras-chave: narrativas ambientais poéticas; educomunicação sensível; cinema; compreensão ambiental; método antropofágico.

ABSTRACT

By taking the use of cinema in educommunicative processes as a guiding principle, this research focuses on the relationships between cinematographic productions, communication and education, linked to environmental issues. Therefore, the problem can be stated from the following question: how can narratives help educommunicative practices, assuming that they can offer a complex approach to phenomena? The question starts from the hypothesis that narratives can contribute to a sensitive educommunication, capable of communicating through a poetic language and expanding the way we perceive the world around us. And, if assumed in everyday school life, it can be a great ally in the face of issues dear to education and environmental communication.The overall objective is to understand the communication processes established in film productions that address environmental issues, as well as to reflect on the use of these resources in educommunicative processes. As specific objectives: a) to verify the strategies used for the construction of these narratives, with emphasis on the verification of the poetic elements, possibly present in the imagery, sound and verbal structure; b) to present a typology of narratives for the construction of an educommunication through the bias of the sensitive. To understand how such narratives are configured – and to explain their insertion in a pedagogical environment focused on critical and creative exercise, we will be supported by authors such as: Míriam Cristina Carlos Silva; Edgar Morin; Octavio Paz; Walter Benjamin; Paulo Freire; Adilson Citelli; Ismar de Oliveira Soares; Ailton Krenak and Marcos Reigota. Furthermore, in order to contribute to the reflection of the teaching-learning process, is presented a didactic proposal.This research is justified in the current social scenario, in which the environmental issue has become a problem of individual and collective responsibility, because until now we have not been able to balance our existence with the use of finite resources available in nature, and, in general, we relate to the planet in a destructive way. In this sense, when dealing with environmental issues from educommunication, tools can be presented that are inserted in the larger set of education with the objective of social transformations, after all, it is an ethical role in contemporary communication. The filmic narratives presented in this work, given their poetic complexity and the sensitive way they deal with the environmental issue, through cinema, can contribute to a sensitive educommunication. By putting questions about the environmental crisis on the agenda, based on the films watched, as demonstrated in the didactic proposal, the teaching-learning process can contribute to building dialogues and sharing knowledge and experiences. The work demonstrates that it is possible, from cinema and sensitive communication, to combine educommunication with environmental discussions, through didactic sequences to be worked on in the dialogue between teachers and students, taking into account the foundation of communication as a process of interaction, therefore, of intersubjective construction of knowledge.

Keywords: poetic environmental narratives; sensitive educommunication; cinema; environmental comprehension; anthropophagic method.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015) 70
Figura 2. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015) - Esperanza e Alicia 71
Figura 3. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015) - Interior da casa 72
Figura 4. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015) - Exterior da casa 73
Figura 5. Cena do documentário *Ser Tão Velho Cerrado* (2018) 76
Figura 6. Cena do documentário *Ser Tão Velho Cerrado* (2018) 77
Figura 7. Cena do filme *Okja* (2017) 83
Figura 8. Cena do filme *Okja* (2017) 84
Figura 9. Cena do filme *Okja* (2017) 84
Figura 10. Cenas do filme *Okja* (2017) 86
Figura 11. Cena do filme *Okja* (2017) 87
Figura 12. Poster do filme *La tierra y la sombra* (2015) 95
Figura 13. Poster do filme *Ser Tão Velho Cerrado* (2018) 96
Figura 14. Poster do filme *Okja* (2017) 98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO 14

3 MAPEAMENTO DE PESQUISAS SOBRE O CINEMA AMBIENTAL 19

3.1 Considerações sobre o estado da arte 27

4 DA CRISE AMBIENTAL À EDUCOMUNICAÇÃO 29

4.1 Meio ambiente e Sociedade 29

4.2 Educação ambiental: contribuições e desafios 38

4.3 (Edu)comunicação: em prol do diálogo 49

5 CAMINHOS POSSÍVEIS 56

5.1 O papel do poético para compreensão ambiental 56

5.2 O cinema no processo de aprendizagem 64

5.2.1 *Homo complexus* 68

5.2.2 *La tierra y la sombra* 69

5.2.3 *Homo degradandis* 74

5.2.4 *Ser Tão Velho Cerrado* 75

5.3 A abordagem lúdica e sua potência educativa 78

5.3.1 *Homo ludens* 80

5.3.2 *Okja* 82

6 NECESSIDADES DE NOVAS PERSPECTIVAS 88

6.1 Uso da narrativa na educação ambiental 88

6.2 Por uma educomunicação sensível 90

6.3 Proposta didática 93

7 CONSIDERAÇÕES 101

REFERÊNCIAS 106

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo surgiu após assistir às disciplinas ministradas pela Professora Doutora Míriam Cristina Carlos Silva, também orientadora desta pesquisa, durante o percurso de mestrado em Comunicação e Cultura (Universidade de Sorocaba), as quais instigaram uma aproximação com o poético e com as artes, tendo como foco principal as narrativas, bem como os processos comunicacionais.

A dissertação apresentada para conclusão do curso – a qual investigou a comunicação pública realizada na cidade de Sorocaba (SP) por meio das campanhas e matérias jornalísticas sobre o Programa Município VerdeAzul – foi finalizada com pistas do que estava por vir: "como possibilidade de pesquisas futuras, defendemos uma abordagem pelo sensível, pelo poético, que possui a capacidade de comunicar e transformar a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor" (SOUZA, 2019, p. 67). Logo, a pergunta que nos move é: como as narrativas podem auxiliar as práticas educomunicativas, supondo-se que possam oferecer uma abordagem complexa dos fenômenos?

A hipótese parte da compreensão de que as narrativas podem contribuir para uma educomunicação sensível, capaz de comunicar por meio de uma linguagem poética e ampliar a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor. E, se assumida no cotidiano escolar, pode ser uma grande aliada frente às questões caras à educação e à comunicação ambiental.

O objetivo geral é compreender os processos comunicacionais estabelecidos em produções cinematográficas que abordam as questões ambientais, bem como refletir sobre o uso destes recursos em processos educomunicativos. Como objetivos específicos estão: a) verificar as estratégias utilizadas para a construção destas narrativas, com ênfase na apuração sobre os elementos poéticos, possivelmente presentes na estrutura imagética, sonora e verbal; b) apresentar uma tipologia de narrativas para a construção de uma educomunicação pelo viés do sensível.

A presente pesquisa se justifica no atual cenário social, no qual a questão ambiental tornou-se um problema de responsabilidade individual e coletiva, pois não fomos, até aqui, capazes de equilibrar nossa existência com a utilização dos recursos finitos disponíveis na natureza, sendo que nos relacionamos com o planeta de forma destrutiva. Neste sentido, ao tratar as questões ambientais a partir da educomunicação, possibilita-se a reflexão sobre ferramentas que se insiram no contexto da educação voltada para transformações sociais, afinal, trata-se de um papel ético na comunicação contemporânea.

Muito se fala a respeito de problemas ambientais, para citar alguns exemplos, a poluição, o desmatamento, a perda da biodiversidade, as mudanças climáticas, a crise da água

potável, o que acaba afetando todos os ecossistemas. Nesse aspecto, configura-se um cenário de conflitos e crises, que são associados fundamentalmente na forma como a humanidade se relaciona com as demais espécies e seu meio (BOFF, 2003). Em tal contexto, é necessário refletir sobre possibilidades para contribuir no enfrentamento de tais crises. Sendo assim, consideramos as produções cinematográficas como uma forma possível para informar muitas pessoas sobre o rumo do nosso planeta ao colapso ambiental.

Como recorte de análise, os filmes escolhidos foram: o drama colombiano *La tierra y la sombra* (2015), dirigido por César Augusto Acevedo, que retrata como a indústria açucareira explora seus trabalhadores; o documentário brasileiro *Ser Tão Velho Cerrado* (2018), de André D'Elia, que traz como tema os desmatamentos sofridos no Cerrado; e ainda, do diretor sul-coreano Bong Joon-Ho, o fantasioso *Okja* (2017), que traz reflexões sobre consumo e capitalismo.

Pretende-se, portanto, desvelar os aspectos poéticos e narrativos de cada produção, com intuito de colocar em perspectiva as questões ambientais e sua inserção no ambiente pedagógico, como ferramenta educomunicativa. Além disso, a fim de contribuir para a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, uma proposta didática é apresentada, visto que, com base na proposta do educador brasileiro Paulo Freire, é necessário construir uma prática que possibilite desenvolver a autonomia dos educandos com o propósito de tornar a educação libertária, criativa e crítica.

As ideias defendidas por Freire destacam que o professor não deve ser um mero transmissor de conhecimentos, mas sim, um mediador de diálogos. Portanto, deve-se educar respeitando a autonomia e o saber dos alunos, bem como levar em consideração seu contexto histórico e social.

É notório que para o professor o maior desafio refere-se ao processo de ensino-aprendizagem, pois a transmissão do conhecimento cada vez mais precisa ser instigante para capturar a atenção dos alunos. Nessa perspectiva, os filmes podem auxiliar e facilitar a construção do conhecimento, a partir de temas que podem ser debatidos de forma mais criativa.

2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa inicia-se como um estudo exploratório, precedida da revisão do estado da arte – um mapeamento sobre cinema ambiental a partir de teses e dissertações encontradas na plataforma CAPES. A partir deste levantamento, observa-se que as questões ambientais assumiram visibilidade no cinema, não só em festivais e mostras ambientais. Por isto, os filmes escolhidos não são apenas aqueles que carregam o "selo" ambiental, ou seja, filmes que veiculam ideias, crenças e visões acerca das questões ambientais, mas também aqueles que trazem como pano de fundo reflexões sobre a degradação ambiental e de como ela afeta todos à sua volta.

Propomos aqui uma tipologia de narrativas, a partir dos filmes escolhidos, para construção de um protocolo para a prática de uma educomunicação sensível. Além disso, para realização da análise dos filmes selecionados, empregamos a metodologia antropofágica, em uma atualização realizada por Silva (2007) a partir de sua leitura do conceito cunhado por Oswald de Andrade para o Manifesto Antropófago (1928). Silva explica que mais do que uma proposta para um movimento poético, com a ideia da antropofagia Oswald de Andrade propõe um diagnóstico e um prognóstico da cultura brasileira, primeiramente levando à compreensão do que significa a relação com múltiplas culturas, para propor a necessidade de devoração contínua do alheio, o que foi muito bem compreendido por artistas como José Celso Martinez Correia, no teatro; por Glauber Rocha, no Cinema Novo; pelos artistas do Tropicalismo. É importante ressaltar que a proposta de Oswald de Andrade problematiza a hierarquização da cultura, a partir da visão de mundo tupinambá, cuja prática antropofágica previa a necessidade de se devorar o sagrado do inimigo. Com essa visão, opera-se uma vingança crítico-criativa, na qual o colonizador é devorado e transformado em outra coisa. Como descrita por Silva e Pichiguelli (2020) e Castro e Silva (2022), trata-se de um método que "convida a tecer e destecer a trama complexa de fenômenos, procedimentos, atitudes, compostos de uma multiplicidade de referências que auxiliam a compreender a sua natureza, sua identidade, sua história e seus contextos" (CASTRO; SILVA, 2022, p. 3). Ou seja:

> Enquanto metodologia, a antropofagia é política, complexa e dialógica, porque permite uma compreensão alargada das conexões possíveis entre territórios aparentemente opostos, tais como primitivo e civilizado, cultura e natureza, colonizador e colonizado, erro e acerto, arte e cotidiano, ciência e senso comum, interior e exterior, estabelecendo zonas de cruzamento criativo entre territórios aparentemente separados e inconciliáveis. Como método, a antropofagia permite que a cultura seja percebida de uma forma dinâmica e pulsante, por sua capacidade de produzir novos entrelaçamentos e sínteses, não sem conflitos. De acordo com Oswald, interessa o que é do outro, o procedimento é o de olhar para as diferenças, a fim de assimilar,

> digerindo-as criticamente e transformando-as (CASTRO; SILVA, 2022, p. 6).

Oswald de Andrade, em seu *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924), apresenta uma poética inclusiva e dialógica. Já o *Manifesto Antropófago* (1928), destaca a necessidade de "devorar o alheio, em uma postura crítica, autocrítica e de alteridade". Ou seja, "os valores do outro devem ser ingeridos, digeridos e transformados" (PICHIGUELLI; SILVA, 2017, p. 6).

Devorar o outro é comunhão. A diferença é aceita, assimilada e transformada (SILVA, 2007).

Para Silva e Pichiguelli, "tomar a antropofagia como epistemologia e como método é, portanto, e antes de tudo, assumi-la como poética e como política" (SILVA; PICHIGUELLI, 2020, p. 151).

Além disso, a antropofagia é mais que um resultado, ela é um processo. Um processo de devoração e digestão (SILVA; PICHIGUELLI, 2020).

Ressalta-se que o método antropofágico deve ser pensado sob uma perspectiva tupinambá, considerando-se um "amálgama cuja potência dialógica é reivindicada numa perspectiva crítica", que visa questionar a influência europeia ao invés de negá-la (CASTRO; SILVA, 2022, p. 5).

> Com a metáfora da antropofagia, Oswald revê sua própria formação, o que podemos compreender como uma primeira tentativa decolonial, na qual percebe a necessidade de se superar a tradição imposta pelo europeu, e de incorporar a cultura do índio e do negro. Por paradoxal que possa parecer, as narrativas sobre a antropofagia dos tupinambás são tomadas com a intenção de criticar o processo civilizatório imposto pelos europeus, à luz de leituras de autores ocidentais de várias áreas, que compunham o seu vasto repertório. Podemos evidenciar, em primeira mão, Freud e a psicanálise (uma vez que Oswald define a antropofagia como a transformação do tabu em totem) (CASTRO; SILVA, 2022, p. 5).

Nesse sentido, com Castro e Silva (2022, p. 7), temos que "o mais importante neste método é a compreensão da cultura brasileira cunhada na valorização dos povos ameríndios e africanos, pensada por Oswald, na relação com uma miríade de referências processadas criticamente".

A antropofagia surge como movimento literário, artístico e cultural. A filosofia antropofágica criada por Oswald de Andrade sugere um olhar descolonizador, com o propósito de enaltecer as matrizes culturais indígenas e africanas. Em suma, Oswald procura reverter esse sentido de superioridade do homem branco. A antropofagia oswaldiana

representa uma cosmovisão primitivista, matriarcal e transvalorativa, pois busca evidenciar as raízes culturais dos povos colonizados (MELLO, 2021).

Na antropofagia oswaldiana, mais do que andar e falar, o corpo também pensa, devora e se transforma pelas coisas devoradas, desejadas. Logo, o pensamento ameríndio corresponderia a um processo de transformação, de tradução do outro. Desse modo, entende-se que a perspectiva tupinambá parte de uma questão de afinidade e identificação, pois, num ritual antropofágico, ao executar um inimigo, o executor se beneficia das forças daquele que acabara de executar (VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

Ou seja, o ritual antropofágico parte de uma devoração para assimilar as habilidades daqueles que eram devorados, enquanto o canibalismo refere-sesimplesmente ao ato de comer, alimentar-se. Para Oswald de Andrade, a alta antropofagia refere-se a esse processo de digestão do valor alheio, ao passo que a baixa antropofagia está associada à gula, ao devorar por devorar, à destruição do outro.

A valorização da cultura brasileira proposta por Oswald, sob o prisma do autor angolano João Melo, refere-se aos indígenas. Por este motivo, o texto *Antropofagia e apropriação cultural*, publicado em 11 de abril de 2022 no Jornal Rascunho[1], discorre, criticamente, sobre o Manifesto Antropófago. Melo censura a ausência dos negros brasileiros, visto que no documento não há qualquer referência sobre a existência desse povo, pois, como dito anteriormente por ele, para Oswald os povos originários brasileiros são o único sinônimo de brasilidade, do que se pode discordar, já que no Manifesto aparece uma menção a um samba da época: "Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. **Fizemos Cristo nascer na Bahia**. Ou em Belém do Pará" (grifos nossos). Segundo Azevedo (2018, p. 36), trata-se de "composição de Sebastião Cirino e Duque (1926) gravada na Casa Edison por Arthur Castro, a música integrou o repertório de um espetáculo de teatro de Revista, *Tudo preto*, representado pela Companhia Negra de Revistas no teatro Rialto". Contudo, Melo finaliza seu texto dizendo que Oswald era a favor da unificação de todas as revoltas, porém, em suas palavras, "um século depois do Manifesto Antropófago, estamos mais longe disso do que naquela época. Parodiando uma velha palavra de ordem angolana, a luta continua e a vitória é incerta". Também é importante ressaltar que a presença do negro é grande na obra de Oswald de Andrade, especialmente nos poemas de Pau-Brasil (1978), Primeiro Caderno do alumno de Poesia Oswald de Andrade (2018) e em O Santeiro do Mangue e Outros Poemas (1991).

[1]Disponível em: https://rascunho.com.br/liberado/antropofagia-e-apropriacao-cultural/. Acesso em: 11 de mar. 2023.

O Manifesto Antropófago (1978) é escrito em uma linguagem telegramática, fragmentada e que também precisa ser escavada ao modo de palimpsesto, dadas às múltiplas referências que comportam cada um dos aforismos, posteriormente desdobrados no texto A Crise da Filosofia Messiânica (1978) e ao longo de toda a obra do autor.

Nesse sentido, o que podemos concluir é que Oswald, seja em seus manifestos ou em suas poesias, problematizou a construção da cultura brasileira a partir de um olhar desierarquizante.

Ressalta-se que a metodologia em questão é um saber em construção, uma metamorfose, um devir, portanto, é um movimento que se refaz constantemente ao se reler e se reinterpretar, constituindo-se, enquanto método, em um processo experimental que se propõe, em sua poética, ser um método de leitura do mundo (CASTRO; SILVA, 2022).

Nesse sentido nos propomos a analisar os filmes *La tierra y la sombra* (2015), *Ser Tão Velho Cerrado* (2018) e *Okja* (2017); a partir de um olhar antropofágico, bem como de uma tipografia de narrativas, as quais se apresentam em *homo complexus*, *homo degradandis* e *homo ludens*. Em todos, destaca-se a importância do pensamento crítico. Portanto, os filmes escolhidos carregam características peculiares, na relação com o gênero a que pertencem, mas guardam em comum a preocupação com a emergência ambiental e a narrativa marcada por elementos poéticos. Por exemplo, *La tierra y la sombra* envolve o *homo complexus*, pois abarca o poético, cuja característica fundamental é fazer uso de uma linguagem pautada pela complexidade, na qual todos os elementos são elementos de sentido; Ser *Tão Velho Cerrado* apresenta o *degradandis*, já que discute a crise ambiental por esse viés da degradação provocada pelo homem, não se tratando apenas de uma degradação do ambiente, mas da própria moralidade humana, pautada pelo lucro que não mede consequências; e *Okja*, que apresenta o *ludens,* que pode servir para discutir o papel do lúdico, do jogo ou da imaginação e da fantasia na educação.

Antes de chegar a estes filmes, inicialmente, a proposta era estudar festivais de cinema ambiental como a Mostra Ecofalante, o Festival Ecocine, o FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental), entre outros. Após exaustiva procura de filmes ambientais nestas plataformas, optou-se por filmes comerciais com a temática ambiental - sendo, alguns, inclusive, apresentados nestes festivais. Contudo, os filmes específicos, ou seja, aqueles feitos exclusivamente para os festivais, eram mais difíceis de acessar e encontrar, o que se compreende como um problema bastante relevante a ser levado em conta por produtores, exibidores, ambientalistas e educadores: qual a eficácia de uma produção específica, voltada às questões ambientais, se estas produções ficam restritas às mostras e não são acessíveis?

Não se trata da pergunta a ser respondida neste trabalho, mas é válido o registro para que aqueles que tenham acesso a este trabalho possam refletir sobre possíveis soluções para este tema.

Apesar dos filmes escolhidos serem de diferentes países e gêneros, todos mostram que a problemática ambiental é global. A opção de cada filme se deu pela relevância de compor a tipologia de narrativas para construção de uma educomunicação sensível, assim como pelo fato de que todos eles, independente de qual seja o gênero a que pertencem, priorizam narrativas nas quais a linguagem poética se faz presente. Entendemos que, na escolha de uma educomunicação sensível, o poético é um dos elementos fundamentais.

Como um texto gerador de debates, os filmes podem ser considerados um produto midiático mais livre, um mediador entre a ficção e a realidade. Ou seja, com mais liberdade e profundidade para gerar questionamentos, provocações. Neste sentido, a leitura de um filme, ao ser utilizado em sala de aula, pode educar o olhar para a criticidade frente aos processos e produtos midiáticos. Assim, compreende-se que um filme, além de entreter, pode ser considerado um material pedagógico importante, ao possibilitar discussões sobre vários temas (sociais, políticos, culturais, entre outros).

Enquanto campo de reflexões, o cinema possibilita a construção de saberes. Além disso, ele é capaz de proporcionar experiências como emoção, ao sensibilizar por meio de suas imagens e sons que transcorrem ao longo de sua trama. Os filmes contribuem para uma maior compreensão sobre temas como a degradação ambiental, além de ajudarem os alunos a terem mais interação sobre o assunto a ser discutido em aula.

Utilizar os filmes para ensinar é ir além da mera transmissão de conhecimento, já que é necessário ter um alicerce metodológico a fim de se compreender o contexto e as linguagens que deverão ser trabalhadas para a construção dos saberes dos alunos. Ou seja, o cinema como ferramenta de ensino exige criticidade, além de provocar inquietações e indagações, as quais serão essenciais para promover a troca de diálogo.

Por meio de um filme, e seu apelo emocional, o aluno pode aprender de forma sensível. Por esse ângulo, o emprego de filmes como recurso didático propicia uma ampliação do conhecimento, pois a partir deles o professor pode inserir conteúdos que irão proporcionar aos alunos uma visão mais crítica sobre os acontecimentos do mundo.

3 MAPEAMENTO DE PESQUISAS SOBRE O CINEMA AMBIENTAL

Em consulta ao banco de teses e dissertações da CAPES, a busca pela palavra-chave "cinema ambiental", entre aspas, retornou 11 resultados. Destaca-se que a pesquisa mais antiga data de 2011, e a mais recente, de 2017.

Diante deste cenário de 11 resultados, buscamos apenas os trabalhos que pudessem contribuir por afinidade, temática, teórica ou metodológica, com a discussão que esta pesquisa propõe. Para tanto, tem-se como ponto de partida os resumos das pesquisas encontradas.

A primeira tese selecionada no banco da Capes é "Os restos de um cinema chamado ambiental: um estudo sobre filmes brasileiros que abordam o meio ambiente desde a década de 1970", de Solange Alboreda, do ano de 2017. A pesquisa foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Este trabalho foi essencial para compreensão sobre cinema ambiental, um subgênero cinematográfico presente em mostras e festivais, que têm entre seus objetivos exibir filmes sobre a degradação ambiental, poluição, abusos de poder relacionados ao uso da terra, questões indígenas, uso de energia e de bens, catástrofes causadas pela ação humana, uso de agrotóxicos e muitos outros aspectos que permeiam as relações entre homem e meio ambiente.

Valendo-se de relatos pessoais, como por exemplo, da utilização de filmes em sala de aula; e de releituras da *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, numa alusão ao ufanismo presente no nosso modelo sociopolítico e ao romantismo conservador que o acompanha, Alboreda (2017) estabelece um jogo crítico com 11 filmes, os quais abarcam o período de 1970 até os dias atuais. A autora parte de uma metodologia descritiva e fenomenológica, além de concentrar esforços na compreensão do que compõe o ambiental. Os filmes escolhidos foram aqueles que a tocaram de alguma forma, seja pelo incômodo mobilizador ou o simples prazer de assistir, entre tantas outras impressões e sensações. As produções cinematográficas escolhidas, de acordo com ela, permitem refletir sobre "a captura do "ambientalismo" pelo sistema, que o usa como mercadoria e nos torna prisioneiros angustiados de um modo de vida regrado" (ALBOREDA, 2017, p. 9, grifo do autor). A autora se refere a sistema ao falar sobre um mundo globalizado, regido pela lógica do mercado e do capital. Um sistema que nos aprisiona, que tenta nos encaixar em padrões, e consequentemente nos contamina com o medo de não atingir o status social estabelecido pela sociedade capitalista. Alboreda (2017) parte de uma crítica em relação ao cinema ambiental, pois para a pesquisadora, os filmes devem trazer possibilidades de diálogos, não ditar regras sobre certo e errado em relação às condutas ambientais. Ou seja, o mais

importante para ela, para se ver e dizer num filme, é sua capacidade para aumentar nossa força de existir em conjunto, ou seja, comunitária e solidariamente.

O segundo arquivo selecionado, a dissertação "O cinema como instrumento de sensibilização ambiental para conservação da água", de Flávia Regina Maria, apresentada ao Programa de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos em 2017, reflete sobre como o cinema pode ser utilizado para diversas finalidades e que, além de entreter e educar, pode também ser um importante instrumento capaz de difundir conhecimento, ao provocar reflexões sobre temas relevantes, como a questão da água, sua escassez e a necessidade de sua conservação e preservação. O objetivo desta pesquisa foi analisar a influência do cinema ambiental como meio de percepção ambiental e seu impacto sensibilizador para a conservação da água.

A pesquisa de caráter exploratório, envolvendo voluntários para assistir a filmes com a temática água, contou também com um questionário. Os resultados encontrados, de acordo com Maria (2017), foram positivos e apontaram para a utilização do cinema como instrumento sensibilizador, despertando nos participantes reflexões sobre o uso da água e sua importância para a manutenção da vida.

A pesquisa de Maria (2017) se aproxima da nossa, na qual problematizamos uma abordagem da questão ambiental por meio de narrativas poéticas, que podem possibilitar uma ampliação do olhar para os fenômenos humanos, por um viés da complexidade, ao utilizar-se de uma linguagem polissêmica, sinestésica, aberta e lúdica.

A tese de doutorado intitulada "Da natureza da animação à animação da natureza: discursos ambientais em "*enviro-toons*" brasileiras veiculadas nos festivais FICA, FESTCINE AMAZÔNIA e FILMAMBIENTE", de Jean Fábio Borba Cerqueira, da Universidade Federal de Pernambuco, do ano de 2016, traz como tema a animação ambiental ou *enviro-toons*. Nela, o autor buscou analisar as representações dos discursos ambientais em animações brasileiras. O *corpus* para análise contou com 40 produções (curta-metragem) de caráter independente e autoral, veiculadas no período de 1999 a 2014 em três dos mais relevantes festivais internacionais realizados no Brasil e com foco no audiovisual ambiental: Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), Festival Latino-Americano de Cinema Ambiental (FestCine Amazônia) e Festival Internacional do Audiovisual Ambiental (Filmambiente).

Cerqueira (2016) partiu da consideração de que, no cinema de animação, as questões ambientais ganharam maior atenção a partir do final dos anos 1990, quando essa temática

passou a ser representada de forma mais recorrente em produções comerciais hollywoodianas. Portanto, ele traz o seguinte questionamento:

> Como o cinema de animação brasileiro representa o ambiente e sua problemática, sobretudo no contexto das produções veiculadas nos festivais FICA, FestCine Amazônia e Filmambiente, fóruns relevantes à circulação e às disputas entre os mais diversos discursos ambientais que orientam nossas ações e percepções acerca do ambiente? (CERQUEIRA, 2016, p. 15).

O autor traça como objetivos específicos: identificar e caracterizar as animações brasileiras veiculadas nos festivais selecionados, bem como os aspectos autorais; técnicos; de inserção nos festivais; da narrativa ambiental e de elementos discursivos. A tese é guiada pela hipótese de que "predomina nas animações uma representação significativa dos discursos orientada para a perspectiva hegemônica do meio ambiente, antropocêntrica e reformista, de acomodação ao capitalismo industrial globalizado" (CERQUEIRA, 2016, p. 8).

Apoiando-se na abordagem sobre narrativa audiovisual definida por David Bordwell e Kristin Thompson (2001), o autor evidencia que adotou a narrativa como instrumento analítico de forma a desconstruir e reconstruir os textos animados. A pesquisa traz como aporte teórico os estudos de Jean-Jacques Rousseau, René Descartes e Martin Heidegger sobre a natureza, de David Goldblatt, Riley E. Dunlap e John Hannigan sobre as causas estruturais da problemática ambiental, de Julia B. Corbett, Anders Hansen e Robert Cox acerca das singularidades da comunicação ambiental, dos trabalhos de David Ingram, Scott MacDonald e Andrian Ivakhiv sobre o cinema ambiental, os estudos de Robin L. Murray e Joseph K. Heumann, Nicole Starosielski, David Whitley e Paul Wells sobre a animação e o meio ambiente, além dos estudos de John S. Dryzek e Julia B. Corbett sobre os discursos ambientais, e de Norman Fairclough e Dominique Maingueneau, acerca da constituição, circulação, poder e ideologia nos discursos (CERQUEIRA, 2016).

Os desdobramentos da pesquisa apontam que as representações dos discursos ambientais valorizam histórias em que as relações homem/ambiente são desenvolvidas sem problematizações consistentes. De acordo com Cerqueira (2016, p. 283), as produções limitam-se a "responsabilizar o indivíduo, sem atribuir maiores responsabilidades à estrutura social". Ao final da tese, o autor pontua:

> Finalmente, convém ressaltar que essa tese não configura uma denúncia no sentido de revelar aqueles envolvidos com o objeto investigado como responsáveis por ofuscar uma compreensão mais ampla e coerente acerca do meio ambiente e de suas mais diversas problemáticas, sobretudo em termos políticos. Na verdade, almejamos tão somente contribuir para ampliar a compreensão da comunicação ambiental no cinema de animação brasileiro, um fenômeno complexo e ainda academicamente negligenciado, de forma a

> estimular e auxiliar novas pesquisas, questionamentos e discussões sobre as representações da natureza na animação, suas motivações, potencialidades e limitações, sua circulação, consumo e impactos na audiência, principalmente no que diz respeito à multidimensionalidade da problemática ambiental e ao seu engajamento (CERQUEIRA, 2016, p. 288).

Assim, consideramos importante tal pesquisa compor o presente estado da arte, pois traz reflexões relevantes sobre como compreender as relações de sentido estabelecidas em narrativas cinematográficas sobre a natureza e sua problemática, as quais servem para aprofundar o debate sobre o tema ambiental nas produções audiovisuais. Isto posto, almeja-se aprofundar a discussão sobre narrativa ambiental no universo cinematográfico, entendendo-se que a tessitura narrativa também se configura como um discurso sobre os fenômenos do mundo.

Já a dissertação "A desconstrução do mito da transamazônica a partir da ótica cinematográfica: tradições intelectuais e representações de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, no filme *Iracema: uma transa amazônica*" é relevante para a compreensão sobre como se constroem os discursos de progresso. Como reflexo da construção da rodovia Transamazônica, o filme mostra a multiplicação de bordéis, nos quais se permitia a exploração sexual de adolescentes, como a própria Iracema. Essa pesquisa foi defendida por Luis Alberto Gottwald Junior, no Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Identidades, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 2016.

O objetivo da pesquisa foi analisar a desconstrução do mito de uma Transamazônica que simboliza o progresso de um governo militar, a partir da narrativa fílmica de Jorge Bodanzky e Orlando Senna. O autor explica que a escolha do filme se deu por sua linguagem cinematográfica híbrida, que mescla o ficcional ao documental, traz um tom denunciativo e desmistificador da propaganda governamental que se fazia da rodovia Transamazônica no período ditatorial brasileiro. Metodologicamente, este trabalho percorre as influências e trajetórias dos cineastas (Bodanzky e Senna) e as articula a cada cena do filme, buscando perceber os momentos pelos quais a desconstrução do mito da Transamazônica aparece. Diante da leitura fílmica, atrelada à realidade social da população que habitava a região onde se construía a Transamazônica, destaca-se o olhar dos cineastas sobre o descaso com a população (GOTTWALD JUNIOR, 2016).

Gottwald Junior (2016) aponta que o problema da pesquisa foca-se em dois aspectos principais: a rodovia Transamazônica e a menina cabocla que vive em suas imediações. A preocupação do pesquisador foi verificar de que maneiras os cineastas usam a metáfora da Transamazônica e seus moradores para simbolizar o Brasil e sua população. Por isso, o

simbólico é um dos elementos centrais de análise do filme, pois é a partir de elementos visíveis e não visíveis que se constrói a crítica proposta pelos cineastas. O autor evidencia, ainda, que os problemas apontados por Bodanzky e Senna vão além da prostituição infantil e da violência contra a mulher, também há denúncia de grilagem, queimadas florestais, trabalho escravo, tensões interétnicas, entre outros. E, apesar destes problemas já existirem antes da chegada da rodovia, após sua construção, verificou-se um agravamento da situação. O pesquisador finaliza a dissertação com as seguintes palavras:

> A temática da Transamazônica, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, é também atual. A rodovia não teve seu traçado concluído e continua apresentando problemas estruturais e humanos. A poeira da estrada não consegue esconder os prostíbulos, as queimadas florestais, o corte ilegal de madeira e a exploração sexual infantil, dentre outros inúmeros problemas. Assim como o filme terminou sem um destino positivo para a personagem, não há como vislumbrar destino positivo para a rodovia (GOTTWALD JUNIOR, 2016, p. 149).

Tal qual a denúncia de Gottwald Junior (2016) em relação às problemáticas envolvendo um território, temos a dissertação de Clementino Luiz de Jesus Junior, "Santa Fé e a dimensão pedagógica: território, governo, biopoder e Memória no cinema ambiental", também de 2016, que traz um complexo cenário, o presídio nunca ativado no povoada de Santa Fé, no município de União dos Palmares (AL), onde famílias têm sido orientadas a morar. A decisão foi tomada quando uma série de enchentes do Rio Mundaú afetou a região, o que levou o poder público a instituir, como moradia provisória para mais de cem famílias, o presídio em questão, inclusive criando uma escola pública e um posto de saúde no local.

A pesquisa de cunho etnográfico apresentou como objetivo analisar o cinema como estratégia pedagógica para a educação ambiental crítica, contextualizada ao território de Santa Fé. Para tanto, o caminho trilhado partiu de registros de campo, entrevistas semiestruturadas, além de registros fotográficos e fílmicos, na comunidade, no período de julho de 2013 a novembro de 2015, tendo a Escola Maria Mariá de Castro Sarmento como espaço de investigação. A pergunta norteadora foi: quais as possibilidades do cinema como estratégia pedagógica que revele aspectos da realidade socioambiental presentes em uma comunidade que vive de conflito, injustiça, racismo e vulnerabilidade socioambiental? (JESUS JUNIOR, 2016, p. 18). De acordo com o autor:

> O Cinema Ambiental e a Educação Ambiental (EA) são dois campos complexos para se discutir, o primeiro pela busca de uma definição exata do que seria, no momento atual, uma obra audiovisual de temática ambiental, e a segunda pela sua pluralidade e caráter de constante inovação. Primeiro

> vamos entender como a Educação Ambiental se enquadra na presente proposta e buscaremos ver o que seria o cinema ambiental dentro do atual contexto do território estudado (JESUS JUNIOR, 2016, p. 21).

Por meio da análise de registros e depoimentos, a partir de uma intervenção chamada "memória portátil", o autor fez alguns apontamentos como: foi possível considerar a percepção da comunidade acerca da sua vulnerabilidade em relação ao território; o ambiente escolar não se apropria da realidade local em suas estratégias pedagógicas; e que o cinema ambiental revelou ser uma importante estratégia pedagógica por demonstrar, a partir das falas de sujeitos locais, elementos que estruturam e embasam propostas de educação ambiental contextualizadas às realidades locais de Santa Fé (JESUS JUNIOR, 2016).

Portanto, diante dos resultados obtidos, o pesquisador considera que o processo do ensino de audiovisual, empregado como ferramenta pedagógica, pode contribuir para educação (JESUS JUNIOR, 2016), o que confirma a relevância da pesquisa para a nossa investigação, que envolverá o uso educomunicativo do cinema ambiental.

A dissertação de Alan Silva Barcelos, intitulada "Misericórdia: a relação entre cinema e educação ambiental", do ano de 2015, apresenta como objetivo estudar como o cinema pode servir como uma ferramenta de conscientização sobre os problemas ambientais. O autor evidencia que, buscou "discutir o cinema ambiental a partir da noção de convergência e interatividade e de como essas possibilidades tecnológicas interagem com a educação ambiental" (BARCELOS, 2015, p. 5).

Para tanto, foi produzido um documentário de curta-metragem com duração de aproximadamente dez minutos chamado *Misericórdia*, no qual se discute a degradação da Serra da Misericórdia localizada no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Para o pesquisador, o documentário carrega a possibilidade de reflexão sobre o desafio para a sociedade promover o desenvolvimento sustentável e assegurar a manutenção dos recursos atuais. No final da pesquisa, Barcelos (2015, p. 70) conclui que,

> a prática da linguagem cinematográfica voltada para a educação ambiental, estimulada por interfaces e estratégias digitais, exige de todos os envolvidos uma capacidade para criar novos rumos na cultura ambiental sustentados pela troca, colaboração, negociação, mediação, e reconhecimento do erro como oportunidade de crescimento, de modo que a experiência de assistir ao filme transforme-se em um momento de interação e aprendizagem. Requer o entendimento de que, para além das individualidades, as diferentes contribuições de realizadores e espectadores fazem com que o processo torne-se mais importante que o produto.

Vale destacar ainda, alguns dos teóricos utilizados por Barcelos (2015) durante o percurso do trabalho; são eles: Fátima Portilho e Zygmunt Bauman, sobre consumo; Ignacy Sacks, sobre desenvolvimento sustentável; Carlos Walter Porto Gonçalves e Manuel Castells, sobre movimentos ambientais; José Manuel Moran, Maria Luiza Belloni, Paulo Freire, Roger Silverstone e Victoria Carrington, sobre mídia e educação; André Trigueiro, Pierre Bourdieu e Thales Haddad Novaes de Andrade, sobre mídia e meio ambiente; Enrique Leff, Fritjofj Capra, Guy Debord e Marcos Napolitano, sobre cinema e educação; Bill Nichols, sobre documentário.

Ressaltamos que, a dissertação de Barcelos (2015) é importante para o nosso trabalho pelos estudos de documentário, que levam a Nicholls, um autor que pode servir para problematizar o uso do cinema como recurso pedagógico, que em nossa pesquisa se configura na perspectiva educomunicativa.

Outra dissertação selecionada é "Documentário e meio ambiente no Brasil: uma proposta de leitura ecologizante", de Janaina Welle, do ano de 2015, que apresentou como objetivo "refletir sobre as representações fílmicas do meio ambiente e suas relações com os organismos que o constituem em suas diversas esferas" (WELLE, 2015, p. 7). Vale salientar que, ao buscar o conceito de cinema ambiental, a pesquisadora enfatiza:

> Não há um consenso em relação ao que seria o cinema ambiental, como vimos, mas há algumas nuances do também chamado de cinema ambientalista, filme ecologista, ecocinema, entre outros. O meio ambiente sempre esteve presente no cinema. A necessidade de se enquadrar um filme na categoria de cinema ambiental é recente, influenciada principalmente pelo surgimento de Festivais de cinema ambiental em âmbito mundial, mas também por militantes, realizadores, jornalistas, produtoras e outras instâncias. Entendemos aqui como "cinema ambiental" filmes que tragam em sua narrativa, de maneira direta ou tangencial, a relação do homem com o meio, e entre as espécies e o meio. Não há uma marca estética que desponte nos filmes de caráter ambiental; a única tendência encontrada é a preponderância de filmes do "gênero" documentário. Por trazer traços do real e, portanto, elementos da relação do homem ou de animais não-humanos com o meio ou de ecossistemas, o documentário parece ter potencialidades interessantes para trabalhar a questão ambiental, o que não significa que a ficção não tenha suas virtudes (WELLE, 2015, p. 16, grifos do autor).

Alguns dos teóricos empregados para determinar o conceito *ecologia* - termo cunhado em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Heirich Haekel, o qual refere-se ao estudo das interrelações entre os animais e seu ambiente orgânico e inorgânico, os seres humanos e a natureza -; foram Bruno Latour, Félix Guattari e Gregory Bateson. Portanto, a pesquisa

desenvolvida por Welle (2015), pode ser considerada de grande importância para aprofundar o conhecimento em relação às questões ambientais.

Tão importante quanto à pesquisa de Alboreda (2017) e de Welle (2015) para compreender o conceito acerca de cinema ambiental, é a dissertação "Reflexões sobre cinema ambiental: uma abordagem multidisciplinar", de Thaís Arruda Ferreira, apresentada no ano de 2013 ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, da Universidade Estadual de Campinas, a qual partiu de perguntas como: "o que é cinema ambiental? Como a temática ambiental é abordada em filmes premiados em festivais de cinema ambiental?" (FERREIRA, 2013, p. 1). Além disso, a autora propõe também investigar o potencial educativo dos filmes acerca da temática ambiental. Os procedimentos metodológicos empregados foram:

> pesquisa de base conceitual; levantamento dos filmes premiados no FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental); contato com a organização do FICA e com o MIS-GO (Museu de Imagem e Som); pesquisa bibliográfica, levantamento histórico e de dados numéricos sobre o FICA; levantamento de festivais de cinema ambiental no Brasil e no mundo, pesquisa bibliográfica sobre cinema ambiental e análise de alguns filmes premiados no FICA (FERREIRA, 2011, p. 19).

Em relação à pesquisa de base conceitual, alguns dos teóricos utilizados foram: para compreender algumas concepções de meio ambiente, Marcos Reigota e Lucie Sauvé; para educação ambiental, Mauro Guimarães, Isabel Cristina de Moura Carvalho, entre outros; para audiovisual, Walter Benjamin, Milton José de Almeida, Laura Maria Coutinho, Ismail Xavier, entre outros; para refletir sobre cinema e educação, a discussão foi relacionada ao conceito de sociologia das ausências, de Boaventura de Sousa Santos (FERREIRA, 2015).

Ferreira (2015) pontua sobre a importância de novas estratégias para atrair o grande público para os festivais de cinema ambiental.

> Em conversas informais com o "grande público", os principais fatores para esses não frequentarem a Mostra Competitiva ou assistirem apenas um ou outro filme, foi que os mesmos eram considerados chatos, cansativos, com muitas informações e, às vezes, de difícil entendimento. Nesse contexto, ressaltamos que, embora seja possível várias maneiras de utilizar a linguagem cinematográfica no documentário, a maioria dos selecionados são documentários predominantemente expositivos (informativos), que procuram fazer uma denúncia ou defender uma causa (FERREIRA, 2015, p. 133, grifo do autor).

A pesquisadora ressalta que, apesar de não investigar os motivos para os mesmos serem considerados chatos e cansativos, ela apresenta duas hipóteses:

> (1) o "grande público" é "educado audiovisualmente" pelo padrão de filmes comerciais hollywoodianos; e (2) embora esses documentários tenham valor enquanto meio de veicular informações para um público qualquer, os

> mesmos acabam dialogando e fazendo sentido para as pessoas que já "militam" nessas causas, não conseguindo efetivamente ser atrativo para uma quantidade significativa de "não-militantes" (FERREIRA, 2015, p. 133-134, grifos do autor).

Portanto, a autora sugere que os critérios de seleção dos filmes sejam repensados, além disso, Ferreira (2015) considera que ao selecionar menos filmes para a Mostra Competitiva, torna-se possível, logo após a exibição, um debate sobre as produções, com o intuito de instigar e incomodar o público, procurando dialogar com as várias impressões e reflexões proporcionadas pelo filme.

Ferreira (2015) aponta que sua pesquisa contribui para aprofundar reflexões sobre o uso do termo "cinema ambiental" e suas concepções; sobre os critérios estabelecidos nos festivais de cinema ambiental; e sobre o potencial educador dos filmes ambientais.

3.1 Considerações sobre o estado da arte

A palavra-chave *cinema ambiental* (sem aspas) teve como resultado 87746 pesquisas. Nota-se que, ao pesquisar esta mesma palavra-chave com aspas ("cinema ambiental") o retorno foi de 11 arquivos. A partir deste montante, separamos as teses/dissertações para embasar nosso Estado da arte.

Outras palavras-chave foram empregadas, sempre utilizando aspas, como por exemplo: "ecocinema"; "cinema ecológico"; "cinema ambientalista"; as quais não apresentaram nenhum resultado.

A palavra-chave "cinema ambiental e educomunicação" também não teve nenhum retorno. Contudo, ao pesquisar "cinema ambiental" e "educomunicação", a mesma retornou 1144648 arquivos. Entre os resultados, estavam alguns trabalhos já utilizados aqui. Por se tratar de um grande volume, decidimos nos ater aos estudos que englobam cinema ambiental, os quais também apresentam argumentações em relação ao uso pedagógico. Além disso, a partir dos títulos, pode-se verificar que a partir do momento que colocamos as palavras-chave separadas entre aspas, o resultado não foi tão preciso. Ou seja, em sua maioria, com exceção dos arquivos já utilizados, eles não abordavam diretamente o tema ao qual se propõe este estudo.

Mesmo verificando que as pesquisas encontradas não abordavam narrativas ambientais poéticas, decidimos buscar essa palavra-chave (entre aspas) no banco de teses e dissertações da Capes. Seja no plural ou no singular, não houve o retorno de nenhum arquivo.

Outra forma de pesquisa foi feita, especificando “cinema ambiental” + educomunicação. Esta teve 85 resultados. Destes, apenas cinco arquivos foram selecionados. Foram estes:

- A tese “Vozes da (trans)formação docente na perspectiva da Comunicação docente”, de Gláucia Silva Bierwagen, do ano de 2021.
  Bierwagen (2021) faz apontamentos sobre o que é educação e apresenta reflexões sobre a educomunicação e o educomunicador.
- A tese de Débora Gallas Steigleder, “A contribuição do processo educomunicativo aos princípios do Jornalismo Ambiental: uma proposta de reflexão epistemológica a partir de experiência com estudantes de ensino médio”, do ano de 2021.
  Apresenta reflexões sobre educomunicação socioambiental.
- A dissertação “Educomunicação: um paradigma para pensar as tecnologias, a educação e os direitos humanos”, de Luciana Klein (2020).
  Apresenta o legado de Paulo Freire e Edgar Morin para educação.
- A tese “Comunicação, Educação e Interação: a mediação de tecnologias audiovisuais interativas”, de David Calisto Come, de 2021.
  Discorre sobre a relação entre a comunicação e a educação, embasada na educação dialógica e libertária de Paulo Freire e na comunicação educativa e participativa de Mário Kaplún.
- A dissertação “Educomunicação socioambiental – narrativas da periferia”, de Marcela Cristiane Ribeiro Brito, de 2021.
  Esta dissertação traz uma importante reflexão sobre como a educação na interface com a comunicação caminha com a educação ambiental, ao alertar sobre os rumos necessários para construção de uma sociedade sustentável.

A partir do levantamentodo estado da arte e da consulta ao banco da Capes, podemos percebemos que a nossa proposta de se debruçar sobre narrativas ambientais tecidas pelo poético, ainda não foi o foco de abordagem de nenhuma pesquisa, pelo menos não até o mapeamento encontrado então.

Portanto, a nossa aposta de se lançar sobre esta via, pode possibilitar um novo olhar acerca das questões ambientais, ou ao menos, contribuir para isso.

4 DA CRISE AMBIENTAL À EDUCOMUNICAÇÃO

Este capítulo, dividido em três partes, tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre crise ambiental, educação ambiental e educomunicação. Destaca-se a importância da educação para a sociedade, em prol de ações inerentes para a conservação ambiental e para a compreensão acerca da relação do ser humano com o meio ambiente. Nesse sentido, as contribuições de Edgar Morin; Marcos Reigota; Leonardo Boff; Ana Godoy; Ailton Krenak e Moacir Gadotti são essenciais. Em seguida, discorre-se sobre a educação dialógica de Paulo Freire, com as contribuições de Cicilia Peruzzo, e na esteira educomunicativa, Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares.

4.1 Meio ambiente e Sociedade

> A Terra é um pequeno cesto de lixo cósmico transformado de maneira improvável não apenas num astro muito complexo, mas também num jardim, nosso jardim. A vida que ela produziu, da qual ela usufrui, da qual usufruímos, não surgiu de nenhuma necessidade a priori. Ela é talvez única no cosmos, é a única no sistema solar, é frágil, rara, e preciosa por ser rara e frágil (MORIN; KERN, 2011, p. 64).

A era planetária se inicia com o descobrimento da Terra. Porém, "assim como a Terra não é o centro do cosmos, a Europa não é o centro do mundo" (MORIN; KERN, 2011, p. 22).

O desenvolvimento econômico, "unifica e divide, iguala e desiguala". O que abarca em uma maior desigualdade social, bem como no consumo acelerado dos recursos naturais, para atender ao capitalismo (MORIN; KERN, 2011, p. 34).

> Estranha mundialização: consumimos como espectadores as tragédias, hecatombes, horrores deste mundo, mas também participamos da vida dos outros e nos comovemos com suas infelicidades. Ainda que por uma fração de segundo, a emoção humana irrompe e vai-se levar roupas e contribuições aos serviços internacionais de ajuda e às missões humanitárias (MORIN; KERN, 2011, p. 40).

Assim, devemos pensar maneiras de coexistência, de formas que nos levem a compreender que para evitar o fim da biodiversidade do planeta e da vida humana, precisamos agir coletivamente (MORIN; KERN, 2011).

À medida que o neoliberalismo foi se impondo, desde a década de 1980, o mundo vive em permanente estado de crise, como por exemplo, a pandemia do coronavírus (SANTOS, 2020).

A quarentena imposta pela pandemia evidenciou a vulnerabilidade de grupos marginalizados, pois, para muitos era quase ou totalmente impossível seguir as

recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), por viverem em condições precárias, além de precisarem trabalhar em condições de risco para alimentarem as suas famílias. Percebe-se, então, a necessidade das sociedades descobrirem alternativas para uma convivência que corresponda com o bem comum (SANTOS, 2020).

Em suma, em um panorama sociológico, a pandemia reflete que os mais afetados são aqueles em situação discriminatória e de desigualdade, que vivem precariamente. Ou seja, são os grupos historicamente marginalizados, como mulheres, trabalhadores informais, moradores de rua e de periferias, entre outros (SANTOS, 2020).

Para enfrentar as mazelas produzidas pelo capitalismo, devemos pensar em um modo de coabitar o planeta de forma responsável com o intuito de diminuir os desastres ambientais como perda da biodiversidade, aquecimento global, escassez dos recursos naturais, enfim, necessitamos de projetos políticos e civilizatórios, de um olhar que transcende os interesses meramente econômicos (SANTOS, 2020).

Santos (2020) coloca em pauta problemas sociais que são resultantes do capitalismo e colonialismo, os quais se manifestam através da divisão de classes, degradação ambiental, exclusão social, pobreza, entre outros.

A visibilidade de tais temas pode ser possível através da arte. Ou seja, a arte pode servir como ponte para promover questões socioambientais. Como por exemplo, a intervenção artística. Eduardo Srur[2], por meio de suas intervenções, desperta reflexões sobre o atual cenário ambiental. Em 2008, Srur ocupou as margens do poluído rio Tietê (São Paulo) com garrafas plásticas de refrigerante gigantes – as quais mais tarde foram transformadas em mochilas para crianças de escolas públicas (DA ROCHA, 2022).

As intervenções artísticas de Eduardo Srur, artista visual brasileiro, dialogam com as questões ambientais. Com o intuito de espalhar mensagens em prol da problemática ambiental em que nos encontramos, Srur busca provocar reflexões, por meio de sua arte, sobre nossos hábitos perante a degradação ambiental (GABRIEL, 2019).

Assim, ao ressignificar objetos comuns, Srur promove o estranhamento e nos retira da condição anestésica do nosso dia a dia. Ou seja, dessa forma, o artista promove a possibilidade de sensibilizar a sociedade para refletir sobre a crise ambiental.

[2]Eduardo Srur, artista independente, vive e trabalha em São Paulo. Informação disponível em: https://www.eduardosrur.com.br/oartista/biografia. Acesso em: 30 de nov. 2022.

Já o artista brasileiro Vik Muniz[3], por meio do documentário *Lixo Extraordinário* (2010), mostrou a dura realidade dos catadores de lixo no aterro do Jardim Gramacho, em Duque de Caxias (Rio de Janeiro), e a possibilidade de transformação do lixo produzido na sociedade contemporânea. A prática artística pode possibilitar reflexões transformadoras bem como abordar temas que vão desde mudanças climáticas à exploração animal (DA ROCHA, 2022).

Entre tantas questões globais urgentes que precisam ser discutidas, neste trabalho buscamos refletir sobre os problemas ambientais. Constantemente recebemos notícias sobre aquecimento global, desmatamento, poluição, desastres naturais, sendo muito deles irreversíveis. Como por exemplo, uma reportagem postada em 27 de janeiro de 2023, na página da CNN Brasil, que traz um estudo sobre a degradação de mais de um terço da Amazônia por causa de atividade humana[4]. Portanto, é cada vez mais urgente discutir e buscar alternativas referente à degradação ambiental. A arte pode ser utilizada como ferramenta educativa para aproximar o ser humano da natureza, ao alertar sobre a crise ambiental.

O cinema, por exemplo, pode chamar a atenção para repensar a relação do ser humano com o meio ambiente, ao sensibilizar os espectadores sobre os impactos que ocorrem na natureza, resultado da exploração descontrolada. Se antes as maravilhas naturais do planeta nos inspiravam por sua beleza e esplendor, hoje nos fazem capturar e retratar paisagens que sofrem com as nossas ações, como a poluição dos oceanos.

Ainda sobre a crise ambiental, pensemos na ecologia rasa e na ecologia profunda. A ecologia rasa é antropocêntrica, ou seja, centrada no ser humano – colocando-o acima ou fora da natureza. Já na ecologia profunda não há essa separação. Temos ainda a ecologia social e a ecologia feminina ou ecofeminismo. O foco da ecologia social são as características e os padrões culturais. Já o ecofeminismo aborda a dominação social dentro do contexto do patriarcado. Ou seja, a dominação patriarcal de mulheres conecta-se também com a exploração da natureza (CAPRA, 2006).

Para Capra (2006), na perspectiva ecológica, o mundo é como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes. Além disso, a ecologia considera o ser humano também em sua dimensão espiritual. Assim, reconectar-se com a teia da vida consiste em construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis. Ser ecologicamente alfabetizado representa

[3]Vik Muniz nasceu em São Paulo, vive e trabalha em Nova York e no Rio de Janeiro. Informação disponível em: https://vikmuniz.net/pt/bio. Acesso em: 30 de nov. 2022.
[4]Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/atividade-humana-degradou-mais-de-um-terco-da-floresta-amazonica-restante-aponta-estudo/. Acesso em: 01 de fev. 2023.

apreender os princípios de organização dos ecossistemas e aplicá-los para criar comunidades humanas sustentáveis.

Capra (2006) ressalta que existem diferenças entre ecossistemas e comunidades humanas. Ele pontua que nos ecossistemas não há autopercepção, linguagem, consciência e cultura. Ou seja, nos ecossistemas não há justiça nem democracia, assim como não há cobiça nem desonestidade. Assim, não podemos aprender sobre valores e fraquezas humanas com eles. Contudo, podemos aprender como é viver de maneira sustentável. E, podemos usar alguns princípios básicos da ecologia para construir comunidades humanas sustentáveis. Destacamos aqui dois deles.

O primeiro é a interdependência. Neste, todos os membros de uma comunidade sustentável estão interligados. A interdepedência é a natureza de todas as relações ecológicas. Ou seja, o comportamento de cada indivíduo do ecossistema depende do comportamento dos outros. Assim, o sucesso da comunidade depende do sucesso daqueles que a compõem, assim como o sucesso de cada um depende do sucesso da comunidade como um todo. Compreender a interdependência ecológica representa compreender relações (CAPRA, 2006).

A natureza cíclica dos processos ecológicos é outro importante princípio da ecologia. A realimentação dos ecossistemas é a maneira de garantir a reciclagem contínua dos nutrientes. Destaca-se também a importância de se compreender que o resíduo produzido por um indivíduo é alimento para outro. O que resulta num ecossistema livre de resíduos (CAPRA, 2006).

A partir do exposto, fica evidente que economia e ecologia estão em total desacordo; Enquanto a natureza é cíclica, os sistemas industriais são lineares. Ou seja, as atividades comerciais transformam os recursos em produtos e em resíduos, ao passo que, ao consumir estes produtos acabamos gerando ainda mais resíduos. Portanto, os modelos sustentáveis de produção e consumo devem ser cíclicos, reproduzindo os processos cíclicos da natureza. Para isso, é indispensável criar um planejamento tanto para as atividades comerciais quanto para a economia. Já que a economia reforça a competição, a expansão e a dominação, enquanto a ecologia destaca a cooperação, a conservação e a parceria (CAPRA, 2006).

Devemos também pensar de forma ecológica a comunicação, como sugere Vicente Romano, visto que “a Ecologia da Comunicação estabelece um vínculo entre comunicologia e ecologia humana” (MIKLOS, 2017, p. 7).

Além disso, para Miklos, a partir de Romano, a Ecologia da Comunicação

> propõe um novo imaginário. Um outro imaginar/agir comunicacional. O novo imaginário da Ecologia da Comunicação está integrado e em profundo

> diálogo com o Paradigma Ecológico da Ecologia Profunda, proposto por Capra que propõem o ecocentrismo no lugar do antropocentrismo; em diálogo também com a Ecologia Integral de Leonardo Boff que se define por uma atitude Holístico-ecológica que olha para a Interdependência, a relação e bem comum cósmico nas esferas psíquicas, ambientais e sociais (MIKLOS, 2017, p. 6).

Assim, compreende-se que os processos comunicacionais precisam ser ecológicos, visto que, estamos na era geológica do antropoceno. Uma era que sinaliza grande ameaça ao planeta Terra, como aquecimento global, efeito estufa entre outros eventos que ameaçam a vida de todos os seres e a perda da biodiversidade. É urgente mudar a nossa relação com a Terra e a natureza. Não podemos apenas usufruir de seus recursos de forma desmedida, mas sim de forma consciente, respeitando seus limites e pensando nas gerações futuras. Assim, devemos agir para que a era do antropoceno termine e se inicie a era do ecoceno. Ou seja, uma era que garante a manutenção de toda a vida, a partir de uma razão cordial e sensível. Para isso, o ser humano precisa se reinventar e ter ciência da importância de desenvolver uma relação amigável com a Terra[5].

Os esforços para combater problemas ambientais, desigualdade social entre outros, podem ser vistos na Agenda 2030 e em seus 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Social). Os quais são: 1) Erradicação da pobreza; 2) Fome zero e agricultura sustentável; 3) Saúde e bem-estar; 4) Educação de qualidade; 5) Igualdade de gênero; 6) Água potável e saneamento; 7) Energia limpa e acessível; 8) Trabalho decente e crescimento econômico; 9) Indústria, inovação e infraestrutura; 10) Redução das desigualdades; 11) Cidades e comunidades sustentáveis; 12) Consumo e produção responsáveis; 13) Ação contra a mudança global do clima; 14) Vida na água; 15) Vida terrestre; 16) Paz, justiça e instituições eficazes; 17) Parcerias e meios de implementação[6].

A Agenda 2030 busca ajudar as pessoas e o planeta ao reconhecer a necessidade de se erradicar a pobreza e de fortalecer o desenvolvimento sustentável, visto que enfrentamos uma crise ambiental e grande desigualdade social.

Os esforços para alcançar os objetivos propostos na Agenda 2030 devem partir de todos os países, em especial dos mais desenvolvidos, já que estes possuem mais recursos para ajudar países mais pobres e subdesenvolvidos.

---

[5]Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/572201-a-era-geologica-do-antropoceno-versus-a-do-ecoceno. Acesso em: 21 de dez. 2022.
[6]Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em: 01 de dez. 2022.

A educação é outro ponto importante para nos ajudar a enfrentar tais problemas. Por meio dela temos a possibilidade de construir consciência crítica, de nos posicionar e de nos unir para enfrentar injustiças e buscar melhorias para todos.

A educação não serve apenas para nos alfabetizar, ela é também, como defende Paulo Freire, um ato político, transformador e de liberdade. Não devemos aceitar de forma submissa as informações que recebemos, mas sim, sermos estimulados a desenvolver nossa criticidade.

Além disso, educação carrega múltiplos conceitos e significados. “Para os gregos, especialmente os sofistas, por meio da Educação os homens (lembrando que as mulheres não estavam inseridas nesse tipo de educação) se tornavam melhores e mais felizes” (BIERWAGEN, 2021, p. 96).

O vocábulo educomunicador é mencionado nos textos de Mario Káplun, o qual se refere às atividades na América Latina (década de 1970), como leitura crítica dos meios, comunicação para educação e comunicação educativa. Já para Ismar de Oliveira Soares, o termo Educomunicação passou a ser frequente, a partir de 1999, nos textos do grupo de pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação, da Universidade de São Paulo (NCE-USP). Mas foi, a partir de 2000, que a expressão Educomunicação foi difundida na América Latina (BIERWAGEN, 2021).

Bierwagen aborda outro ponto importante discutido por Soares, que é o vocábulo ecossistema, o qual se aproxima da imagem dada pela ecologia, ao considerar as divergentes relações e as interconexões do mundo físico, biológico e social da vida. Assim, Educomunicação parte da perspectiva de fortalecer ecossistemas comunicativos em distintos ambientes do relacionamento humano, abertos ao diálogo e à participação. Além disso, para Soares, Educomunicação é um campo de mediações. A interface da Comunicação e Educação é abrangente, visto que parte da premissa da concepção de ecossistemas educomunicativos democráticos (BIERWAGEN, 2021).

De acordo com Paulo Freire, não há comunicação sem diálogo, e não há educação sem comunicação. E, é com base no pensamento freireano, que parte a inspiração da Educação Ambiental Crítica, pois esta almeja que o sujeito vá além da adesão mecânica e irrefletida de um comportamento predeterminado. Já a Educomunicação Socioambiental contribui para o campo da Comunicação e da Educação Ambiental (STEIGLEDER, 2021).

> A proposta da Educomunicação Socioambiental encontra correspondência na ideia de alfabetização ecológica, ou ecoalfabetização, elaborada por Fritjof Capra. A alfabetização ecológica reconhece que a integração e relações de interdependência são a base da vida, a qual também está ancorada em elementos não vivos. O conceito se refere, portanto, ao compromisso com a

> construção de comunidades humanas sustentáveis a partir do respeito a todos os elementos que a viabilizam (STEIGLEDER, 2021, p. 75).

Ou seja, segundo Capra, é necessário compreender como funciona a organização dos ecossistemas para a manutenção da vida, portanto, é imprescindível desenvolver uma consciência ecológica, voltada para a observação dos sistemas vivos (STEIGLEDER, 2021).

Com o intuito de intervir na conscientização e na participação crítica dos sujeitos nos ecossistemas comunicativos, a educomunicação busca habilitar os cidadãos a exercerem os seus direitos, especialmente o da liberdade de expressão e do acesso à informação (KLEIN, 2020).

Ressalta-se que, a globalização expandiu os meios de comunicação, portanto, devemos reconhecer que tais mudanças afetam também a prática pedagógica. Por este motivo, o sistema educacional deve aliar os meios de comunicação (como as mídias digitais) como forma de intervenção social, empenhando-se na inserção, participação e no exercício pleno da cidadania dos sujeitos na comunidade (KLEIN, 2020).

Partindo dessa premissa, compreende-se que a educação é um direito humano e a forma mais eficiente de possibilitar o crescimento pessoal, ao ampliar o conhecimento. A educação crítica, emancipadora e transformadora, proposta por Paulo Freire, defende a curiosidade do educando e critica veementemente professores autoritários. Para Freire, a curiosidade é fundamental para impulsionar o educador a estar em constante aprendizado (KLEIN, 2020).

Já Edgar Morin ressalta que, “educação deve, sobretudo, assumir-se humana, reconhecendo as suas condições biofísicas e psico-sócio-culturais, que também caracterizam os referidos processos” (KLEIN, 2020, p. 36).

Para Morin, educação não é somente a transmissão de conhecimentos, mas sim uma maneira de se relacionar com o mundo. Portanto, ele destaca a importância de se interligar os saberes, ou seja, ele defende uma reforma educacional para a complexidade – pois o conhecimento em partes não é o bastante para se conhecer o conjunto (KLEIN, 2020).

Diferente do pensamento complexo, o pensamento simplificado (ou fragmentado), segundo Morin, impõe muitos desafios, pois dificulta dialogar com a complexidade do universo e seus sentidos inesgotáveis. Assim, o pensamento complexo possibilita o entendimento e a ligação das partes. Para Morin, conhecimento não é apenas o reflexo das coisas ou do mundo externo, para ele, “todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e

reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos" (KLEIN, 2020, p.51).

Freire acredita que educar está pautado em ouvir as pessoas e discutir sobre a realidade em que estão inseridas, incentivando-as a mudar. Além disso, a sala de aula deve ser um espaço de diálogo, de participação. Morin também defende que o ensino deve contribuir para o desenvolvimento crítico do educando. Para este autor, deve-se auxiliar o desenvolvimento do pensamento humano (KLEIN, 2020).

> A partir do legado de Paulo Freire e Edgar Morin, entende-se que processo de superação da opressão e da violação dos direitos humanos deve nascer dos oprimidos. Para isso acontecer, os oprimidos precisam dar-se conta de sua realidade para, então, lutarem pela transformação da opressão e da violação (KLEIN, 2020, p. 52).

Portanto, deve-se educar para desenvolver o pensamento crítico e consequentemente formar sujeitos capazes de exercer a cidadania. Assim, a educomunicação tem como proposta provocar no educando a reflexão dos acontecimentos que ocorremem seu entorno e fortalecer a cultura de direitos humanos (KLEIN, 2020).

Tanto para Paulo Freire quanto para Mário Kaplún, a educação e a comunicação são processos e práticas codependentes, com base na reciprocidade e na participação. Assim, pode-se relacionar a comunicação e a educação com base na educação dialógica e libertária de Freire e na comunicação educativa e participativa de Kaplún (COME, 2021).

Outro ponto importante defendido por Freire refere-se ao diálogo, em sua concepção, este deve estar presente em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem, pois o ser humano não se faz no silêncio (COME, 2021).

O modelo educativo, com base em Kaplún e Freire, parte da relação educador-educando. Ou seja, o educador assume um papel de facilitador, contribuindo assim, para o desenvolvimento de habilidades, criatividade, autonomia e cooperação (COME, 2021, p. 39).

Para que uma educação seja dialógica, segundo Freire, exige-se respeito à autonomia e aos saberes dos educandos, desenvolvimento da curiosidade crítica, abertura ao novo, a reprovação a qualquer forma de discriminação e reconhecimento da identidade cultural. A comunicação, de acordo com Kaplún, é outro componente pedagógico. Para ele, o ato de educar se desenvolve e efetiva quando há um embasamento comunicacional (COME, 2021).

O ato de questionar a realidade nas práticas educomunicativas são reflexos dos pensamentos de Kaplún e Freire. Por se tratar de um novo caminho a ser percorrido, "as iniciativas nesta interface educação/comunicação rompem com os paradigmas que orientam o

ensino tradicional, pois empoderam os atores sociais a amplificar suas vozes" (BRITO, 2021, p. 34).

Ou seja, a comunicação ocorre num processo coletivo, no qual cada pessoa tem o papel de gerar mensagens e compartilhá-las a partir de suas experiências, bagagem cultural e da sua própria realidade. Dessa forma, entende-se que a comunicação não é um privilégio, mas sim um direito. Logo, a educomunicação parte da premissa de que a comunicação não deve ser exclusivista, excludente e elitista, mas sim, democrática (BRITO, 2021).

> A educomunicação perpassa o ato de educar, mas não o de transferir, de depositar, de dar comunicados. Ismar de Oliveira Soares defende a prática educomunicativa como resultado da comunicação dialógica e participativa formando um ecossistema comunicativo. Ao afirmarmos que esta forma de interação através da harmonia entre duas grandes áreas proporciona transformação social, acreditamos que cada jovem inserido neste ecossistema comunicativo é potencialmente capaz de atuar como ser social que questiona, propõe e atua para modificar a realidade (BRITO, 2021, p. 41).

A partir do exposto, percebe-se a importância da educomunicação para transformação social, pois ela possibilita o engajamento dos atores sociais através de suas narrativas. O ato de narrar histórias possibilita que cada pessoa apresente sua interpretação, a partir da sua realidade, perante as informações veiculadas pelas mídias. Por exemplo, a temática ambiental ganha espaço quando a pessoa relaciona os desastres ambientais à sua rotina, como falta de abastecimento de água em seu bairro (BRITO, 2021).

Vale lembrar que a Carta da Terra enfatiza que não somos proprietários do planeta e nem de seus bens naturais, mas sim zeladores que devem atuar pela preservação das vidas. Portanto, devemos assumir o compromisso de cuidar e respeitar a natureza e suas espécies. E é neste cenário que a Educação Ambiental se apresenta como um dos caminhos para mobilizar os cidadãos a agir em prol do meio ambiente (BRITO, 2021).

O século XXI é marcado pelas tecnologias e pelas diversidades informativas, as quais são disseminadas nos meios de comunicação convencionais, alternativos ou plataformas digitais. E, dentre tantas informações estão os desastres ambientais e as consequências da ação humana no meio ambiente que afetam além de vidas humanas, todo o planeta (BRITO, 2021).

É neste cenário que se debatem as questões ambientais, e é aí que a educomunicação encontra terreno fértil. Além disso, a educomunicação socioambiental traz questionamentos que vão em contrapartida ao que é propagado pela mídia comercial, mobilizando os atores sociais ao debate sobre a realidade e sobre o que é produzido pela mídia. Assim, a educação

na interface com a comunicação move-se com as lutas da Educação Ambiental, pois comunica e alerta como prosseguir rumo a uma sociedade sustentável (BRITO, 2021).

4.2 Educação ambiental: contribuições e desafios

> Pensar as nossas relações cotidianas com os outros seres humanos e espécies animais ou vegetais e procurar alterá-las (nos casos negativos) ou ampliá-las (nos casos positivos) numa perspectiva que garanta a possibilidade de se viver dignamente é um processo (pedagógico e político) fundamental e que caracteriza essa perspectiva de educação (REIGOTA, 2009, p. 13).

Desde a Revolução Industrial, os seres humanos transformaram a atmosfera da Terra, comprometendo nosso planeta com condições climáticas mais extremas, aumento do nível do mar, derretimento das calotas polares e extinção em massa. Este período de impacto humano observável nos ecossistemas da Terra é chamado de Era Antropoceno. O termo Antropoceno surgiu nos anos 80 – criado pelo químico Paul Crutzen e pelo ecologista Eugene Stoemer –, época em que as ações humanas estariam afetando globalmente o planeta. Além disso, o crescimento populacional resultou num aumento significativo de fornecimento de alimentos, água, energia e bens de consumo (ARTAXO, 2014).

É imprescindível que os hábitos de consumo e os padrões de vida sejam repensados, com o intuito de garantir a sobrevivência da humanidade e o respeito ao ambiente, isso só é possível com o apoio e a participação de todos. Como primeiro passo para os processos de mudanças e criação de novos hábitos, a educação ambiental é o caminho para compreensão da responsabilidade de cada um perante o planeta (BARBIERE; FERREIRA, 2018).

Essa explicação que relaciona o aumento da população com a escassez dos recursos naturais fez parte de debates acadêmicos e políticos e esteve presente nos meios de comunicação nos anos 1960, 1970 e 1980. Reigota destaca ainda que, outro ponto presente nas primeiras décadas da educação ambiental era a de relacioná-la com a proteção e a conservação de espécies animais e vegetais. Dessa forma, a educação ambiental estava mais próxima da ecologia biológica, como se os problemas sociais e políticos não fossem motivo de preocupação (REIGOTA, 2009).

Contudo, Reigota (2009) pontua que o que deve ser considerado na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza. Em suas palavras:

> A educação ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a

> vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética (REIGOTA, 2009, p. 15).

Além disso, Reigota (2009) considera que os meios de comunicação também exercem um papel educativo relevante quando apresentam filmes, artigos e reportagens acerca de questões ambientais, em especial quando estes promovem debates e dão ouvidos às pessoas que vivem esses problemas e buscam soluções. Em suma, a educação ambiental como educação política relaciona-se com a construção de conhecimentos, diálogo, participação e intervenção de diversos atores sociais. Para ele, a educação ambiental não é uma disciplina, mas uma perspectiva pedagógica e política, empenhada em estabelecer uma sociedade sustentável e mais justa.

Nesse sentido, introduzir a educação ambiental em diversas disciplinas possibilita despertar o interesse dos alunos dentro e fora da escola, para intervir de forma responsável tanto nas questões ambientais como sociais, tornando-os capacitados em participar de maneira ativa a fim de buscar alternativas para reduzir os impactos ambientais bem como o uso racional dos recursos naturais.

Reigota (2009), a partir da Carta de Belgrado[7], apresenta os objetivos da educação ambiental e tece comentários sobre cada um, os quais são apresentados resumidamente a seguir:

I. Conscientização – "conscientizar", de acordo com Reigota (2009, p. 53), significa chamar a atenção para os problemas planetários, como desmatamento, armas nucleares, entre outros.
II. Conhecimento – este precisa ser democrático e acessível a todos, com o intuito de possibilitar diálogos na busca de soluções socioambientais. Deste modo, "a educação ambiental não transmite só o conhecimento científico, mas enfatiza e provoca a necessidade de diálogo entre todo tipo de conhecimento, inclusive com a arte" (REIGOTA, 2009, p. 54).
III. Comportamento – Para Reigota (2009, p. 55) "não adianta só falar do meio ambiente, mas também mudar os comportamentos", o que não é simples. Além disso, a educação ambiental deve estar atenta para não propagar ou fomentar discursos moralistas, mas

[7]Elaborada no Seminário Internacional de Educação Ambiental, realizado em Belgrado (Iugoslávia), em outubro de 1975.

sim, sugerir e buscar alternativas.

IV. Competência – Para Reigota (2009, p. 56) “a educação ambiental pode auxiliar na superação das lacunas ou a ausência de competências específicas e necessárias” tanto para buscar alternativas como para provocar e promover diálogos em prol de soluções para enfrentar os problemas cotidianos.

V. Capacidade de avaliação – traduzir e discutir a linguagem técnico-científica de projetos para a compreensão de todos. Ou seja, “é fundamental para a participação do cidadão e da cidadã poder decifrar a linguagem dos projetos, de riscos ambientais elaborados por técnicos especializados” (REIGOTA, 2009, p. 57).

VI. Participação – Aqui, Reigota destaca quatro entre os 27 princípios de ação elaborados durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992. Em suma, são estes: o das responsabilidades comuns – em que os Estados devem atuar para cooperação mundial, tendo como propósito conservar, proteger e restabelecer a saúde e a integridade do ecossistema terrestre, além de disponibilizar recursos financeiros; da equidade, direito e desenvolvimento da geração atual e futura; da precaução e incertezas científicas – em caso de risco de consequências graves ou irreversíveis, adotar medidas efetivas com o objetivo de prevenir a degradação ambiental; e da participação e exigência do bom governo - garantir, facilitar e estimular a participação da população, disponibilizando informações (REIGOTA, 2009).

A partir do exposto, compreende-se que a educação ambiental é mais do que meramente a transmissão de conteúdos. Ela busca ampliar a participação de alunos e alunas como cidadãos e cidadãs, de forma crítica e reflexiva. Além disso, Reigota (2009, p. 94-95) vê a educação ambiental como “uma perspectiva de educação comprometida com as questões e os desafios de sua época e é nessa possibilidade que devemos investir nosso tempo, nossa reflexão e nossa atuação”.

A educação ambiental transmite conhecimentos sobre a situação atual bem como perspectivas futuras, ela leva à sociedade informações sobre os aspectos ecológicos, econômicos e culturais, além de incentivar cidadãos e cidadãs sobre a importância de cuidar e preservar a natureza. Portanto, devemos tratar das questões ambientais de maneira integrada, com responsabilidade e cuidado pelo futuro comum da Terra e da humanidade. Já que o ser humano, o planeta Terra e a natureza pertencem um ao outro (BOFF, 2003).

Nesse contexto, com base em Godoy (2008, p. 150), "hoje se atribui à ecologia, por meio do conservacionismo, o papel de salvadora e guardiã". Contudo, a autora relata:

> A vida não se mede pela ecologia, pelas noções que ela cria, pelas ações que ela determina ou pelos comportamentos que ela prescreve. A vida inventa ecologias segundo ela própria, sem nada tomar senão o que precisa para tanto. Ela acrescenta algo onde só havia espécies para dali extrair um animal, uma planta, uma cor, um som. A menor das ecologias não está a serviço da ação universal que convoca à participação, meio de conservação do mundo. Ela põe a vida em reticências, afirmando-a como insubordinável. Recusar a vida que só pode ser produzida é afirmar a vida que distribui diferenças, e nisso e por isso inventa ecologias, vida não apaziguada na felicidade mesquinha das ações cumpridas (GODOY, 2008, p. 128).

Para Godoy (2008, p. 60), "o menor aponta para uma potência de devir". A menor das ecologias não significa uma ecologia de minorias ou alternativa, mas sim, de reconhecer e incluir grupos minoritários dentro de um padrão majoritário. Portanto, a menor das ecologias é uma proposta de exploração, de expansão, de criação, não só de conservação. A menor das ecologias sugere uma maneira de habitar. Já a ecologia maior, segunda a autora, atua como a única possibilidade de conhecimento sobre a vida, de conservação. Em suas palavras:

> Acreditar na morte eminente do planeta torna todos e cada um mais dóceis, mais afeitos às conclamações gerais à participação: cada um deverá dar sua contribuição, seja defendendo os direitos dos mais diferentes grupos – principalmente daqueles que se mostram úteis para as tarefas da conservação –, seja estendendo-os a quantos ainda não estão contemplados – plantas, animais e minerais. Trata-se de julgar a vida para melhor conservá-la, em proveito de um ideal de vida dado pelo encontro entre Ciência e Estado, ideal nunca alcançado: não cuidamos, não participamos, não compartilhamos o suficiente; não somos suficientemente bons, não estamos à altura da vida, ou não somos dóceis, responsáveis e conscientes o bastante. Devemos estar permanentemente atentos a cada pequeno desequilíbrio, a cada ruído que ameaça o corpo e as relações. Caso contrário, põe-se em risco a totalidade orgânica. A vida, para a ecologia maior, é sempre um ideal a ser perseguido (GODOY, 2008, p. 277).

A menor das ecologias não está no campo das soluções, ela não reconhece territorialidades e soberanos, não pertence a regimes políticos. Assim, o menor dos ecólogos rompe com as atribuições oficiais e institucionais, de conservador da vida. Godoy (2008, p. 221) pontua que "a questão é sempre *resistir*, mas, sobretudo, inventar o modo de resistir para poder continuar respirando". Portanto, as reflexões da autora, assim como as de Reigota (2009), apontam para uma ecologia além da conservação, pois é na margem que a ecologia e a educação podem provocar transformações e potencializar mensagens para nos sensibilizar em relação aos problemas ambientais.

Para isso, Reigota (2011) vê duas possibilidades teóricas de reforço à ecologia global: *A Teoria da Justiça*, de John Rawls; e a *Antropofagia*, de Oswald de Andrade.

> A Teoria da Justiça traz novos elementos, sobretudo no plano da política e do direito internacional, além de contribuir com os aspectos sociais e culturais. Desenvolvida no Norte e tendo como referência os países industrializados e democráticos, essa teoria procura garantir a distribuição dos bens coletivos, priorizando as camadas mais pobres dos países ricos (REIGOTA, 2011, p. 45).

Reigota pontua que o primeiro reforço, *A Teoria da Justiça*, é pouco estudado pelos teóricos do Sul. O segundo reforço, apresentado por ele, é a *Antropofagia*, a qual "nas relações Norte/Sul, coloca o Sul em situação de parceria e diálogo entre os desiguais, e não de submissão política e/ou cultural" (REIGOTA, 2011, p. 47).

No *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, lançado em 1924, Oswald de Andrade escreveu que devemos aprender o que a floresta e a escola têm a nos ensinar, "tendo a perspectiva utópica de síntese antropofágica de ambas". Esse manifesto amplia a voz de grupos sociais marginalizados (REIGOTA, 2011, p. 56).

> Nos textos denominados "Pau Brasil", o autor estabelece um diálogo/ confronto constante entre culturas e representações diferentes. Para realizar o seu objetivo de fundar uma noção da especificidade do país num contexto de autonomia, originalidade e modernidade, utiliza referenciais estéticos e teóricos externos, não no intuito de comparar o Brasil, segundo esses critérios, mas sim como ferramentas que, "deglutidas", permitem desconstruir a história oficial contada pelos brancos, colonizadores, acadêmicos e poetas conservadores. E reconstruí-la sob diversas interpretações possíveis, através dos marginalizados que foram vencidos, esquecidos, abandonados ou exterminados, evidenciando, sem nostalgia, as possibilidades sociais perdidas, reconstruindo as utopias ainda vivas e por explorar (REIGOTA, 2011, p. 53-54).

Em 1928, Oswald escreve o *Manifesto Antropófago* – que ganhou esse nome por causa do quadro *Abaporu*, de Tarsila do Amaral –, "nesse manifesto, a palavra "antropofagia" é lançada com o objetivo de agredir e provocar a imaginação do leitor, com a lembrança desagradável do canibalismo". Oswald destaca a cultura indígena e sua importância na formação do país, bem como seu extermínio, evangelização e resistência (REIGOTA, 2011, p. 54-55).

À vista disso, e já que a ecologia global também se relaciona com as questões de gênero, multiculturalismo, participação política de grupos marginalizados e daqueles sem representação, entre outros; Reigota (2011) afirma que os manifestos oswaldianos evidenciam a importância do multiculturalismo, o que deve ser levado em conta tanto na educação em geral quanto na educação ambiental.

Esses manifestos ressaltam “a riqueza da formação multicultural da sociedade brasileira, longe dos equívocos da miscigenação pacífica, sem ufanismo nacionalista, rejeitando todo exotismo estético e as ideias colonialistas e neocolonialistas”. Colaboram também para a compreensão do contexto atual, onde o maior desafio é de garantir identidades específicas a partir de preceitos étnicos, religiosos entre outros; e de construir uma identidade global, flexível e em constante mutação, que permita tanto a sobrevivência de espécies animais e vegetais como de culturas e povos (REIGOTA, 2011, p. 61).

Os antropófagos e antropófagas, segundo Reigota, circulam entre sistemas dominantes com o intuito de “deglutir o máximo possível, apresentar e desenvolver suas alternativas, sintonizadas com a sua época, exigindo e construindo uma sociedade planetária mais justa, equânime e ecologicamente sustentável” (REIGOTA, 2011, p. 62).

De acordo com Silva, no sentido proposto por Oswald de Andrade, um antropófago é aquele que, ao devorar e digerir o alheio constrói algo novo (SILVA, 2015).

> Em Oswald de Andrade a diferença é, antropofagicamente, aceita, assimilada e transformada. Em Oswald de Andrade, devorar o outro é um exercício erótico, promovido por meio de uma concepção poética de entendimento da nossa realidade e da utópica transformação do indivíduo por meio da integração entre a cultura, a arte e seu modo de vida. Mais do que, apolipticamente, apregoar que as utopias morreram, acreditamos que a volta a Oswald de Andrade e a sua teoria da cultura brasileira, a sua concepção erótica e congregadora da realidade como fonte artística e cultura, em toda a sua polissêmica variedade, é um possível remédio para os males modernos: o ódio, a intolerância, a frustração, a neurose – sintomas de um mundo em que a teoria poética/erótica de transformação está dormindo, incompreendida, mas latente (SILVA, 2007, p. 63).

A antropofagia é um processo tradutório, inclusivo e desierarquizante. Logo, ao tomar a perspectiva antropofágica emprestada para educação, em especial para educação ambiental, temos como possibilidade construir uma educação ambiental que se engaje em produzir diálogos e criar pontes a partir de diferentes culturas e seu povo. Como mote de reflexão, o líder indígena Ailton Krenak nos convida a pensar a sociedade a partir das experiências dos povos originários da América Latina.

De acordo com Krenak (2019, p. 19), vivemos em uma sociedade sem vínculos com a memória ancestral, diferente dos povos originários. Já que, ao retirar as pessoas do campo e da floresta para viver em favelas e periferias para servir de mão de obra, ocorre uma ruptura, pois “essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade”.

Ao se distanciar do seu lugar de origem, a humanidade dá espaço para as grandes corporações, dessa forma, para Krenak (2019, p. 20), "nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios". Portanto, passamos a enxergar a natureza e seus recursos como algo longe de nós, algo que existe apenas para nos servir.

É importante abordar o impacto que as ações humanas causam na Terra, a qual é reconhecida em algumas culturas como mãe e provedora em vários sentidos, não apenas para manutenção da vida, mas também de forma transcendental que dá sentido à nossa existência. Ao despersonalizar rios e montanhas retiramos deles os seus sentidos, desse modo, consideramos que isso é um atributo exclusivamente dos humanos, liberando esses lugares para serem nada mais que um depósito para resíduos gerados pelas atividades industriais e extrativistas. A separação do humano com a natureza faz com que ele se sinta como se não fosse parte dela, transformando-o em consumidor, não em cidadão. Para Krenak, "se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades" (KRENAK, 2019, p. 32).

Krenak (2019) evoca a época das navegações, onde o simples encontro entre os exploradores e os povos originários desencadeou o fenômeno que conhecemos como epidemia, o indivíduo desconhecia que era uma arma bacteriológica em movimento. Sendo um dos desastres daquele tempo, hoje vivemos o desastre do nosso tempo, nomeado Antropoceno.

Krenak destaca ainda que, ao longo do tempo os povos originários eram ameaçados de extinção, contudo, "hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda", e alerta, só o fato de vivermos atualmente a era Antropoceno "deveria soar como um alarme nas nossas cabeças", pois essa era refere-se às ações humanas que resultam na degradação do planeta (KRENAK, 2019, p. 45).

> É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não é o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19[8]. Esse pacote chamado humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (KRENAK, 2020, p. 7).

[8]Doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Covid-19 é classificada como pandemia.

Para Krenak (2020a), os humanos são a praga do planeta. Desde sempre caçamos outras espécies e excluímos humanos que estão à margem do caminho do progresso como os indígenas. Ele acredita que a visão desses humanoides obcecados por riqueza e que aterrorizam o resto do mundo, pode acabar implodindo. Todos serão postos no mesmo patamar, pois estamos vivenciando uma gradual mudança da condição de vida no planeta.

Somos viciados em modernidade e, um dos seus artifícios parte de invenções que se esforçam em projetar humanos para além de seus corpos, como ilusão de continuar existindo. Essa realidade permeada de consumo e entretenimento nos desconecta do organismo vivo da Terra (KRENAK, 2020a).

Para Krenak (2020a), o combustível fóssil, que move o mundo hoje, desde 1990 já deveria ter sido abandonado. Já que, desde o fim de 1970 e do início de 1980, há informações sobre a destruição da camada de ozônio. Portanto, ele questiona, mesmo diante a degradação da camada de ozônio, o máximo que se consegue fazer é trocar de geladeira, por exemplo. Isso acontece, de acordo com Krenak, pois existe um desejo de consumir e, portanto, buscamos soluções sem que a máquina de fazer coisas tenha que ser desligada. Além disso, o sistema capitalista possui a capacidade de nos persuadir para o consumo e para necessidade do novo; carro novo, máquina nova, roupa nova, sempre algo novo.

Para Krenak (2020a), o avanço da ciência criou uma extensão da vida, destituindo a escolha de viver dentro do ciclo da vida e da morte proporcionado pela natureza; permitindo, assim, ampliar a possibilidade dos humanos se alastrarem pelo planeta de forma incontrolável. Para ele, a humanidade continua utilizando todos os artifícios da tecnologia e da ciência, com a ilusão de que todo mundo terá comida, geladeira, leito hospitalar... Ou seja, todos querem nascer em um hospital e posteriormente viver blindados quanto à possibilidade de morrer. Krenak complementa ainda, para ciência e tecnologia a humanidade não será apenas absolvida de suas ações sobre o planeta como também será a última espécie a sobreviver e a sair daqui quando não restar mais nada.

Para ele, o capitalismo quer vender a ideia que somos capazes de reproduzir a natureza. Respaldando que, as ações humanas podem destruir tudo e depois reconstruir. Se a água doce acabar é só dessalinizar o mar, e se não for suficiente para todos, é só eliminar uma parte da humanidade, deixando apenas os consumidores. Krenak salienta que para algumas pessoas somente os ricos sabem viver no mundo, sendo a pobreza responsável pela destruição do meio ambiente. Afirmação que, além de ser racista e classista, também é assassina. Porque ao afirmar que os pobres estão destruindo o planeta sugere também que estes não precisam mais existir (KRENAK, 2020a).

Milton Santos no debate da globalização, de acordo com Krenak, dizia que ela tinha implicações tanto na vida cotidiana, como na cultura, no trabalho e, até mesmo, na concepção de riqueza e pobreza, colocando em questão o próprio paradigma do capitalismo, pois compreendia que um outro mundo não poderia ser a reprodução deste. Contudo, para muitos, a ideia de outro mundo é apenas outro mundo capitalista restaurado. No entanto, muitos povos, tendo como alicerce diferente matrizes culturais, têm o discernimento de que os humanos e a Terra são uma mesma entidade, que respiram e sonham com ela (KRENAK, 2020a).

Ainda no começo do século XX, o mundo do trabalho e da produção contava com ferramentas e meios que não tinham a capacidade de exaurir os recursos do planeta como atualmente. E, diante a desigualdade do mundo, muitos ficaram de fora do balaio civilizatório, os quais não estão comprometidos com o consumo planetário. Não se converteram consumidores e consumidoras vorazes, ocasionalmente consomem algo do mundo industrial, porém não dependem disso para continuar existindo. Para Krenak, esse povo é a cura para o planeta, ele acredita que são capazes de nos contagiar de forma positiva sob um prisma diferente da vida. Para ele, ou ouvimos a voz de todos os seres que habitam o planeta, ou declaramos guerra contra a vida na Terra (KRENAK, 2020a).

Para Krenak (2020a), desacelerar o uso de recursos naturais pode sugerir a ideia de adiar o fim deste mundo. E, mesmo que alguns digam que isso é apocalíptico, a realidade é que essas notícias já são antigas. Krenak reforça que, até mesmo nas religiões dos brancos existe uma história de que nos primórdios, a humanidade se espalhou pelo planeta como uma praga. O que deixou o Deus deles muito zangado, pois estavam deixando o mundo sujo, e o destruiu com um dilúvio. Depois criou outro, mas a humanidade tornou a se comportar do mesmo modo caótico e predatório.

Os povos que vivem na floresta veem sumir a mata, a abelha, as formigas, a flora, as árvores. O mundo ao redor deles está desaparecendo. Os que vivem na cidade não têm essa mesma percepção porque uma padaria, uma farmácia, um supermercado já são mais que suficientes e indispensáveis para o cotidiano (KRENAK, 2020a).

O Ocidente formatou o mundo como uma mercadoria e reproduz isso de forma tão natural que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência plena. Ela recebe informações de como se representar como pessoa e atuar na sociedade, vai ser engenheira, médica, professora, um ser habilitado para atuar no mundo. Krenak (2020a) considera preocupante a escola seguir ensinando a reproduzir esse sistema

desigual e injusto. Para ele, o que nomeiam de educação, nada mais é que uma ofensa à liberdade de pensamento.

Ao percebermos que sozinhos não fazemos diferença, é possível nos abrirmos para outras perspectivas. Para Krenak, é dessa afetação que pode surgir outra compreensão sobre a vida na Terra. Para ele, é irresponsável dizer para as pessoas que se elas economizarem água, ou só comerem orgânicos e andarem de bicicleta, vão desacelerar a destruição do planeta, pois isso é mentira. Já que, desde a embalagem até o conteúdo deveria ser colocado em questão se existe alguma coisa sustentável no mundo de mercadoria e consumo. Os oceanos seguem transformando-se em depósitos de lixo, os quais muitas vezes são impossíveis de tratar. Para Krenak, enquanto os elementos materiais do cotidiano estão funcionando, operantes, não nos questionamos de onde vem o que consumimos. Apenas quando acontece um desastre, e sofremos a falta das fontes de suprimentos é que começamos a nos questionar (KRENAK, 2020a).

Para Krenak, vivemos de uma maneira que mais se parece com a morte, pois não existe interação com o cosmos, as árvores, os rios, os animais, as montanhas e as pedras. Em contrapartida, aqueles que ousam continuar diferentes não são aceitos perante a humanidade que não admite aqueles que ainda vivenciam suas subjetividades e seus ritos em comunhão com a Mãe Terra (KRENAK, 2019).

Portanto, a partir de Krenak, fica patente a urgência de estabelecer diálogos com o pensamento dos povos originários. E, já que a natureza está sendo usurpada de forma tão indefesa, devemos ao menos "ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações" (KRENAK, 2019, p. 33).

A educação ambiental em todas as suas ramificações também pode ser alcançada a partir do diálogo entre ciência e poesia, "de modo a direcionar o homem e mulher à edificação de uma ciência não só pela técnica, mas pela ética e estética, na razão dialógica, na alteridade, com vistas à construção de outras formas de saberes e práticas" (SILVA; REIGOTA, 2010, p. 148).

Assim, "a educação ambiental, agindo como possibilidade de diálogo de saberes entre a ciência e a poesia, é nada mais que o novelo, onde as "linhas" se apresentam em um emaranhado de reflexões e experiências" (SILVA; REIGOTA, 2010, p. 151). Para isso, deve-se interferir no processo de ensino-aprendizagem, pois a complexidade dos sistemas do planeta e suas interações exigem não só aprender sobre suas características particulares, mas

também de compartilhar diálogos, conhecimentos e experiências, o que pode auxiliar na compreensão de que devemos habitar o planeta como seres responsáveis e conscientes da necessidade de manter e compartilhar a vida com outras espécies e com o meio que nos cerca.

Propiciar novas formas de conhecimento, como por meio de um despertar poético, permite conectar os humanos com a natureza, de ressignificar relações. A educação ambiental é oferecida para que possamos ter um melhor entendimento do mundo ao nosso redor e cuidar dele de maneira adequada. Trata-se de um processo de aprendizagem que expande informações sobre a natureza e os seres que nela habitam; um campo interdisciplinar que integra outros como biologia, ecologia, geografia, que requer conhecimentos socioambientais. Além do mais, o meio ambiente está em constante evolução, portanto, a educação ambiental também deve se aprimorar para acompanhar as mudanças e incentivar a participação ativa de todos e todas.

A educação ambiental busca intensificar nossas ações de cuidado e pertencimento à natureza. Deve-se educar para o desenvolvimento sustentável. E, entre os princípios pedagógicos, saberes e valores de uma cultura da paz e da sustentabilidade e de uma educação direcionada para o futuro, Gadotti (2008) destaca:

- Educar para pensar globalmente – ou seja, "educar para não ser omisso, indiferente e nem conivente com a destruição da vida em qualquer parte do planeta" (GADOTTI, 2008, p. 74).
- Educar os sentimentos – para Gadotti (2008, p. 75), deve-se "educar para sentir e ter sentido, cuidar e cuidar-se, para viver com sentido em cada instante das nossas vidas. Somos humanos porque sentimos e não apenas porque pensamos".
- Ensinar a identidade terrena como condição humana essencial – assim, deve-se educar para alcançar um vínculo com o planeta Terra, "não para explorá-la, mas para amá-la" (GADOTTI, 2008, p. 75).
- Formar para a consciência planetária – "compreender que somos interdependentes. A Terra é uma só nação e nós, os terráqueos, os seus cidadãos" (GADOTTI, 2008, p. 75).
- Formar para a compreensão – "educar para comunicar-se. Não comunicar para explorar, para tirar proveito do outro, mas para compreendê-lo melhor" (GADOTTI, 2008, p. 75).
- Educar para a simplicidade voluntária e para a quietude– "precisamos escolher entre um mundo mais responsável", para isso, precisamos praticar a sustentabilidade seja

dentro de casa, na escola, no trabalho ou na rua (GADOTTI, 2008, p. 76).

A educação é fundamental para criação de outros mundos possíveis, mais justos e sustentáveis para todos e todas. Para isso, deve-se fazer da educação, formal e não formal, um espaço de formação crítica e não somente para formação tecnicista. Deve-se educar para a capacidade de comunicar e agir; deve-se educar para a paz, para os direitos humanos e para a justiça social; deve-se educar para a consciência planetária. "Só assim poderemos entender mais amplamente os problemas da desertificação, do desflorestamento, do aquecimento da Terra e dos problemas que atingem humanos e não-humanos" (GADOTTI, 2008, p. 108).

Para Milton Santos (2000), a ideia de aldeia global tece a ilusão de que estamos mais próximos, mais conectados. Quando na verdade não estamos. O que vivenciamos é um culto ao consumo, desemprego crescente, pobreza, perda da qualidade de vida, doenças, educação inacessível, corrupção e muito mais. Para ele, todas essas mazelas são fruto do processo da globalização. Portanto, é importante pensar numa globalização mais humana.

Assim, compreende-se que o ato de educar tem se tornado cada vez mais uma tarefa que exige um conjunto de conhecimentos e habilidades para construir um ensino significativo e efetivo, uma educação crítica para transformação social, para a construção de um futuro sustentável. Ou seja, como vimos até aqui, não se trata apenas da transmissão de informações sobre os impactos ambientais. A transformação de hábitos e das relações humano-natureza tão almejada pela educação ambiental e/ou sustentável só é possível por meio de uma educação pautada pelo diálogo, pela promoção de uma consciência crítica e pela inserção de processos (edu)comunicativos.

4.3 (Edu)comunicação: em prol do diálogo

> Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2020, p. 95).

As ideias de Paulo Freire, como os pressupostos da educação dialógica e libertadora, ultrapassaram os muros da escola e foram empregadas também em movimentos sociais, ONGs (organizações não governamentais), entre outros. A partir do pensamento freireano, entende-se que o caminho para a democratização da sociedade e da cultura é uma educação que gere a compreensão crítica da realidade. Educar para a liberdade é um tipo de educação que possibilita o protagonismo do sujeito na história, que ao deixar de ser manipulado é capaz de agir para transformar a realidade injusta e desigual (PERUZZO, 2017).

> Paulo Freire, embora tenha trabalhado essencialmente no campo da educação, suas ideias contribuíram muito na formulação de conceitos e nas práticas de comunicação popular, alternativa e comunitária – ou horizontal, participativa – na América Latina. Muitos autores latino-americanos que tratam dessa comunicação, bem como da comunicação para o desenvolvimento e mudança social e das relações entre Educação e Comunicação, se fundamentam em concepções de Paulo Freire ou, pelo menos, partiram de suas ideias. As práticas sociais, por sua vez, ecoam em diferentes regiões e experiências, os princípios do diálogo, do protagonismo popular, da participação horizontal, da criticidade e de educação emancipadora, principalmente, em se tratando da educação não formal e informal (PERUZZO, 2017, p. 8-9).

A comunicação popular, de acordo com Peruzzo (2017), aderiu ao princípio do diálogo, segundo a concepção de Freire.

Retomando o campo da educação, para Paulo Freire (2020), a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. Logo, o diálogo deve estar presente nos processos de ensino-aprendizagem. Contudo, na concepção "bancária" da educação, na qual o educador se coloca como detentor do conhecimento, não há diálogo, apenas o depósito de conhecimentos. Ou seja, para a educação bancária:

> a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
> b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
> c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
> d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
> e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
> f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
> g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
> h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
> i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente a liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
> j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 2020, p. 82-83).

A partir do exposto, como crítica para descrever o tradicional sistema de educação, pode-se dizer que a educação bancária nada mais é do que um modelo opressor para reforçar a ausência de um pensamento crítico, pois em vez de estimular diálogos, o educador emite comunicados. Comunicados que os alunos devem memorizar e repetir.

Diante da educação opressora, têm-se como alternativas possíveis, uma educação pautada no diálogo e problematizadora (sendo esta uma forma de incentivar o pensamento

crítico e a criatividade) podem estimular os educandos a pensar e resolver os problemas que lhe são apresentados.

Portanto, o pensamento freireano nos ajuda a refletir sobre a importância da educação dialógica, libertadora e problematizadora, na qual educadores e educandos aprendem uns com os outros.

Enraizada nas perspectivas freireanas, a Educomunicação é um campo de estudo voltado para o diálogo entre as áreas de comunicação e educação.

Nos encontramos em um mundo cada vez mais amparado por aparatos midiáticos e, diante deste cenário, ao incluir dispositivos como televisão, rádio, internet no âmbito escolar devemos perguntar: "o que são, o que fazem, como se estruturam" (CITELLI, 2010, p. 78).

Mais que uma leitura crítica da comunicação, precisamos refletir sobre como a comunicação gera vínculos. Para Martinez e Heidemann, "os vínculos são relações, e são elas que geram no indivíduo o sentimento de identidade, de pertença, de estar-com, de comunidade" (MARTINEZ, HEIDEMANN, 2019, p. 11).

Discursos verbais e não verbais, hipertextualidades, entre outros, possibilitam construção de valores, conceitos, ideias, e acabam resultando em outras maneiras de ler, compreender, sentir. O cinema, a televisão, o rádio, o celular, apresentam estratégias de linguagem que merecem reconhecimento dentro dos processos de ensino-aprendizagem. Assim, passando a conviver cada vez mais com as tecnologias da informação e da comunicação, os professores passarão de doadores de informação a facilitadores do aprendizado (CITELLI, 2010).

As interfaces comunicação/educação, ou apenas educomunicação, devem ser vistas de modo integrado. Contudo,

> O problema central diz respeito às profundas mudanças culturais e de redefinições quanto aos modos de ver, sentir e aprender que marcam o mundo dos jovens. Nesse caso, revela-se um cenário que nasce no contexto da crise representada pela educação reguladora e pelos modelos de comunicação concentrados nos grandes monopólios de informação. No interior dessa tensão, um programa de trabalho capaz de otimizar o campo da comunicação/educação ajudará a abrir espaços com vistas a um trabalho educativo que amplie os envolvimentos com o conhecimento emancipador (CITELLI, 2010, p. 84).

Além disso, outro desafio de se interligar as áreas da comunicação e educação envolve a abordagem dada ao conceito de diálogo. Os educadores pontuam que o problema está no fato da palavra estar centralizada no professor, deixando os alunos como meros ouvintes. Ou seja, monólogo que insinua promover diálogo (CITELLI, 2019).

Aqui vale ressaltar que, “diálogo pode ser considerado uma série de discursos orientados para a troca. E cada discurso pode ser considerado parte de um diálogo” (FLUSSER, 2010, p. 97).

Em outras palavras, “o discurso consiste na conservação das informações por meio da sua partilha, enquanto o diálogo se faz de vários discursos compartilhados, que se transformam” (GABRIEL; SILVA, 2019, p. 95).

Para Silva e Iuama, “no desequilíbrio entre ambos, a sociedade sofre com o elitismo (prevalência de diálogos) e com o totalitarismo (prevalência de discursos)” (SILVA; IUAMA, 2019, p. 95).

Compreende-se que o diálogo, tão caro a Paulo Freire, parece ser a base de uma educomunicação crítica e reflexiva. Ou seja:

> As ideias freirianas sobre a interface Comunicação e Educação têm sido fontes inspiradoras para a adoção da perspectiva dialógica no uso dos diversos meios de comunicação, levando à necessidade de se repensar a própria educação do ponto de vista da gestão dos processos de comunicação inerentes aos atos de ensinar e aprender (SOARES, 2014, p. 26).

O âmbito escolar, ao utilizar de forma criativa os recursos midiáticos, deve também contribuir para transformar os alunos em consumidores críticos dos produtos midiáticos (SOARES, 2015).

Para Soares, a educomunicação tem promovido um diálogo sobre a nova realidade. Portanto, ele defende que o âmbito escolar seja favorável às tecnologiais e que estas sejam utilizadas para fortalecer interesses coletivos. Além disso, Soares salienta que no Brasil o conceito da Educomunicação “parte do princípio de que todos temos direito a nos comunicar e a conhecer a comunicação que mercadologicamente é produzida para dirigir nossos hábitos de consumo” (ROVIDA, 2017, p. 393).

A educomunicação, em suma, volta-se para o desenvolvimento de processos comunicativos de forma democrática e inclusiva em espaços educacionais, com o objetivo de proporcionar a capacidade de reflexão e de olhar crítico diante da imensidão de informações que nos bombardeiam diariamente.

A educação ambiental se apresenta como alternativa para compreensão acerca das intersecções entre economia e meio ambiente, da interferência humana perante os danos ambientais e suas consequências, as quais afetam grupos sociais vulneráveis, já a educomunicação socioambiental visa mobilizar e destacar as questões que afligem populações vulneráveis (LUIZ; SATO, 2022).

Enquanto a educação ambiental é voltada para práticas educativas relacionadas à questão ambiental, a educomunicação surge para aproximar educação e comunicação. Já a Educomunicação Socioambiental, de acordo com o ProNEA – Programa Nacional de Educação Ambiental, busca criar um ecossistema comunicativo, como possibilidade para produzir e divulgar práticas ambientais. Assim, é possível pensar a "comunicação ambiental, como processo inter e transdisciplinar inserido no contexto da Educomunicação Socioambiental" (CITELLI; FALCÃO, 2020, p. 26).

Ainda sobre a comunicação ambiental, Citelli e Falcão pontuam que, há disponível produções midiáticas de grande qualidade para promover "a necessidade de preservar a natureza, sobre a responsabilidade de cada um visando reverter os múltiplos danos socioambientais" (CITELLI; FALCÃO, 2020, p. 34).

Vale ressaltar que, a história do planeta é composta por oscilações climáticas, contudo, com a chegada da Revolução Industrial, no século XVIII, e com a interferência do ser humano na natureza – com o intuito de atenderàs demandas impostas pela economia capitalista industrial –, a emissão de gases de efeito estufa elevou a temperatura e passou a afetar todas as regiões da Terra. Porém, grupos marginalizados como indígenas, moradores de rua, ciganos, pessoas de baixa renda, entre outros, serão os mais atingidos, diferentemente daqueles que dispõem de recursos para diminuir os impactos da crise climática (LUIZ; SATO, 2022).

Na perspectiva da pedagogia freireana, defende-se que para a construção do conhecimento, cada participante do processo, professor ou aluno, oferece contribuições. Assim, refuta-se a hierarquia, ou seja, o professor não é o único possuidor do conhecimento, tampouco aquele que apenas deposita informações sem abertura ao diálogo (LUIZ; SATO, 2022).

Nesse sentido, o uso de mídias no âmbito escolar é aceito por parte dos alunos, pois eles possuem afinidade com estes dispositivos. Ou seja, o professor deve compreender que, ao inserir estes na rotina escolar, o ensino tradicional ganha outra configuração (LUIZ; SATO, 2022).

Portanto, primando pela inserção da participação e do diálogo entre professores e alunos, é possível promover atividades para além do âmbito escolar (LUIZ; SATO, 2022).

Para Freire, liberdade e revolução dialógica são essenciais para os seres humanos e as sociedades reconquistarem sua voz num mundo desumanizado. Além disso, para Freire, se os oprimidos compreendessem seu próprio valor e pudessem conquistar uma consciência crítica e assim, organizarem-se politicamente, eles seriam capazes de mudar as coisas para melhor.

Diante disso, Freire apresentou um método de diálogo para auxiliar os seres humanos a auxiliarem a si próprios. O educador destaca ainda que, os humanos se diferenciam dos animais pois são capazes de criar e inovar seu mundo (DE LIMA, 2011).

Assim, na visão de Freire, a relação do ser humano com o mundo é chamada de "práxis", enquanto a relação dos animais com o mundo é chamada de "contatos". Ou seja, os seres humanos interagem com o mundo na práxis e estão com ele, já os animais são seres de contato que se adaptam ao mundo e estão nele (DE LIMA, 2011).

Freire argumenta que o ser humano não pode ser verdadeiramente humano sem a comunicação, pois são criaturas essencialmente comunicativas. Além disso, para Freire, a dimensão política do diálogo é a transformação do mundo (DE LIMA, 2011).

5 CAMINHOS POSSÍVEIS

Este capítulo, além dos filmes escolhidos, tem como intuito apresentar uma tipologia de narrativas para construção de uma educomunicação sensível. Nesse sentido, recorremos a Edgar Morin; Octavio Paz; Florence Dravet e Gustavo de Castro e Silva; Míriam Cristina Carlos Silva; Walter Benjamin; Solange Alboreda; Tadeu Rodrigues Iuama; Thífani Postalli; entre outros autores, com os quais chegamos, por meio de um método antropofágico, como apontado anteriormente, aos filmes escolhidos e aos conceitos-chave para uma abordagem crítica em uma proposta de utilização dos filmes para práticas educomunicacionais. Ressalta-se que a escolha dos filmes, justamente por conta de se utilizar uma metodologia antropofágica, levou em conta uma leitura dos conceitos, aos quais chegamos depois da leitura, da compreensão e da digestão de referenciais para as diversas temáticas que julgamos importantes para um processo de educomunicação sensível voltada para a questão ambiental, assim como os próprios filmes escolhidos precisaram abarcar a diversidade, quer no aspecto gênero, nacionalidade, tempo de duração, estética utilizada, entre outros elementos. O que todos os filmes possuem em comum é a problematização de questões relacionadas à crise ambiental, assim como todos são construídos de forma a privilegiar elementos poéticos.

5.1 O papel do poético para compreensão ambiental

Antes de tudo, é importante destacar que mais do que uma conscientização ambiental, defendemos a compreensão ambiental. Essa abordagem compreensiva parte do pensamento moriniano: “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (MORIN, 2000, p. 95).

E continua: “a compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas” (MORIN, 2000, p. 104).

Assim, a compreensão ambiental com base no pensamento de Morin pode ajudar o homem a assumir sua condição humana, reconhecendo que “somos a um só tempo seres cósmicos e terrestres” (MORIN, 2000, p. 50).

> Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste “além” que tem lugar a plenitude da humanidade (MORIN, 2000, p. 51).

Morin (2005, p. 55) reforça ainda que: “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”.

> O homem da racionalidade (*sapiens*) é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor devolve-nos à prosa (MORIN, 2000, p. 58).

Para Morin (2005) a vida é um tecido composto de prosa e poesia, de estado prosaico e poético. Em suas palavras:

> Inicialmente, é preciso reconhecer que, qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma, racional, empírica, prática, técnica; outra, simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a precisar, denotar, definir, apóia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais a conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, esse halo de significações que circunda cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdade da subjetividade. Essas duas linguagens podem ser justapostas ou misturadas, podem ser separadas, opostas, e a cada uma delas correspondem dois estados. O primeiro, também chamado de prosaico, no qual nos esforçamos por perceber, racionar, e que é o estado que cobre uma grande parte de nossa vida cotidiana. O segundo estado, que se pode justamente chamar de “estado segundo”, é o estado poético (MORIN, 2005, p. 35-36).

O estado poético pode ser encontrado na dança, no canto, no culto, nas cerimônias, e claro, no poema. A prosa assegura a sobrevivência e a poesia estimula a viver.

Morin ressalta que diferentemente das sociedades contemporâneas, na qual ocorreu uma ruptura entre o estado prosaico e poético, nas sociedades arcaicas trabalho e rito se entrelaçavam.

> Tomemos como exemplo a preparação da caça, testemunhada pelas pinturas pré-históricas, principalmente as da gruta de Lascaux, na França.
> Essas pinturas indicam que os caçadores realizavam ritos de encantamento sobre a caça, pintados depois na rocha. Mas não se satisfaziam apenas com eles: utilizam flechas reais, estratégias empíricas, ou misturando as duas [...] (MORIN, 2005, p. 37).

O autor expõe ainda que o individualismo está longe de nos trazer paz; já que este possui duas faces: a primeira, de liberdades, autonomias e responsabilidades; e a segunda,da atomização, solidão e angústia (MORIN, 2005, p. 49).

Daí surge a busca para paz interior, presente nas práticas orientais do budismo, do *zen*, dos gurus. De tal modo, o autor observa também a propagação de "métodos propriamente ocidentais para tratar a relação corpo-alma-espírito, como as psicoterapias e as psicanálises" (MORIN, 2005, p. 49-50).

Para Morin (2005, p. 59), "poesia é a estética, o amor, o gozo, o prazer, a participação e, no fundo, é a vida!". E adverte, se tivéssemos somente uma vida poética, não a sentiríamos mais. Portanto, a prosa é inevitável, pois só assim poderemos perceber a poesia.

Em relação a sabedoria, para Morin, ela reside no caminho da ética e da compreensão humana, resultando assim na auto-ética, na autocrítica. Contudo, há na sabedoria uma contradição: "é inteiramente loucura viver muito sabiamente", pois é na loucura que habita a "sabedoria do amor" e os perigos que ele contém (MORIN, 2005, p. 66-67).

A fonte do sofrimento humano encontra-se "na incompreensão do outro, na autojustificação, na mentira a si próprio (*self deception*)". Contudo, Morin apresenta como alternativa o caminho da ética, no qual se encontra a sabedoria, que "reside no esforço da compreensão e não da condenação, no autoexame que comporta a autocrítica e que se esforça em reconhecer a mentira para si próprio" (MORIN, 2005, p. 67).

Do estado poético somos levados ao pensamento complexo - o qual imprime uma orientação para que o problema ambiental seja compreendido de forma integrada, e não fragmentada.

Antes de apresentar o pensamento complexo faz-se necessário apresentar o pensamento simples – uma forma reducionista de pensar, que separa e divide. Para Morin (2005a, p. 12), "o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (*unitat multiplex*)". Logo, segundo o autor, o complexo amplia o saber, o que pode possibilitar uma nova maneira de perceber o mundo.

Mas afinal, o que é a complexidade?

> [...] A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, classificar, distinguir, hierarquizar... Mais tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do complexus: e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixam cegos (MORIN, 2005a, p. 13-14).

O autor advoga para a necessidade de superar a fragmentação que prevalece pensamentos simples e tecnicistas, os quais servem para separar e desunir, impedindo assim o entendimento entre sociedade e natureza. Portanto, a reforma do pensamento torna-se imprescindível para "enxergar o contexto planetário" (MORIN, 2005a, p. 14).

O pensamento complexo tem uma abordagem que pode sensibilizar para ações simples, como separar o lixo, não desperdiçar água, não jogar lixo na natureza, entre tantas outras. E ainda, pode também despertar no homem sua condição humana, natural, cósmica e social. Essa é a transformação de hábitos tão almejada que a compreensão ambiental busca. A de deixar-se afetar pelos problemas ambientais e estar disposto a transformar essa realidade, buscando tecer novas conexões em nosso entorno.

Retomando a poesia, cabe frisar: "o objetivo que permanece fundamental na poesia é o de nos colocar num estado segundo, ou, mais precisamente, fazer com que esse estado segundo converta-se num estado primeiro. O fim da poesia é o de nos colocar em estado poético" (MORIN, 2005, p. 43).

Para Dravet e Castro e Silva (2007, p. 72) "a poesia é uma doadora de sentido que coincide com a abertura do homem ao mundo e do homem a si mesmo". E, além de criado de realidades, a poesia pode ser também um campo de investigação.

Na política, por exemplo, "como expressão de resistência"; para resgatar e apreender a história, ou seja, "a poesia luta contra o esquecimento, favorece a pesquisa das mentalidades e das representações históricas, subsidia o respeito às tradições"; no conhecimento, "a poesia é uma doadora de sentido que coincide com a abertura do homem ao mundo e do homem a si mesmo"; na antropossociologia, "ao 'brincar' com o sentido de realidade", questionando, assim, o ser humano e a sociedade perante seus afetos; na arte e na linguagem; e na mística, que "não descarta nada porque tudo pode ser via de acesso ao conhecimento mágico e sublime" (DRAVET; CASTRO E SILVA, 2007, p. 72-73).

Os autores pontuam ainda que, "para ser poético, pois, o pensamento precisa estar disponível e não pré-ocupado por uma linguagem anteriormente definida, usada e representada" (DRAVET; CASTRO E SILVA, 2007, p. 74).

Pensar vai além da nossa cultura utilitarista. O pensamento poético carrega um poder transformador, criativo e dialógico. Ao transformar o modo como pensamos, transforma-se também o modo como percebemos o mundo.

A poesia é capaz de transformar o mundo, pois ela é revolucionária por natureza. É importante ressaltar que não devemos confundir poesia e poema. Para Paz, "nem todo poema

– ou, para sermos exatos, nem toda obra construída sob as leis da métrica – contém poesia" (PAZ, 1982, p. 16).

> [...] Um soneto não é um poema mas uma forma literária, exceto quando esse mecanismo retórico – estrofes, metros e rimas – foi tocado pela poesia. Há máquinas de rimar, mas não de poetizar. Por outro lado, há poesia sem poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas. Pois bem, quando a poesia acontece como uma condensação do acaso ou é uma cristalização de poderes e circunstâncias alheios à vontade criadora do poeta, estamos diante do poético. Quando – passivo ou ativo, acordado ou sonâmbulo – o poeta é o fio condutor e transformador da corrente poética, estamos na presença de algo radicalmente distinto: uma obra. Um poema é uma obra. A poesia se polariza, se congrega e se isola num produto humano: quadro, canção, tragédia. O poético é poesia em estado amorfo; o poema é criação, poesia que se ergue. Só no poema a poesia se recolhe e se revela plenamente [...] (PAZ, 1982, p. 16-17).

O poema é passível de definição, exploração e exame, já o poético não. Para Paz (1982, p. 31): "o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador".

Paz (1982, p. 35-36) ressalta que "a história do homem poderia se reduzir à história das relações entre as palavras e o pensamento". Já que "o homem é inseparável das palavras. Sem elas ele é inapreensível". Somos o mundo das palavras e elas o nosso, logo, não podemos escapar da linguagem.

Paz examina também o vínculo do poético com a experiência religiosa. Para ele:

> [...] A experiência poética, como a experiência religiosa, é um salto mortal: um mudar de natureza que é também um regressar à nossa natureza original. Encoberto pela vida profana ou prosaica, nosso ser de repente se recorda de sua identidade perdida; e então, aparece, emerge, esse "outro" que somos. Poesia e religião são revelação. Mas a palavra poética não precisa da autoridade divina. A imagem é sustentada em si mesma, sem que seja necessário recorrer à demonstração racional nem à instância de um poder sobrenatural: é a revelação de si mesmo que o homem faz a si mesmo. A palavra religiosa, pelo contrário, pretende nos revelar um mistério que, por definição, nos é alheio [...] (PAZ, 1982, p. 166).

Poesia e religião nascem do assombro. Ao se assombrar, o homem poetiza, ama, diviniza. No poético, o poeta diviniza com o místico e ama como o enamorado; no sagrado, há uma espécie de diminuição do eu, a qual leva o homem à afirmação de que ele nada mais é que pó e cinza (PAZ, 1982).

Por meio da experiência do sagrado, num primeiro momento nos é revelado nossa condição original, depois, uma interpretação tende a nos ocultar o sentido dessa revelação. "Trata-se, contudo, de uma resposta que nos encobre aquilo que, em seu primeiro movimento, nos revela" (PAZ, 1982, p. 176).

A condição humana carrega a possibilidade de ser. “Todos fazemos parte de tudo. O ser emerge do nada. Um mesmo ritmo nos move, um mesmo silêncio nos cerca.” O ser não é algo dado, mas sim algo que é feito. Nada nos resta senão ser (PAZ, 1982, p. 187).

> [...] O homem é lançado para nomear e criar o ser. Essa é a sua condição: poder ser. E nisso consiste o poder de sua condição. Em sua, nossa condição original não é somente carência, nem tampouco fartura, mas possibilidade. A liberdade do homem se funda e se radica em não ser mais que possibilidade. Realizar essa possibilidade é ser, criar-se a si mesmo. O poeta revela o homem criando-o. Entre o nascer e o morrer existe nosso viver, ao longo do qual entrevemos que nossa condição original, sendo um desamparo e um abandono, é também a possibilidade de uma conquista: a de nosso próprio ser. Todos os homens, por obra do nascimento, podem aceitar essa visão e transcender assim sua condição. Porque nossa condição exige ser transcendida e vivemos transcendendo. O ato poético mostra que o fato de sermos mortais não passa de uma das faces de nossa condição. A outra é: sermos viventes [...] (PAZ, 1982, p. 187-188).

Paz acentua que a poesia revela a verdadeira condição humana, ela nos estimula a ser e a assumir essa condição, “que não é a separação vida ou morte, mas uma totalidade: vida e morte num só instante de incandescência” (PAZ, 1982, p. 190).

É perceptível, portanto, que “dentre as formas mais complexas de representação/recriação do mundo, está a poesia, concebida de modo particularíssimo e que exige uma leitura também complexa, pautada por múltiplas leituras, que podem não esgotar o objeto” (SILVA, 2012, p. 125).

Silva (2012) pontua ainda que, além de uma forma específica que procura explorar a iconicidade da palavra, a poesia pode estar além da linguagem verbal, como por exemplo: no cinema, na fotografia, na dança etc.

> A poesia, sobretudo, diz uma coisa para fazer entender outra. É uma forma de comunicação que se dá pelas entrelinhas do discurso, pois (des)vela para (re)velar, por seu caráter polissêmico. Trata-se de uma linguagem para a qual não basta apenas uma leitura: há que se realizar várias, em um processo de escavar camadas sobrepostas, justapostas, em uma espécie de reencontro com palimpsestos. Quanto maior a complexidade de um texto poético, maior será o número de camadas de que é composto. E neste desvelar de camadas, no entretecer de códigos que já não se pode mais chamar de apenas verbais, antecipa-se ou resgata-se um modo de leitura que conduz ou que converge para o hipertextual, pois que se o texto artístico é um texto construído com complexidade, nele, todos os elementos são elementos de sentido, até mesmo o espaço em branco, portanto, há a necessidade de se fazer escolhas, de se apelar para mais de um sentido, de se descobrir caminhos, de se ir e vir, de retornar, construindo, cada receptor, o seu próprio mapa, e que pode ser bastante diverso de um fruidor para outro (SILVA, 2012, p. 125-126).

Sempre carregado de novidade, de desconforto e de surpresas, o texto poético é complexo, exigente de cuidado, de paciência, de fruição que pede tempo e aprendizado. Sua não linearidade requer múltiplas leituras relacionais (SILVA, 2012).

Sobre o hipertexto, este se refere a um apanhado de textos - sua elaboração se dá a partir do híbrido, do não linear, da interatividade. Já o intertexto, se refere a combinação de dois ou mais textos que dão origem a um novo texto (SILVA, 2012). Ou seja,

> [...] qualquer texto pode pressupor a existência de textos anteriores que ganham acréscimos, novos arranjos, outros contextos. Notemos, ainda, que desde os primeiros registros, os textos verbais eram permeados por alguma intertextualidade, ainda que tenha sido fruto do acaso ou da necessidade material, já que, escritos em pergaminhos, os textos eram apagados e reescritos por diversas vezes, o que se convertia em camadas de textos sobrepostos, portanto, intertextos, perceptíveis nos chamados palimpsestos. Palimpsesto, do grego, quer dizer riscar novamente. Os textos, na Idade Média, mais especificamente, entre os séculos VII e XII, eram escritos em papiros. Devido ao alto custo deste material, muitos eram apagados com água ou raspados com pedra e reutilizados, o que resultou na perda de textos antigos e, ainda, na sobreposição de textos em camadas, que, contemporaneamente vêm sendo descobertos e recuperados. Similar, mas não exatamente igual ao intertexto, o processo de intersemiose considera a mistura de dois ou mais códigos; é o caso, por exemplo, de um cartaz, no qual haverá a presença de texto e imagem, ou do audiovisual, que conjuga linguagem verbal, som e imagem, são codificados intersemioticamente, e, apelam para mais de um sentido do receptor (SILVA, 2012, p. 122).

Para Silva (2012, p. 132), o novo não descarta o anterior. “O surgimento da fotografia, por exemplo, não ocasionou o desaparecimento da pintura, mas possibilitou maior liberdade para que ela se repensasse como linguagem poética”.

A poesia é um caminho para o novo, ela nos tira da nossa zona de conforto. Além disso, nem sempre a poesia está ligada ao belo, ao sublime, ao enlevo. Ela pode ser difícil, insondável, indomável (SILVA, 2012).

O poético é caracterizado pela complexidade, por suas múltiplas camadas. É uma forma de comunicação que se dá nas entrelinhas do discurso, (des)vela para (re)velar, ele não se esgota. “O poético é sempre carregado de novidade, a cada leitura. De desconforto. De surpresas. É exigente de cuidado, de paciência, de fruição que requer tempo e aprendizado” (SILVA, 2012, p. 134).

Uma das características do poético é a qualidade da linguagem – que extrapola as formas rimadas, metrificadas – podendo se manifestar por meio de imagens, sons, cinema, em diversos suportes midiáticos e no corpo (PICHIGUELLI; SILVA, 2017).

Já Oswald de Andrade propõe uma poética inclusiva e dialógica bem como a necessidade de "ver com olhos livres", com a mesma curiosidade de uma criança e sua abertura diante as possibilidades do mundo (PICHIGUELLI; SILVA, 2017, p. 5).

Além disso, se vale da metáfora do antropófago. Ou seja, para ele, devemos "devorar o alheio, em uma postura crítica, autocrítica e de alteridade. Os valores do outro devem ser ingeridos, digeridos e transformados" (PICHIGUELLI; SILVA, 2017, p. 6).

Uma comunicação poética é capaz de construir sentidos, experiências sensíveis, de produzir diálogos, é a comunhão da alteridade. Ela não se define pela emissão da mensagem e sua recepção, a comunicação poética carrega a possibilidade de recriar os fenômenos, de construir devires possíveis, de estimular a criatividade e a abertura para o outro (SILVA; IUAMA; PICHIGUELLI, 2021).

> E talvez seja ela, a comunicação poética, capaz de produzir diálogo entre os corpos e seus afetos, ainda que distantes, por somar razões (discursos), mas também por convulsionar sensibilidades (sentidos – não significados), que produzem pulsos, devires, encantamentos, estranhamentos, uma miríade de sensações abertas, que perpassam os corpos de formas diversas, mas que podem ser conjugadas e promover encontros, ainda que a distância (SILVA; IUAMA; PICHIGUELLI, 2021, p. 273).

Sendo assim, a comunicação poética pode ser compreendida como um processo que se faz pela "des-apropriação e da res-significação constante de linguagens e sentidos e, desse modo, tem maior potência de amainar os ímpetos de controle de uma concepção qualquer, ou da eficácia do que quer que seja" (SILVA; IUAMA; PICHIGUELLI, 2021, p.282).

> [...] Poetas são informadores (apesar de nem todo informador ser poeta, pois nem todo ato informador – no sentido aqui utilizado, nem todo ato de dar forma – opera poeticamente, em contato com o nada, como será exposto a seguir). Todos nós podemos ser poetas. Todos nós podemos operar em contrafluxo, contra a cristalização da língua-realidade, à sua tomada como verdade absoluta e fixa, como impossível de ser manipulada – a assumpção do mapa como território (SILVA; IUAMA; PICHIGUELLI, 2021, p. 275).

Uma comunicação poética não se dedica a informar e sim, nos convida a questionar as informações. Sendo assim, a informação realizada pelos poetas se propõe a desinformar para ressignificar (SILVA; IUAMA; PICHIGUELLI, 2021).

Para além das palavras – as quais são portas para criação de novas possibilidades, a comunicação poética pode ser o caminho tanto para aprendizagem quanto para mudanças sociais. Pois, por meio dela, buscamos ouvir o outro e também a ver as coisas do mundo, um convite, uma abertura para o diálogo, uma troca de ideias.

Além disso, o poético ultrapassa a linguagem, pois permite outras formas de comunicação além da escrita e da fala, como a utilização de imagens, por exemplo, as quais podem aprofundar a comunicação. Logo, compreende-se que o poético é valioso para comunicação, para expressões artísticas, para aprendizagem bem como para transformações socioambientais.

E este dizer da poesia nem sempre é por meio das palavras. O poético, conforme defendemos aqui, pode estar presente em outros meios.

Após perpassar o pensamento desses autores, percebe-se que uma das formas de potencializar o nosso modo de agir no mundo reside no poético, capaz de sensibilizar e de resgatar nossa condição humana, como pertencentes da natureza. Visto que:

> [...] O poético pode ser aproximado da experiência com o sagrado, em função da produção de deslocamentos na subjetividade do homem, que embora não excluam o ponto de partida no cotidiano, possibilitam um afastamento deste mesmo cotidiano, como uma espécie de pausa ou suspensão que permite uma experiência transcendente, pois que leva o homem para além dele mesmo e de sua rotina. Por se tratar de uma linguagem que aciona hiperbolicamente todos os sentidos, uma experiência sinestésica, na qual o sensível extrapola o objetivo e o racional, pode nos levar para um mais além, uma forma de transcendência, que, por meio das metáforas, propicia conexões criativas entre os seres e as coisas do mundo. É possível afirmar que este processo produz novas possibilidades de vínculos, e que, transformados que somos após uma experiência poética, teremos vivido um acontecimento comunicacional (PICHIGUELLI; SILVA, 2017, p. 14-15).

Com o acontecimento comunicacional, pode haver a produção de vínculos, afeto e conexão, pois este tipo de comunicação extrapola a simples transmissão de informações, há produção de sentidos (PICHIGUELLI; SILVA, 2017).

Um novo saber pode significar um novo viver. Parte dos problemas que envolvem a degradação ambiental relaciona-se ao consumo e a forma como utilizamos e descartamos as coisas. Logo, ao mudar nossa postura diante o padrão de consumo, consequentemente alguns setores como o da agricultura, da pecuária, da moda seriam transformados.

A crise ambiental pede um novo modo de habitar o planeta. A mudança de hábito – diante dos padrões impostos e mantidos na sociedade – pode ser um começo.

5.2 O cinema no processo de aprendizagem

Considerado um subgênero cinematográfico, o Cinema Ambiental está presente em mostras e festivas que têm como intuito a exibição de filmes relacionados aos problemas

ambientais como poluição, catástrofes, esgotamento de recursos naturais, extinção, agrotóxicos, entre outros (ALBOREDA, 2017).

Para explicar o nascimento das mostras e festivais ambientais, é necessário voltar ao tempo, mais precisamente, com a chegada de Fernando Collor de Mello ao poder, o qual decretou o fechamento da Embrafilme em 1990 e o fim do incentivo à cultura, causando uma enorme crise no cinema nacional (ALBOREDA, 2017).

> A produção de longa-metragens praticamente parou e os filmes brasileiros e seus diversos públicos diminuíram. Uma nova fase só iniciaria cinco anos mais tarde, com o filme Carlota Joaquina, de Carla Camurati. Durante a chamada retomada do cinema brasileiro, a partir da segunda metade da década de 90, as produções nacionais passaram a retratar profundamente o Brasil, que se encontrava em franca expansão neoliberal e tecnológica, com o advento da internet. Mas a década prometia muitas surpresas (ALBOREDA, 2017, p. 85).

Em 1992, ocorreu o processo de impeachment de Fernando Collor, porém, antes mesmo da aprovação do processo, Collor renunciou em 29 de dezembro de 1992. Assim, o seu vice, Itamar Franco, assumiu a presidência (ALBOREDA, 2017).

O filme *Terra Estrangeira* (1996), de Walter Salles, retrata o sonho interrompido de uma aposentada, que ao ver que perdera todo o seu dinheiro para o Plano Collor, adotado pelo ministério da economia, com a ministra Zélia Cardoso de Mello, não resiste ao choque e morre. E foi aí, diante desse cenário, "que começaram a surgir as primeiras iniciativas do chamado Cinema Ambiental" (ALBOREDA, 2017, p. 85).

O primeiro festival de cinema ambiental no Brasil, o ECOCINE – Festival Internacional de Cinema Ambiental e Direitos Humanos, foi criado em São Sebastião (São Paulo) em 1992, na mesma época da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento – ECO 92. E, "a partir de 2005, se tornou itinerante e contou com edições em várias cidades dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia". Já o FICA – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental - é realizado anualmente na cidade de Goiás, desde 1999 (ALBOREDA, 2017, p. 85).

Para Alboreda (2017), mais importante do que apenas apresentar o subgênero Cinema Ambiental, os filmes devem trazer possibilidades de diálogos e não de ditar regras. Assim, a pesquisadora defende a utilização de outros gêneros como potencial educativo para sensibilização ambiental. Em suas palavras:

> Desde que eu comecei a usar o cinema em aulas, um filme que eu adorava, era o *Ilha das Flores*, do Jorge Furtado, de 1989. Depois começaram a aparecer cada vez mais filmes didáticos sobre meio ambiente, capazes de constranger pelo formato ruim, didatismo impreciso, inverdades e desprezo

> pela capacidade cognitiva do público. Não vale a pena relembrá-los. Invariavelmente, essas produções eram dirigidas aos escolares e havia a preocupação de divulgá-las aonde o cinema usualmente não chegava: as salas de aula de periferia. Mas, em meu trabalho em sala de aula, eu preferia usar filmes comerciais, despretensiosos, e extrair deles o conteúdo que interessava. [...] (ALBOREDA, 2017, p. 15).

Em outra pesquisa, apresentada em 2017, a autora destacou que obteve resultados positivos para a utilização do cinema como instrumento sensibilizador, pois despertou nos participantes maior reflexão sobre a utilização da água e sua importância para a vida. Ou seja, além de entreter, o cinema pode ser utilizado para diversas finalidades como educar e também para disseminar o conhecimento, provocando, assim, reflexões sobre temas importantes como a necessidade de conservação e preservação dos recursos finitos da natureza (MARIA, 2017).

Dessa forma, o cinema pode ser um instrumento relevante para sensibilizar os seres humanos, indivíduos e sociedade, na busca por mudanças de atitudes para com o meio ambiente. Porém, vale ressaltar que essa sensibilização depende de muitos fatores, assim como o cinema tem sua linguagem própria, os seres humanos também possuem suas particularidades, e as transformações só são possíveis quando estas os afetam (MARIA, 2017).

A partir da filosofia buberiana, Postali (2021, p. 155), defende que "a *ética dialógica* (encontro) pode ser fundamental para provocar no espectador alteridades". De acordo com Postali, para Martin Buber, o diálogo ocorre quando vemos o *Outro* como *Tu* e não como *Isso*, assim, a ética está na relação entre o *Eu* e o *Tu*. Ou seja, no *Eu-Tu* há uma relação de reciprocidade, alteridade, de respeito. Enquanto o *Eu-Isso* apresenta uma relação de separação, de distância, sem reciprocidade. A alteridade, para Buber, resulta na compreensão do *Outro* e de si mesmo. Contudo, compreender ou não o *Outro* não significa concordar com suas ideias (POSTALI, 2021).

Para Postali, de acordo com Buber, "ética se dá na postura respeitosa, na relação dialógica entre seres humanos e, também, entre seres humanos para com as coisas do mundo" (POSTALI, 2021, p. 64).

A ética, então, é atribuída na relação do ser humano com o mundo com base em sua responsabilidade pessoal, consequência de seu comportamento honesto. Na concepção buberiana, o ser humano pode se comunicar com o mundo de forma ética ou não ética (POSTALI, 2021).

E o diálogo só ocorre quando há uma comunicação verdadeira, a qual se expressa pela relação Eu-Tu. O diálogo, segundo Buber, pressupõe aceitação, doação e compreensão. Sendo

assim, “a comunicação dialógica propicia uma relação autêntica, caracterizada pela troca entre Seres que expressam suas intenções, ou seja, agem honestamente de acordo com suas essências” (POSTALI, 2021, p. 70).

Contudo, Postali pontua que a ausência de diálogo na contemporaneidade se dá em meio a grande quantidade de informações disponíveis, incluindo a disseminação de notícias falsas. O que promove “uma infinidade de discursos egocêntricos que buscam sustentar suas visões fechadas sobre o mundo” (POSTALI, 2021, p. 70).

Assim, tomando como base as colocações de Postali (2021), ao abordar questões sociais de forma ética, o cinema pode provocar transformações e alteridades. A seguir apresentamos dois documentários, da campanha “A Natureza está falando”, lançada em 2015 pela organização sem fins lucrativos Conservação Internacional (CI).

Todos os vídeos têm como intuito abordar a necessidade de cuidar do meio ambiente. Além disso, apelam para seguinte reflexão: se quisermos garantir nossa sobrevivência, devemos agir em prol da natureza.

A Mãe Natureza, narrado por Maria Bethânia, traz o seguinte recado:

> Me chamem de natureza, me chamem de mãe. Eu estou aqui há mais de quatro bilhões e meio de anos. Na verdade, eu não preciso de vocês, as pessoas precisam de mim. Seu futuro depende de mim. Quando eu prospero, vocês prosperam. Quando padeço, vocês padecem. Estou por aqui há muito tempo. Alimentei espécies maiores do que vocês. Fiz passarem fome espécies maiores do que vocês. Os meus oceanos, meu solo, meus rios, minhas florestas. Todos eles podem acolhê-los ou abandoná-los. Como vocês escolhem viver seu cotidiano, me levando em consideração ou não, realmente não me importa. Suas ações vão determinar o seu destino, não o meu. Eu sou a natureza. Eu vou continuar. Estou preparada para evoluir. E vocês, estão? (SOUZA, 2019, p. 59).

Na voz de Camila Pitanga, o vídeo *A Amazônia* apresenta a mensagem abaixo:

> Eu sou a Amazônia, a maior floresta tropical do mundo. Eu mando chuva quando vocês precisam. Eu mantenho seu clima estável. Em minhas florestas, existem plantas que curam suas doenças. Muitas delas vocês ainda nem descobriram. Mas vocês estão tirando tudo de mim. A cada segundo, vocês cortam uma das minhas árvores, enchem de sujeira os meus rios, colocam fogo, e eu não posso mais proteger as pessoas que vivem aqui. Quanto mais vocês tiram, menos eu tenho para oferecer. Menos água, menos curas, menos oxigênio. Se eu morrer, vocês também morrem, mas eu crescerei de novo... (GABRIEL; SILVA, 2019, p. 104).

Como a própria campanha já diz, os relatos de todos os vídeos são em primeira pessoa, de elementos da natureza. Em outras palavras:

> [...] coloca a natureza como sujeito central do processo de comunicação, um eu que enuncia a sua própria experiência, porém, separado do homem. A

> narração-descrição pronuncia-se sobre as incertezas da natureza referentes a seu futuro, porém, sempre enfatizando a total dependência da humanidade. Assim, um inesperado e impactante desfecho é apresentado: não é apenas a morte da natureza que está em jogo, mas a da própria humanidade, para a qual a consequência é muito mais prejudicial, pois a natureza é capaz de se regenerar sem o ser humano, o qual não consegue sobreviver sem a natureza (SOUZA, 2019, p. 59)

Sendo assim, a campanha "A Natureza está falando" serve como exemplo ao exposto por Postali (2021), pois todos os vídeos buscam provocar alteridades – ao colocar a natureza em primeira pessoa – e transformações – ao afirmar que a natureza não precisa das pessoas, mas sim as pessoas precisam da natureza.

Contudo, destaca-se aqui que, Souza (2019) apresenta uma separação da natureza e do ser humano, diferentemente do que defende Ailton Krenak. Para ele, tal distinção não há.

5.2.1 *Homo complexus*

No *homo complexus* coexistem: o *homo sapiens e demens*. O homem é ao mesmo tempo razão e emoção. Nas palavras de Morin:

> Se o *homo* é, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, afetivo, lúdico, imaginário, poético, prosaico, se é um animal histérico, possuído por seus sonhos e, contudo, capaz de objetividade, de cálculo, de racionalidade, é por ser *homo complexus* (MORIN, 2002, p. 140).

Racional (*sapiens*) e louco (*demens*), este é o homem, de acordo com Morin (2002). Contudo, devemos ponderar sobre ambos para não cairmos na armadilha de nos perder. Como exemplo, os colecionadores. Na dose certa, estes indivíduos podem usar o passatempo para escapar da realidade. Ao ultrapassar tal dose, eles podem se perder na loucura e rejeitar o racional, tornando-se acumuladores. Colecionadores que extrapolam o limite do aceitável, que viciados mergulham inteiramente em seu próprio mundo.

Trilhando a lógica do pensamento complexo de Morin, o qual se trata de um princípio dialógico, de tecer junto; compreende-se que enfrentar a realidade apenas racionalmente seria insuportável para o homem. Portanto, a necessidade do complexo, da poesia, das artes, da música, do cinema.

O pensamento complexo, para Morin, busca integrar, reunir. Em outras palavras: "pensamento complexo é, sobretudo, o pensamento que incorpora a incerteza e é capaz de conceber a organização" (SOUZA, 2019, p. 54).

Para Morin, nas palavras de Gabriel e Silva (2019, p. 99):

> a construção de uma sociedade mais justa e igualitária só é possível por meio de uma nova e complexa compreensão do mundo, visto que é impensável a existência humana sem o consumo e, consequentemente, sem impacto. Por isso, faz-se necessário promover o desenvolvimento de uma consciência planetária.

Em geral, a partir do exposto, compreende-se que a complexidade busca trilhar um caminho de representação das coisas do mundo, não de forma reducionista ou estrita. Portanto, o pensamento complexo se dedica a pensar os fenômenos, ele visa articular o todo e as partes. Sendo assim, a educação pode ser considerada uma área privilegiada para a construção do pensamento complexo. Destacamos aqui a educomunição, a qual reconhece a importância dos processos comunicacionais no âmbito escolar e tem como prioridadesa possibilidade de abertura, a pluralidade de olhares, e o diálogo. Assim, o pensamento complexo pode promover um diálogo de saberes, além de um olhar crítico.

La tierra y la sombra (2015) foi escolhido por sua poeticidade, a qual permeia toda a narrativa, seja em sua fotografia, em seus silêncios ou em suas cenas escuras, as quais causam incômodo e uma sensação sufocante. Portanto, o filme se encaixa no *homo complexus*, pois há razão e emoção. Ou seja, nele, ficção e realidade se misturam.

5.2.2 *La tierra y la sombra*

Ambientado na região do Valle del Cauca (localizado no sudoeste da Colômbia), o filme *La tierra y la sombra*, de César Augusto Acevedo, recebeu o prêmio Caméra d´Or no Festival de Cannes (2015).

O cultivo de cana-de-açúcar foi introduzido na região entre os séculos XVII e XIX, quando ainda havia fazendas coloniais que utilizavam trabalho escravo. Após a consolidação da República, os capitalistas que chegaram à região iniciaram um processo de grilagem de terras, causando a desapropriação e usurpação do território. Aproximadamente, 225 mil hectares de cana-de-açúcar cercam o Valle, sendo, 25% das usinas de açúcar e 75% de proprietários independentes que arrendam suas terras (CASTAÑO; CASTILLO, 2021).

A primeira década de 2000 foi palco de grandes manifestações para reivindicar, em termos gerais, aumento salarial; contratação direta e estabilidade no emprego (sistema previdenciário); bem como resolver o problema do serviço de saúde para quem está com deficiência temporária ou permanente; e não fazer retaliação contragrevistas. Ou seja, para os cortadores, o trabalho deve garantir condições necessárias para uma vida digna (CASTAÑO; CASTILLO, 2021).

La tierra y la sombra (2015) gira em torno de um drama familiar. Um pai que abandonou a família e retorna após 17 anos para ajudar seu único filho que está doente. Ao retornar, se depara com uma região totalmente diferente, dominada por plantações de cana-de-açúcar. A trama se desenrola durante uma época de colheita, de muito trabalho e pouco dinheiro, dos problemas econômicos e ambientais enfrentados pelos moradores da região, da pobreza e da poluição.

O filme começa com um senhor caminhando por uma trilha de terra, cercado por cana-de-açúcar, até ser atingido pela poeira levantada por um caminhão. Ele está voltando para casa que abandonou anos atrás. Alfonso (Haimer Leal) retorna para ajudar seu filho Gerardo (Edison Raigosa), que está enfermo e confinado a uma cama, devido a um problema respiratório.

Figura 1. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015).

Fonte: Imagens capturadas na internet (Google imagens).

A esposa de Gerardo, Esperanza (Marleyda Soto), também trabalha como cortadora de cana. E, ao lado de sua sogra, Alicia (Hilda Ruiz), se esforça para manter a casa e cuidar do filho (José Felipe Cárdenas).

Figura 2. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015) – Esperanza e Alicia.

Fonte: Imagens capturadas na internet (Google imagens).

La tierra y la sombra (2015) segue o cotidiano de uma família pobre e do seu trabalho árduo, cujas vidas se entrelaçam com o cultivo da cana-de-açúcar. As sombras predominam. A casa está sempre escura, fechada, o que conduz a uma sensação sufocante, da condição vivida por Gerardo.

Figura 3. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015) – Interior da casa.

Fonte: Imagens capturadas na internet (Google imagens).

O motivo para que a casa permaneça fechada é a poluição, a qual afeta a saúde de Gerardo, portanto, seja no quarto - onde ele está - ou até mesmo na cozinha, as janelas devem estar sempre fechadas.

Figura 4. Cenas do filme *La tierra y la sombra* (2015) – Exterior da casa.

Fonte: Imagens capturadas na internet (Google imagens).

Quando observamos o exterior da casa, constatamos: o casebre e a árvore são absorvidos pela plantação de cana. Imagens do passado da família não são mostradas, porém, é evidente que, em tempos passados, ali existia uma casa de campo, com pomares, pássaros e animais. Mas o que resta é uma nostalgia avassaladora de um lugar que deixou de ser um lar. Nem mesmo os pássaros se aproximam mais. Apesar da tentativa de Alfonso, ao criar um comedouro com seu neto.

Enquanto todos desejam partir, a matriarca insiste em permanecer ali, no local que considera seu lar. Assim como a árvore, ela criou raízes que não a deixam se libertar daquela vida sofrida que enfrenta. Descrita como uma mulher forte, Alicia enfrenta também a solidão e a mágoa do abandono de Alfonso. Diferente dela, ele partiu. Desvinculou-se daquele lugar e só voltou por causa da enfermidade de seu filho.

O filme não apresenta uma imensidão de diálogos. Mas não precisamos deles. As expressões são o suficiente para demonstrar o sofrimento e angústia dos personagens. Os tons escuros predominam. Os rostos, enegrecidos por cinzas e poeira, carregam a amargura de lembranças difíceis e das dificuldades familiares enfrentadas dia após dia. Não temos a presença de campos alegres, mas sim da monotonia do cultivo de cana e suas queimadas.

La tierra y la sombra (2015) mostra a importância da união, da luta da classe trabalhadora e que, discutir questões ambientais é necessário para suscitar mudanças socioambientais e estabelecer um contato com a natureza.

5.2.3 *Homo degradandis*

A crise socioambiental vivenciada atualmente pode ser tratada a partir do distanciamento da humanidade de sua condição natural ou da sua vivência num simulacro envolto de consumismo e alienação (NINIS; BILIBIO, 2012).

Ninis e Bilibio apontam que as ações humanas contribuíram para degradação planetária como poluição das águas, envenenamento do ar, produção de lixo, desigualdade social, entre outros fatores que defendem o crescimento econômico e o desenvolvimento da sociedade. O ponto é: como podemos defender a visão de que a humanidade está evoluindo sem questionar a agressão que causamos ao nosso meio? (NINIS; BILIBIO, 2012).

O discurso da responsabilidade pelas gerações futuras é encontrado tanto no âmbito político quanto acadêmico e no senso comum. E parece ser “a solução revolucionária para a superação da crise ambiental e para o colapso da espécie humana e do planeta” (NINIS; BILIBIO, 2012, p. 52).

Tal discurso parece servir apenas para delegar às gerações futuras a incumbência de superar a crise ambiental - já que terão que arcar com o colapso planetário deixado pela geração atual -, bem como a construção de uma sociedade em que resida justiça e igualdade (NINIS; BILIBIO, 2012).

O documentário brasileiro *Ser Tão Velho Cerrado* exemplifica o ser *homo degradandis*, pois ele traz o pensamento capitalista seguido do discurso de avanço e crescimento econômico que, consequentemente, resulta em desmatamento e degradação

ambiental. Por este motivo, ele foi selecionado para compor este estudo, já que apresenta discursos sobre a importância da expansão capitalista no Cerrado, o que resulta em seu desmatamento e na degradação da fauna, da flora e da biodiversidade.

A partir das reflexões provocadas no documentário, este pode ser usado na Educação Ambiental, com o intuito de dialogar sobre as denúncias ambientais apresentadas visando despertar o pensamento crítico nos alunos.

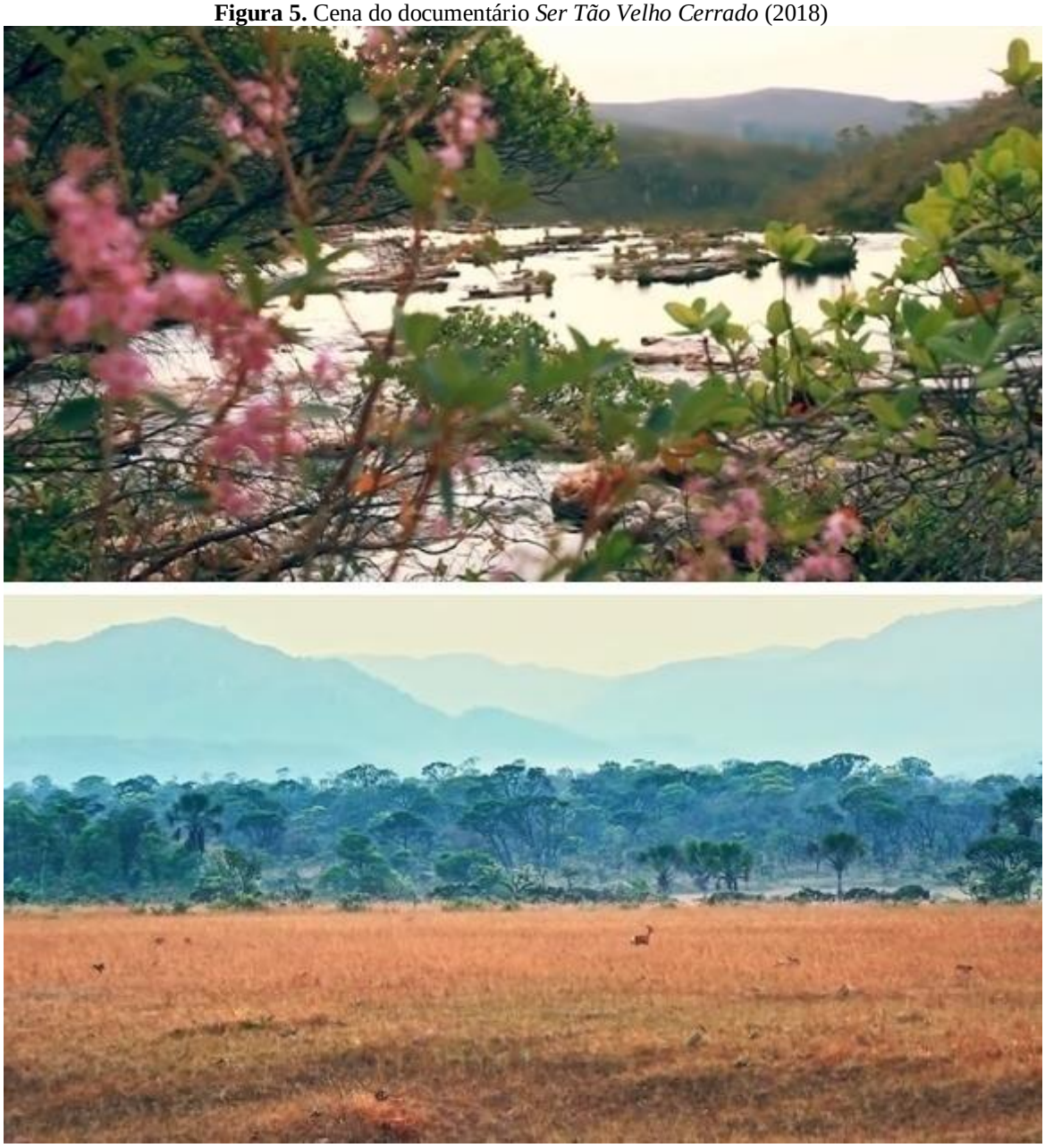
5.2.4 *Ser Tão Velho Cerrado*

Lançado em 2018, este documentário – vencedor do Prêmio do Público de Melhor Filme na 7ª Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental 2018 – apresenta o diálogo entre a comunidade científica, os proprietários de terra e os defensores ambientais acerca da preocupação dos moradores da Chapada dos Veadeiros que veem, preocupados, o fim do Cerrado em Goiás e seu desmatamento.

O documentário é um alerta sobre a conservação ambiental, vegetal, animal e até mesmo cultural do cerrado. Além disso, intercala os discursos de ambientalistas, cientistas e até mesmo dos responsáveis pelo desmatamento desenfreado da região, os grandes agricultores – evidenciando a ganância humana e a visão de que, preservar é desnecessário, ou seja, há um negligenciamento em relação ao bioma e ao ecossistema, os quais precisam estar em equilíbrio para manter a fauna e a flora da região. A não ser que, sejam pagos para preservar, pois para eles, isso seria trabalhoso e ninguém trabalha de graça.

Percebemos, por meio deste registro, a tamanha importância do cerrado brasileiro. Suas riquezas, sua cultura, seu papel na manutenção das reservas naturais de água potável. E, se não lutarmos para preservá-lo, ele será extinto e isto será irreversível.

Figura 5. Cena do documentário *Ser Tão Velho Cerrado* (2018)



Fonte: Imagens capturadas na internet (Youtube).

No decorrer do documentário também é exposto o conflito na gestão do plano de manejo na Área de Proteção Ambiental (APA) do Pouso Alto, a ampliação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, e a expansão da monocultura de soja. Os relatos apresentados, de ativistas da área, apontam como a presença do homem alterou drasticamente a região.

A placa que diz: Cerrado – a savana com maior biodiversidade do planeta, não é condizente com a paisagem que vemos, onde o horizonte é tomado por plantações de soja.

Figura 6. Cena do documentário *Ser Tão Velho Cerrado* (2018)

Fonte: Imagem capturada na internet (Youtube).

Outro ponto importante trazido pelo documentário diz respeito ao código florestal, o qual permite a degradação de 80% das áreas privadas, sendo que, 85% do cerrado está localizado em áreas privadas. Ou seja, o cerrado está desprotegido.

O desmatamento da vegetação nativa do cerrado afeta o clima e o solo. O que resulta também no aumento da infestação de pragas e no uso de inseticidas e agrotóxicos para seu combate. Prejudicando assim os pequenos produtores orgânicos locais, que sofrem com esses impactos.

Outro dado assustador trazido é que, só em 2013, o Brasil consumiu 1 bilhão de litros de agrotóxicos, o equivalente a 5 litros por habitante. O que faz do nosso país o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.

O cerrado segue sem proteção. Os grandes produtores não têm consciência de sua importância, causando impactos ambientais que provocam reflexos sociais, pois os habitantes da região sobrevivem economicamente do ecoturismo, o qual necessita da preservação ambiental.

Para Nichols (2005), documentário estimula o desejo de saber no público, pois transmite, além de informação, uma retórica persuasiva e uma poética comovente. A partir dos argumentos apresentados, os documentários buscam nos persuadir ou convencer sobre uma causa, um ponto de vista. Nichols defende ainda que, para cada documentário existem ao menos três histórias que se entrelaçam, as quais são: do cineasta, do filme e do público.

Podemos dizer que um documentário se esforça em tentar nos convencer ou persuadir sobre determinada visão de mundo. Além disso, as metáforas nos auxiliam a definir ou compreender as coisas com base no que elas parecem ser. A experimentação poética vale-se de imagens cativantes que seduzem. Já a narrativa propicia um modo formal de contar histórias, que pode ser empregada tanto no mundo histórico quanto no imaginário. As narrativas, mais do que resolverem conflitos, estabelecem ordem (NICHOLS, 2005).

5.3 A abordagem lúdica e sua potência educativa

Quando falamos em lúdico logo pensamos em brincadeira, jogo, diversão. Sendo assim, pode-se dizer que, uma educação pautada pelo lúdico é mais atrativa, já que carrega consigo, teoricamente, a diversão. Presente em todas as épocas da humanidade, o brincar se mantém até hoje (SANT'ANNA; NASCIMENTO, 2011).

> Na história antiga há relatos de que o ato de brincar era desenvolvido por toda a família, até quando os pais ensinavam os ofícios para seus filhos. Destacamos que para cada época e sociedade a concepção sobre educação sempre teve um entendimento diferenciado, logo o uso do lúdico seguiu tal concepção. Os povos primitivos davam à educação física uma importância muito grande e davam total liberdade para as crianças aproveitarem o exercício dos jogos naturais, possibilitando assim que esses pudessem influenciar positivamente a educação de suas crianças (SANT'ANNA; NASCIMENTO, 2011, p. 20).

Tanto a herança cultural quanto a educacional deve ser usada para o aprendizado dos alunos. No Brasil, os indígenas, portugueses e negros foram precursores do desenvolvimento do lúdico. As brincadeiras e os jogos são originários dessa miscigenação. Portanto, devemos preservar e valorizar o material trazido dos nossos antepassados, com o intuito de estimular o resgate histórico de cada um (SANT'ANNA; NASCIMENTO, 2011).

Tanto os indígenas como os negros sempre fizeram valer seus costumes para ensinar seus filhos. Ou seja, os indígenas ensinavam seus filhos a construir seus brinquedos com materiais retirados da natureza; "caçam e pescam com o olhar diferente dos adultos e seus objetivos são sempre o de brincar e se divertir sem que de fato o façam para sua real necessidade de sobrevivência" (SANT'ANNA; NASCIMENTO, 2011, p. 24).

Os negros, assim como os indígenas, ensinavam as crianças a construir seus próprios brinquedos, além de nadar, pescar e caçar. "Cultura, educação e tradição desenvolvidas de forma criativa, lúdica, e que ao mesmo tempo satisfazia suas reais necessidades de sobrevivência" (SANT'ANNA; NASCIMENTO, 2011, p. 24).

Já os filhos dos portugueses, não tinham contato com a ludicidade como ato de sobrevivência, mas sim como lazer e para seu enriquecimento intelectual. Ou seja, “seus costumes, trazidos de Portugal, eram totalmente diferentes dos existentes no Brasil dos índios e dos trazidos pelos negros, em suas bagagens, nos navios negreiros da África até aqui” (SANT’ANNA; NASCIMENTO, 2011, p. 24).

Nos modelos atuais da educação, deve-se levar em conta que o aluno já traz consigo conhecimento, sendo assim, o professor deve propor o lúdico como um instrumento metodológico de ensino. Em outras palavras, o professor deve explorar as diversas formas de brincar trazidas pelo aluno (SANT’ANNA; NASCIMENTO, 2011).

> Todo ser humano, independente de sua sexualidade, raça, cor, origem, quando brinca, demonstra prazer e alegria em aprender, sem o peso da obrigação do aprender mecanizado. Todos devem ter a oportunidade de lidar com suas energias em busca da satisfação de seus desejos e de resultados satisfatórios para o seu desenvolvimento psíquico (SANT’ANNA; NASCIMENTO, 2011, p. 33).

Os aspectos de desenvolvimento cognitivo e afetivo devem ser levados em consideração para envolver o indivíduo no ato de brincar, o que possibilitará sua abertura ao novo, ou seja, a se interessar em adquirir novos conhecimentos (SANT’ANNA; NASCIMENTO, 2011).

O lúdico na educação pode possibilitar uma forma prazerosa de aprendizado e conexão com o assunto apresentado, de maneira descontraída. Como por exemplo, a inserção do larp (*liveaction role playing*) nas práticas educativas. E como arte participativa, o larp tem como proposta a “criação conjunta e espontânea dos participantes (IUAMA, 2020, p. 18).

> Além disso, um larp não possui um texto consolidado. Com isso, quero dizer que, se estivesse estudando um filme, por mais que as interpretações dos espectadores fossem distintas, ainda assim haveria um roteiro rígido. O mesmo vale para a literatura, em que as impressões dos leitores teriam divergências, mas ainda assim haveria o texto fechado do livro (IUAMA, 2020, p. 19).

Assim como o RPG (*Role Playing Game*), o larp também é um jogo no qual os participantes assumem a representação dos personagens. Além do mais, o larp é uma brincadeira, um faz-de-conta (IUAMA, 2020).

> A dramaturgia do larp não diz respeito à enunciação de cenas (tal como ocorre no teatro), e sim à construção de ambientes que favoreçam uma determinada moldura. Nesse sentido, o design de um larp atua como o engendramento de elementos que favorecerão determinados tipos de estímulos (contudo, sem limitar os estímulos dos participantes). Transposto para outra linguagem, é como a inserção de luz de velas em um jantar para favorecer a criação de um ambiente romântico (IUAMA, 2020, p. 83).

Outra característica do larp é que a figura do anfitrião (o qual pode ser o escritor ou aquele que convida os participantes) pode ter sua proposta reajustada, de acordo com o interesse do grupo de participantes (IUAMA, 2020).

Sendo assim, compreende-se que o larp pode ser um grande aliado para abordar ludicamente temas importantes e potencializar o aprendizado.

Apesar de termos a compreensão de que brincar significa tempo perdido, pois a prática não está vinculada ao mundo produtivo, vale ressaltar que, o lúdico é a brincadeira levada a sério. Uma possibilidade de extrair das brincadeiras e jogos a aprendizagem, pois tais atividades geram participação e interação dos alunos (ROBERTO; SERATI; SERATI, 2022).

O modelo de aprendizado no qual o aluno apenas recebe informações, sem nenhum tipo de interação, não permite o exercício da criatividade, além de não ser eficaz para reter tais informações. O que difere de atividades lúdicas. As quais, além de prazerosas, permitem dinamismo, motivação e pensamento crítico (ROBERTO; SERATI; SERATI, 2022).

5.3.1 *Homo ludens*

Homo ludens, para Oswald de Andrade, é "como possibilidade de existência do indivíduo" (IUAMA; SILVA, 2021, p. 10). Iuama e Silva (2021) propõem a Ludofagia, um devorar-jogo. O qual se trata de um ato político e poético, que considera aquilo que foi descartado, pois ali estão "as possibilidades mais interessantes de mudança" (IUAMA; SILVA, 2021, p. 15).

Já Ludocomunicação "é uma aposta na compreensão. Ao perceber a complexidade do mundo, abraça e encoraja as diferenças, entendendo que esta é uma das chaves para resolver as crises que se avultam. Por isso, é um posicionamento político ecológico e libertário" (IUAMA, 2020, p. 140).

Em ambos os conceitos, Ludofagia e Ludocomunicação, seu protagonista, o lúdico, abarca o poético e o político.

Mais antigo que a cultura, o jogo não pertence apenas aos humanos, mas também aos animais. Compreende-se, portanto, que o jogo está profundamente enraizado em nós e, portanto, não há como negar a existência do jogo (HUIZINGA, 2007). Nas palavras de Iuama (2020, p. 38): "Huizinga preocupa-se ainda em reconhecer que o jogo não é fundamentado em um elemento racional ou, mais ainda, uma exclusividade humana".

Huizinga pontua ainda que, se somos capazes de brincar e jogar e temos consciência disso, não somos meramente racionais, já que o jogo é irracional. O jogo pode ser considerado um tipo moderado de loucura (HUIZINGA, 2007).

A linguagem é um tipo de jogo da sociedade humana, forjada para comunicar, comandar e ensinar. Na concepção da fala e da linguagem, existe também a metáfora, que é um jogo de palavras. Assim, o ser humano cria outro mundo, um mundo poético (HUIZINGA, 2007).

O jogo é uma atividade voluntária. E se for sujeito a ordens, deixará de ser jogo, tornando-se, no máximo, uma imitação forçada. As crianças e os animais brincam porque gostam, é aí que está a liberdade do jogo (HUIZINGA, 2007).

Há no jogo uma tendência: a de ser belo. Além disso, ele é capaz de nos enfeitiçar, fascinar e cativar. Para Huizinga, um jogo carrega ritmo e harmonia (HUIZINGA, 2007).

Para Huizinga (2007), várias culturas desenvolvem a noção de jogo e este pode ser visto em quase todos os aspectos da civilização, como na guerra, na religião, na política, nos esportes e até mesmo nas artes, com elementos lúdicos que impulsionam sua produção.

Sabendo que o jogo evoca o imaginário, o lúdico representa uma atividade prazerosa, assim, inseri-lo no âmbito educacional possibilita um processo de aprendizagem mais leve, criativo e motivador, logo, menos mecânico. Sendo o lúdico um conceito abrangente, aqui ele será discutido a partir do imaginário, da fantasia, de uma produção cinematográfica.

> Ver um filme é como um corpo a corpo, um lúdico confronto. De um lado, está o espectador interessado, de alguma forma, em dominar o sentido daquilo que se sucede no tempo, projetado em uma tela luminosa à sua frente; do outro, o filme, resultante de uma conjunção de recursos específicos, som, imagem, fotografia, movimentos de câmera, montagem, enquadramento etc., produto do trabalho cinematográfico de alguém (LYRA, 1999, p. 37).

Lyra pontua também que: “afinal, ver um filme ocorre em um lúdico espaço que é o simulacro de outro espaço de jogo onde, como faz a rendeira pintada por Vermeer, se desfia e fia, indefinidamente, a própria existência de cada criatura” (LYRA, 1999, p. 43).

O cinema é uma atividade voluntária, praticada nas horas de ócio. Quando assistimos a um filme buscamos alguma forma de prazer, de comungar com uma situação que nos transporta para outro mundo. Independente do gênero do filme, quando nos propomos a assistir a um filme, assumimos uma posição de viver o que nos é apresentado. Como num jogo, assumimos um papel que aceita ser transportado para esse outro mundo imaginário. E, assim como no jogo, podemos nos deparar com momentos de alegria, tensão e até mesmo de incômodo, pois um filme carrega a possibilidade de absorver o espectador para dentro de sua narrativa. Assim, podemos considerar o cinema (filme) como um jogo.

> Os filmes e as séries de televisão nos falam, sem parar, dos problemas da vida que são os amores, ambições, ciúmes, traições, doenças, encontros, acasos. São "evasões" que nos fazem mergulhar em nossas almas e em nossas existências. Os romances ou filmes *noirs*, como as tragédias antigas ou elisabetanas, fazem-nos descer aos nossos subterrâneos, nossas "cavernas interiores", onde reinam a violência e a barbárie, ou então, dão um impulso imaginário a nossos desejos de aventura. O atroz em nossas vidas é transfigurado num filme e nos dá a volúpia ou o deslumbramento no horror. O impossível é realizado, mas no imaginário, ou seja, sem perigo. Encontramos no cinema, ao mesmo tempo, evasão e hiper-realidade. Revela, do seu jeito, que como dizia Franz Lisz "as artes são o meio mais seguro de se esconder do mundo, mas também o meio mais seguro de unir-se a ele" (MORIN, 2002, p. 135 - grifos do autor).

Para Morin (2002), o lúdico nos retira do estado prosaico, racional e nos coloca em um estado poético – um estado de emoção e de afetividade. E, para Iuama e Silva (2022, p. 92), "a vida é um jogo. Aberto, já que repleto de poesias, filosofias e traduções. Indefinido, mas não infinito". Assim, conclui-se que, o lúdico surge como outra perspectiva de pensamento, uma possibilidade de nos fazer entender e refletir sobre o real através do imaginário.

A partir destas colocações, o filme escolhido para compor este trabalho, *Okja* (2017), abarca elementos lúdicos. Trata-se de uma fábula anticapitalista, uma fantasia cínica sobre o mundo moderno. Cheio de aventuras, o filme traz uma narrativa cujo vínculo é entre uma porca e uma criança.

Okja (2017) busca ser persuasivo em seu discurso anticapitalista, e em alertar sobre a necessidade de se pensar o bem-estar animal, ao mostrar o lado desumano da produção de carne.

5.3.2 *Okja*

> Precisávamos de um milagre. E conseguimos. Esta criaturinha linda e especial será uma revolução na pecuária! Nossos superporcos não serão apenas grandes e lindos, eles deixarão um impacto mínimo no ambiente, consumirão menos alimento e produzirão menos excrementos. E, o mais importante... eles têm que ser gostosos (*Okja*, 2017).

Figura 7. Cena do filme *Okja* (2017)

Fonte: Imagem capturada na internet (Google imagens).

O filme *Okja*, do diretor Bong Joon-Ho, lançado em 2017, traz a curiosa história dos superporcos, em especial da superporca Okja, criada livremente numa montanha sul-coreana pela jovem Mija. Produzidos exclusivamente com o intuito de alimentar o maior número de pessoas possível, os superporcos foram apresentados à mídia como uma descoberta para reduzir os impactos ambientais. Lucy Mirando (interpretada por Tilda Swinton), herdeira da empresa Mirando Corporatin, é quem apresenta os superporcos à mídia. Contudo, tal discurso trata-se mais de um planejamento de marketing, o qual "vende" a ideia de uma visão ambientalmente responsável da corporação.

O vínculo entre Okja e Mija, que é órfã, é o resultado de um contrato que ambas desconhecem. Propriedade da Mirando Corporation, Okja, destinada ao abate habitual e a cínica exploração comercial da empresa, é retirada de seu lar.

Figura 8. Cena do filme *Okja* (2017)

Fonte: Imagem capturada na internet (Google imagens).

Após entregar Okja, o avô de Mija a presenteia com um pequeno porco de ouro, como consolo. Ela é então levada aos Estados Unidos para ser exibida em um festival - uma espécie de concurso de beleza de porcos que celebra os resultados promissores dessa nova espécie.

É aí que surge o personagem de Jake Gyllenhaal, figura excêntrica que simboliza a hipocrisia midiática. Ele vive um apresentador de programa que viaja o mundo em busca de mostrar aspectos nunca vistos no mundo natural. Enquanto seu personagem defende amor pelos animais e pela natureza, nos bastidores conhecemos um ser humano capaz de atrocidades que vão contra tudo aquilo que é mostrado em seus shows.

Figura 9. Cena do filme *Okja* (2017)

Fonte: Imagem capturada na internet (Google imagens).

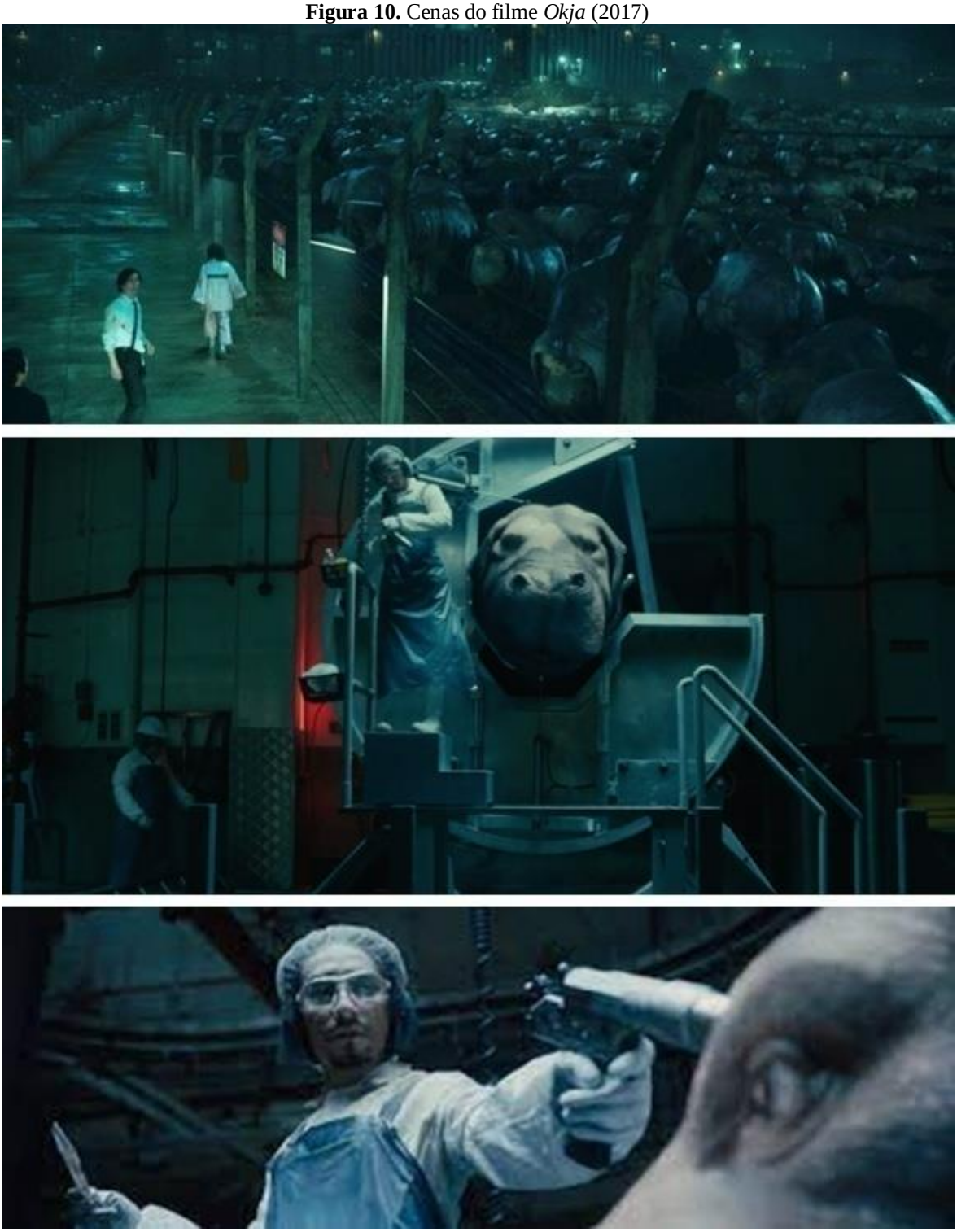
A separação de Okja e Mija dá início a uma aventura que tem como intuito resgastar sua amiga porca. Sem nenhum plano, mas com um único objetivo, Mija parte em uma missão de resgate. Para isso, ela conta com a ajuda de um grupo de ativistas que sequestram, brevemente, Okja e colocam uma câmera nela, para expor as atrocidades e os abusos sofridos pelos animais da empresa.

Uma vez que saem do campo, Okja e Mija enfrentam o mundo urbano, com perseguições e outros cenários de filmes de ação. Após a perseguição de Okja em um shopping subterrâneo de Seul, saltamos para Nova York, em uma fábrica de processamento de carnes. Lá, somos impactados pela brutal cena em que Okja é submetida a cruzar com outro porco de sua espécie. Repulsamente, os ativistas acabam assistindo, através da câmera colocada nela, e registrando todo o momento.

O filme nos ajuda a refletir sobre como os animais são vistos como objetos, mercadorias que carregam lucros milionários. Há também discussões sobre responsabilidade corporativa, ética do consumo de carne, e o limite aceitável de crueldade animal – as imagens finais exprimem bem os abusos, de forma até perturbadora. A cena em que a sombria instalação de concreto é mostrada, local onde os animais são abrigados, sugere um campo de concentração. Ela é composta por uma paleta de cores que remetem a tristeza vivenciada ali.

Imaginemos a seguinte cena: ser cuidador e companheiro de um animal de estimação por anos e, de repente, tê-lo retirado por uma empresa que tem como única intenção o seu abate. Em *Okja*, é exatamente isso que ocorre. Com momentos de humor ao longo da trama, o filme traz lições valiosas e questões relevantes vivenciadas no mundo atual.

Figura 10. Cenas do filme *Okja* (2017)



Fonte: Imagens capturadas na internet (Google imagens).

A cena inicial, sem diálogos, transmite a essência do filme. Trata-se de uma história sobre a natureza, sobre a inocência de uma criança. Enquanto as penúltimas cenas são duras e cruéis, pois mostram um mundo regido pela ganância e provam que, em um mundo capitalista, tudo tem seu preço.

Mija tenta apelar para o sentimentalismo, ao mostrar uma foto sua e de Okja, mas, somente ao oferecer o porco de ouro, aquele que ganhara de seu avô, ela consegue ter sua amiga de volta e retornar para o seu lar.

Figura 11. Cena do filme *Okja* (2017)

Fonte: Imagens capturadas na internet (Google imagens).

Ninguém defende os peixes e as galinhas que Mija e seu avô consomem em casa, pois, o que fica claro é que, o filme busca criticar o sistema industrial de alimentos e mostrar os abusos sofridos pelos animais nesse processo. Em um mundo justo, *Okja* teria o poder de nos fazer questionar os discursos de grandes corporações. De nos fazer buscar respostas que desafiam a cultura consumista que abraçamos. De não aceitar tão facilmente as imposições do capitalismo e, sim, buscar o consumo consciente. De exigir ética por parte destas corporações em prol da natureza e dos seres que nela habitam. Isso sim inspiraria mudanças. Mas, o mundo não é um lugar justo. Contudo, devemos buscar relações de alteridades.

6 NECESSIDADES DE NOVAS PERSPECTIVAS

Este capítulo discorre sobre o uso da narrativa na possibilidade de uma educomunicação pautada pelo sensível.

6.1 Uso da narrativa na educação ambiental

> A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se internepetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante (BENJAMIN, 1987, p. 198-199).

O narrador, ou contador de histórias, exerce um papel fundamental para nos ajudar a cultivar a sabedoria na era da informação – tarefa esta cada vez mais desafiadora à medida que somos bombardeados com um amontoado de informações fragmentadas e desconexas. Quando recebemos as notícias pela manhã sobre os acontecimentos do mundo, não somos surpreendidos com as histórias. O motivo para isso é que, “os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1987, p. 203).

Pode-se dizer que, o lamento de Benjamin em relação à mercantilização da informação deve-se ao fato de que uma notícia só serve quando é nova, ela não sobrevive ao tempo. A narrativa não visa transmitir uma informação ou relatório, ela é atemporal, ela não se gasta, ela se preserva e prospera. E o papel do narrador consiste em transmiti-la com sabedoria, aconselhar. Essa é, então, a teia na qual o narrador ou contador de histórias é embalado, na transmutação da informação em sabedoria (BENJAMIN, 1987).

Nessa perspectiva, elege-se o cinema como uma forma de arte que corresponde com o papel do narrador, pois, uma produção cinematográfica pode sensibilizar sobre os mais variados temas, ao utilizar recursos poéticos como fotografia, trilha sonora... sendo, assim, capaz de atravessar o âmago da realidade por meio da ficção.

Os filmes que compõem este trabalho carregam esta virtude. Ressalta-se ainda que, o critério de escolha não era a distinção de gênero ou de origem, mas sim, se estes abarcavam aspectos educomunicacionais e, os quais pudessem contribuir para uma tipologia de

narrativas. Ou seja, filmes para nos auxiliarem na construção de uma educomunicação sensível.

La tierra y la sombra (2015) apela para o poético, com sua narrativa sensível sobre relações interpessoais e sobre a luta pela sobrevivência de trabalhadores impotentes diante a realidade que os cerca. Os personagens, quase sempre calados, não expressam seus sentimentos por meio de palavras. O silêncio é um fator predominante do filme, pois o que temos é uma obra que segue, sem pressa, a rotina de uma família e seu sofrimento perante as injustiças. Temos os contrastes das imagens, luzes e sombras, que mostram um casebre que prevalece em um local cercado por vastas plantações de cana-de-açúcar. A sombra, mostrada no interior da casa e em algumas partes externas por onde se espalham as cinzas – resultado das queimadas de cana –, propaga angústia e tristeza. As realidades da família e de seu trabalho são enquadradas em extensos campos de cultivo de cana-de-açúcar. E, tudo o que acontece com a família gira em torno deste cenário. Melancolia e monotonia, verde e cinza, terra e sombra, enraizamento e resistência estão alojados na intimidade destes personagens que, para além do drama familiar, nos conduz a refletir e questionar sobre como um dano ecológico pode causar tantos efeitos colaterais.

O documentário *Ser Tão Velho Cerrado* (2018) é marcado por denúncias e busca informar ao mesmo tempo em que conta histórias e que mostra belas imagens da natureza alteradas com imagens de destruição. Destruição esta causada pelos homens. Apresentado como o bioma mais antigo do Brasil, o Cerrado é rico em fauna e possui vasta diversidade florestal. Além disso, é a morada de plantas medicinais e água doce – sendo considerado importante para o clima e os recursos hídricos de todo o Brasil. O documentário tem como enfoque a Área de Preservação Ambiental Chapada dos Veadeiros e a luta dos defensores do bioma, que argumentam sobre temas morais, econômicos, ambientais e até espirituais. De forma didática, a importância do Cerrado para o clima é abordada por meio de entrevistas e imagens. Sua poética reside, sobretudo, em sua bela fotografia. A narrativa nos faz refletir sobre a ganância capitalista e da necessidade de nos posicionar contra a destruição da natureza, a qual afeta todos.

Em *Okja* (2017), temos uma fábula sensível, uma amizade que ultrapassa fronteiras, entre uma porca e uma criança. O lúdico nos remete a uma reflexão crítica sobre a ganância capitalista, o comportamento da indústria alimentícia e a crueldade para com os animais e apresenta temas importantes que muitas vezes ignoramos.

Para Morin (2005, p. 36), “o estado poético pode ser produzido pela dança, pelo canto, pelo culto, pelas cerimônias e, evidentemente, pelo poema”. Em *Okja* o poético está no lúdico, no fantasioso que nos transporta a um cenário permeado pela imaginação.

O olhar antropofágico permite tal miscelânea de gêneros – já que a antropofagia apoia a assimilação do diferente –, porém, todos podem ser lidos sob a ótica da importância de se discutir questões em torno da devastação ambiental e da falta de informação por parte da população bem como da inconsciência ecológica que dá lugar à ganância capitalista.

Seja por meio de um filme poético, de um documentário ou de uma ficção científica, pode-se buscar trazer temas relevantes para serem discutidos e sensibilizar para compreensão de causas até então ocultadas pela mídia. Além disso, o cinema é capaz de alcançar muitas pessoas, o que facilita a disseminação de pautas pouco discutidas ou consideradas irrelevantes.

6.2 Por uma educomunicação sensível

A educação exerce um importante papel no que diz respeito às questões ambientais e, ao aliar educação e comunicação, temos a possibilidade de intensificar nossa noção de pertencimento à natureza. De nos fazer entender a importância das relações socioambientais, educando-nos para construção de uma sociedade sustentável, onde seremos cientes do impacto das nossas ações e de grandes empresas.

Deve-se considerar na educação ambiental as relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza. Ou seja, devemos questionar, dialogar sobre os conhecimentos científicos e populares, criticar os discursos falaciosos e publicitários de empresas e organizações que degradam o meio ambiente. Portanto, os meios de comunicação exercem um papel educativo fundamental ao apresentar filmes, artigos e reportagem sobre causas ambientais (REIGOTA, 2009).

A separação do humano com a natureza faz com que ele se sinta como se não fosse parte dela, transformando-o em consumidor, não em cidadão. E, quando despersonalizamos rios e montanhas, retiramos deles os seus sentidos, considerando, assim, um atributo exclusivamente humano. Ou seja, passamos a ver esses lugares como meros depósitos para resíduos, um local de descarte, nada mais (KRENAK, 2019).

Portanto, a educação ambiental pode agir como possibilidade de diálogo entre ciência e poesia. Contudo, para isso, devemos interferir no processo de ensino-aprendizagem, com a intenção de compartilhar diálogos, conhecimentos e experiências, os quais podem auxiliar na

compreensão de que devemos habitar o planeta como seres responsáveis e conscientes (SILVA; REIGOTA, 2010).

A partir das contribuições de Paulo Freire e de sua defesa em uma educação dialógica, libertadora e problematizadora, compreende-se que as interfaces comunicação/educação, ou apenas educomunicação, devem ser vistas de modo integrado. Além disso, o diálogo, tão caro a Freire, parece ser a base de uma educomunicação crítica e reflexiva.

Assim, para uma educomunicação sensível, devemos utilizar os diversos recursos disponíveis, como por exemplo, as manifestações artísticas, como música, cinema, teatro, entre outras. E, tecida pelo poético, seja a educação tradicional ou a educomunicação, pratica-se alteridades por meio do saber.

Muniz Sodré (2006) nos auxilia na compreensão sobre as estratégias sensíveis utilizadas na comunicação. Uma de suas preocupações refere-se ao fato da mídia ser parte de nossas vidas e, de dependermos e vivermos por meio dela. Para o pesquisador, um dos problemas relacionados a isso, é quando a cultura se molda a partir do tecnológico, do consumo e de regras sociais provenientes deste panorama e da informação. Ou seja, as mídias produziram um universo novo no qual vivemos.

Sodré explica ainda que, o educador Paulo Freire, mesmo não sendo um analista das mídias, destacava “a centralidade dos processos comunicativos na produção do saber” (SODRÉ, 2006, p. 20).

Portanto, percebe-se a importância de interligar os campos comunicação e educação, criando-sea educomunicação. E, conforme exposto anteriormente, para uma educomunicação sensível, devemos usar todos os recursos disponíveis para, assim, conseguir afetar.

Sodré explica que o afeto (*affectus*), na esteira do pensamento espinosano, “implica tanto para o corpo quanto para o espírito um aumento ou uma diminuição da potência de agir” (SODRÉ, 2006, p. 28).

Deste modo, compreende-se que, dependendo da forma como sou “afetado”, diminui ou aumenta a minha potência de agir. E, para uma comunicação potencializar o educar, deve-se evocar o sensível.

> Persuadir, emocionar, abrir os canais lacrimais do interlocutor por meio do apelo desabrido à banalidade são recursos centrais da retórica propagandística, aperfeiçoada pela publicidadee pelo *marketing* de hoje. A dierença para com o passado é que, agora, sob a égide da mídia, o sismógrafo também produz o abalo "sísmico", ou seja, a mídia não se define como mero instrumento de registro de uma realidade, e sim como dispositivo de produção de um certo tipo de realidade, *espetacularizada*, isto é, primordialmente produzida para a excitação e o gozo dos sentidos. Com a

> mídia, o *sismógrafo* e o *sismo* são a mesma coisa (SODRÉ, 2006, p. 79 - grifos do autor).

Contudo, diante do exposto, deve-se primar pelo pensamento crítico. Não acreditar em tudo o que é veiculado pela mídia, mas sim, questionar e verificar todos os lados. Emerge daí a necessidade de se considerar, em todas as esferas da educação, as contribuições do pensamento de Paulo Freire sobre a importância de instigar a criticidade nos educandos.

Seja por meio de um filme dramático que apresenta uma história que gira em torno de uma família e suas relações, e no qual o problema ambiental é visto como pano de fundo de toda a tragédia que se instaura ali; seja por meio de um documentário que denuncia todas as atividades predatórias do homem perante a natureza; ou por meio de um filme de ficção-científica que nos transporta a um mundo de fantasia; somos sensibilizados e convidados a pensar sobre as ações do ser humano e seu comportamento em uma sociedade cunhada pelo capitalismo e ganância.

Os filmes *La tierra y la sombra*, *Ser Tão Velho Cerrado* e *Okja*, apesar de serem de diferentes gêneros nos transportam a refletir sobre como os problemas ambientais podem afetar nocivamente os seres, humanos e não humanos, e o ambiente.

O cinema existe como elemento da estética e nela, na estética, residem o imaginário e a poesia que podem provocar encantamento. O estado estético, de acordo com Morin (2002, p. 132),

> é um transe de felicidade, de graça, de emoção, de gozo e de felicidade. A estética é concebida aqui não somente como uma característica própria das obras de arte, mas a partir do sentido original do termo, *aisthètikos*, de *aisthanesthai*, "sentir". Trata-se de uma emoção, uma sensação de beleza, de admiração, de verdade e, no paroxismo, de sublime; aparece não somente nos espetáculos ou nas artes, entre os quais, evidentemente, a música, o canto, a dança, mas também nos odores, perfumes, gostos dos alimentos ou das bebidas; origina-se no espetáculo da natureza, no encantamento diante do oceano, da montanha, do nascer do sol. Pode vir mesmo de obras sem qualquer finalidade estética inicial, como os antigos moinhos de vento ou as antigas locomotivas a carvão. Também os objetos mais técnicos, como o automóvel ou o avião, podem vir a ter forte carga estética.

O cinema é feito de sons, imagens e narrativas. E, podemos considerar que há uma relação comunicativa entre o espectador e o filme, pois existe ainda uma possibilidade de transformação. Ou seja, o cinema surge como uma catarse. Podemos considerar também que uma produção cinematográfica carrega a intencionalidade de transmitir informações, conhecimentos, emoções.

6.3 Proposta didática

Como fonte de cultura e aprendizado, aplicar filmes em sala de aula pode ser uma atividade prazerosa e ao mesmo tempo pedagógica. Uma oportunidade de trabalhar educação e comunicação. Assim, como recurso didático, o cinema amplia o enriquecimento cultural e serve para incentivar a criticidade dos educandos perante a mídia.

Nos anos 2000, no Brasil, começam a ser discutidos os multiletramentos. A Pedagogia dos Multiletramentos propõe "a valorização e a incorporação de gêneros textuais multimodais nas práticas pedagógicas escolares, defendendo a necessidade de adequação da escola à sociedade moderna e globalizada", ou seja, os educandos devem ser letrados para as várias liguagens (ROJO; KARLOS-GOMES; SILVA, 2022, p. 2).

E, se antes na alfabetização o foco principal era a letra e o som da fala, atualmente não é mais possível alfabetizar dessa forma. Já que os textos não são tão simples e assumem as configurações do mundo digital (ROJO; KARLOS-GOMES; SILVA, 2022, p. 4).

Para Lemke (2010, p. 456):

> Os letramentos são, em si, tecnologias e nos dão as chaves para usar tecnologias mais amplas. Eles também produzem uma chave entre o eu e a sociedade: o meio através do qual agimos, participamos e nos tornamos moldados por sistemas e redes 'ecossociais' mais amplos. Os letramentos são transformados na dinâmica desses sistemas de auto-organização mais amplos e nós – nossas percepções humanas, identidades e possibilidades – somos transformados juntamente com eles.

O autor defende ainda que, "todo letramento é letramento multimidiático: você nunca pode construir significado com a língua de forma isolada". Além disso, considera os letramentos sociais, pois aprendemos pela participação em relações sociais. E, além do mais, eles não podem ser considerados como atos passivos. Precisamos compreender os letramentos como parte de sistemas mais amplos e que dão coesão à sociedade (LEMKE, 2010, p. 456).

Assim, as habilidades interpretativas devem ser estendidas de textos para filmes, imagens, quadros estatísticos, gráficos, entre outros. Ou seja, assim, as pessoas podem aprender a serem um pouco mais críticas e céticas perante o bombardeio de informações (LEMKE, 2010).

Contudo, o letramento propicia tanto o poder quanto a vulnerabilidade. Nas palavras do autor:

> o poder para adicionar um segundo mundo de significados ao mundo em que nossos corpos estão enredados, mas também a vulnerabilidade de confundir o primeiro com o segundo. O poder surge quando adicionamos um ao outro; o perigo, se substituímos a realidade virtual pela ecológica. A capacidade semiótica dos seres humanos nos faz infinitamente adaptáveis em termos dos

> significados que podemos somar à nossa experiência, mas nem todas essas possíveis adaptações permitirão que nossas espécies sobrevivam. No período de vida dos estudantes que estão agora em nossas escolas, estes assuntos precisarão ser encarados. Será que os letramentos que ensinamos hoje os ajudarão a fazer as escolhas mais sábias? (LEMKE, 2010, p. 475).

Lemke, respondendo a sua própria pergunta, considera que "ninguém pode prever as transformações do século XXI durante a revolução tecnológica da informação". Contudo, de acordo com ele, o ensino deve se adequar para os dias de hoje (LEMKE, 2010, p. 475).

No bojo dessas considerações, os filmes podem auxiliar na compreensão, no debate e no posicionamento perante a depredação ambiental causada pelos seres humanos e sua ganância capitalista, a qual somente visa lucros e a isenção de seus atos.

Ao utilizar o filme como recurso pedagógico, deve-se considerar aplicar algumas questões para reflexão, para isto, tomamos como base a sequência didática da Secretaria da Educação do estado de São Paulo[9].

Em um primeiro momento, sugere-se que haja apresentação do tema. Após a exibição, sugere-se ainda, realizar atividades sobre os temas presentes nos filmes com o intuito de instigar a reflexão para, assim, desenvolver cidadãos críticos e conscientes. Com isto, abrir um espaço, uma roda de conversa para que os alunos apresentem suas considerações sobre o filme e sobre a mensagem transmitida por ele.

A seguir, utilizaremos os filmes escolhidas neste trabalho para exemplificar nossa proposta didática.

Filme 1 – *La tierra y la sombra* (2015)

Sinopse: Alfonso (Haimer Leal) volta para casa após 17 anos de ausência, devido à doença que seu filho sofre. A situação tem mobilizado toda a família, com a esposa dele e sua mãe trabalhando na plantação de cana de açúcar para conseguir o sustento financeiro necessário. Mesmo com Gerardo (Edison Raigosa) praticamente trancafiado em casa, já que todas as janelas permanecem sempre fechadas para que não entre poeira, ainda assim ele não apresenta melhora no estado de saúde. Diante da situação, a família busca algum meio de interná-lo[10].

[9]Sequência didática feita com base no Caderno do Professor (Aprender Sempre), da Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo (BRASIL, 2022).

[10]Texto retirado do site Adoro Cinema. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-237269/. Acesso em 25 de fev. 2023.

Figura 12. Poster do filme *La tierra y la sombra* (2015)

Fonte: Imagem capturada na internet (Google imagens).

Antes de exibir o filme colombiano *La tierra y la sombra*, nossa dica é: que o professor deixe claro para os alunos o que será pedido na sequência. Além disso, poderá ser feita uma explanação sobre o tema que será discutido a partir do filme. Nesse caso, a questão ambiental e o poético. Os elementos fílmicos também podem ser discutidos, como enredo, tempo, personagens, cores, todos os recursos utilizados para a trama.

Após a exibição, é interessante que os alunos troquem ideias em pequenos grupos, pois, assim, eles podem aprofundar suas percepções, curiosidades e diferentes pontos de vista. Na sequência, sugere-se fazer uma roda de conversa, na qual, os alunos poderão apresentar questionamentos e apontamentos como: qual a cena que mais chamou a atenção, o que esperavam etc.

Algumas perguntas ou colocações podem nortear o debate. Exemplos: a) qual a mensagem do filme?; b) qual sua opinião sobre a situação trabalhista dos cortadores de cana?; c) injustiça social; d) depredação ambiental; e, por último, e) destacar os elementos poéticos presentes na obra.

Pode ser solicitado, ainda, a produção de um texto. E, após o término, estes poderão ser trocados entre os alunos para leitura e, assim, um novo debate se iniciará, o qual será dirigido sobre a leitura crítica dos alunos e sobre os trabalhos uns dos outros.

Filme 2 – *Ser Tão Velho Cerrado* (2018)

Sinopse: Os moradores da Chapada dos Veadeiros, preocupados com o fim do Cerrado em Goiás, procuram novas formas de desenvolver a região sem agredir o meio ambiente em que vivem. O desafio, agora, é conciliar os interesses relacionados ao manejo da Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto. Para isso, a comunidade científica, grandes proprietários de terra e defensores do meio ambiente iniciam um diálogo delicado, mas necessário[11].

Figura 13. Poster do filme *Ser Tão Velho Cerrado* (2018)

Fonte: Imagem capturada na internet (Google imagens).

A oralidade é importante para ser trabalhada em sala de aula. Dessa forma, a conversa deve ser vista como uma prática da comunicação. Neste sentido, um planejamento da roda de

[11]Texto retirado do site Adoro Cinema. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-266152/. Acesso em 25 de fev. 2023.

conversa para possíveis intervenções sobre o assunto e para promover a participação de todos parece ser essencial.

Algumas questões podem ser feitas para auxiliar o debate da roda de conversa. Assim, a partir da exibição do documentário, pode ser perguntado, por exemplo, sobre a problemática ambiental que os moradores enfrentam e como são prejudicados por isto; sobre como o documentário ajudou a entender a importância do Cerrado; pode ser sugerido também, discutir sobre a ganância dos empresários e de como ela afeta a natureza; entre outros temas relacionados ao filme.

A partir dessa troca de ideias, pode ser solicitado aos alunos que eles façam uma pesquisa sobre a atual situação ambiental como aquecimento global, desmatamento, perda da biodiversidade..., e que façam uma análise sobre a importância de lutar e sensibilizar as pessoas acerca deste assunto tão importante para todos.

Filme 3 – *Okja* (2017)

Sinopse: Nova York, 2007. Lucy Mirando (Tilda Swinton), a CEO de uma poderosa empresa, apresenta ao mundo que uma nova espécie animal foi descoberta no Chile. Apelidada de "super porco", ela é cuidada em laboratório e tem 26 animais enviados para países distintos, de forma que cada fazenda que o receba possa apresentá-lo à sua própria cultura local. A ideia é que os animais permaneçam espalhados ao redor do planeta por 10 anos, sendo que após este período participarão de um concurso que escolherá o melhor super porco. Uma década depois, a jovem Mija (Seo-Hyun Ahn) convive desde a infância com Okja, o super porco fêmea criado pelo avô. Prestes a perdê-la devido à proximidade do concurso, Mija decide lutar para ficar ao lado dela, custe o que custar[12].

[12]Texto retirado do site Adoro Cinema. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-241477/. Acesso em 25 de fev. 2023.

Figura 14. Poster do filme *Okja* (2017)

Fonte: Imagem capturada na internet (Google imagens).

A roda de conversa, em relação ao filme, pode ser iniciada com a seguinte pergunta: quais foram as cenas que mais chamaram a atenção e por quê?. Além disso, pode se questionar ainda, sobre o vínculo que a porca e a criança tinham; sobre a diferença de mundos entre o campo e a cidade; sobre a indústria alimentícia; sobre como o filme pode sensibilizar para questões tão relevantes como a crueldade animal.

Sugere-se ainda uma apresentação sobre o filme. A qual poderá ser em dupla ou trio. A intenção é que os alunos possam explicitar sua opinião crítica sobre como a obra cinematográfica os ajudou a compreender, ou não, sobre os problemas ambientais e outros temas importantes.

Utilizar recursos como filmes no âmbito escolar podem instigar a criticidade, a interpretação do mundo e despertar a empatia, ao colocar em pauta temas relevantes sobre a situação atual. Portanto, torna-se central, considerar o potencial dos filmes como propagadores do conhecimento, na medida em que atingem os sentidos e os sentimentos dos espectadores.

Para que a proposta didática não seja apenas atrelada a reflexões, mas sim ações, é importante pensar em processos de sensibilização e produção de empatia – como propõe a comunicação poética ou sensível. Algumas perguntas-chave podem ser utilizadas, como: quais as sensações que a fotografia de tal filme produziu em você? Que sentimentos você experimentou ao tomar contato com essa narrativa? O que o uso das cores, dos enquadramentos e da música proporcionou na relação com suas emoções? Você consegue se colocar no lugar dos personagens? O que você sentiu ao ver o filme? Como você se sente agora e quais ações podem ser tomadas para melhorar a situação da emergência ambiental?

Tais perguntas podem possibilitar a construção de um pensamento crítico e a busca por soluções.

A proposta didática pode contribuir para aprendizagem, dentro do viés de ensino da educação ambiental, uma vez que permite o aluno desenvolver sua capacidade crítica e de tomar decisões sejam elas individuais ou coletivas.

Abordar os conteúdos em sala de aula além da teoria pode aproximar o âmbito escolar do cotidiano dos alunos, tornando a aprendizagem interessante, além de corroborar para despertar a busca pelo conhecimento científico.

Assim, compreende-se que, tornar o ensino prazeroso e participativo pode possibilitar aos alunos uma maior compreensão acerca das questões ambientais. A ideia da proposta didática é de servir como uma ferramenta para auxiliar os professores a conduzirem e produzirem suas aulas, bem como estimular a participação dos alunos e despertar o interesse sobre o conhecimento científico na relação com os acontecimentos cotidianos. Seja em um debate, em uma apresentação ou no desenvolvimento de um texto, a interação dos alunos é fundamental para obter êxito na dinâmica proposta.

Vale ressaltar a importância dos professores estarem dispostos e abertos a interagir e levar em conta o conhecimento dos alunos, já que, é indispensável que a proposta seja aceita e aderida por eles, a fim de despertar o interesse pela busca por mudanças individuais e coletivas diante da degradação ambiental.

Tal proposta busca colaborar no processo de ensino-aprendizagem, além de tornar viável a contribuição dos alunos a partir de informações sobre o ambiente no qual ele está inserido.

Sendo assim, o intuito da proposta apresentada é aproximar educadores e educandos, a partir do diálogo e da troca de informações. Só assim, talvez, seja possível despertar o interesse dos alunos sobre a importância de se informarem sobre a problemática ambiental e

de incentivá-los a ter hábitos que auxiliem na proteção ambiental, bem como a mudar alguns hábitos que prejudicam o ambiente ao seu redor.

Compreender a importância de se buscar por direitos e soluções é fundamental. Principalmente para aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade, como por exemplo, comunidades carentes, locais sem saneamento básico etc.

Portanto, devemos fazer valer nossos direitos como cidadãos. E isto, nos parece, só é possível mediante o conhecimento e o acesso à informação.

No entanto, Paulo Freire alerta que

> Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, "imersos" na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus "proprietários" exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões.
> Quando descobrem em si o anseio por libertar-se, percebem que este anseio somente se faz concretude na concretude de outros anseios.
> Enquanto tocados pelo medo da liberdade, se negam a apelar a outros e a escutar o apelo que se lhes faça ou que se tenham feito a si mesmos, preferindo a gregarização à convivência autêntica. Preferindo a adaptação em que sua não liberdade os mantém à comunhão criadora a que a liberdade leva, até mesmo quando ainda somente buscada (FREIRE, 2020, p. 47).

Diante do exposto, conclui-se que, todos os cidadãos que se preocupam com a sua existência devem atuar em prol de transformar sua realidade. Ou seja, é fundamental educar para a liberdade. E isso só se faz em comunhão. Afinal, "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão (FREIRE, 2020, p. 71).

Estimular os alunos a participarem, a opinarem, a compartilharem sua vivência do dia a dia em sala de aula, pode ser um caminho fértil para torná-los cidadãos comprometidos e engajados com o futuro do planeta e do ambiente ao seu redor.

Mais do que educar, a escola deve apoiar e incentivar os alunos a expressarem sua opinião, pois, assim, poderão fazer reverberar suas vozes e serem ouvidos. Para isso, faz-se necessário haver educadores que vão além da educação bancária e que desistam de serem meros transmissores de conhecimento. Educadores que compreendam a importância do diálogo e da troca de conhecimentos.

7 CONSIDERAÇÕES

O desmatamento na Amazônia cresceu 56,6% entre agosto de 2018 e julho de 2021, comparado ao mesmo período nos anos de 2015 a 2018. Estes dados foram apontados no estudo do IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), publicado em fevereiro/2022. O que mostra que, este resultado é reflexo do enfraquecimento de órgãos de fiscalização. Segundo o texto, quando comparado ao último triênio, as terras indígenas tiveram alta de 153% em média no desmatamento. Ou seja, o estudo destaca a importância de se adotar medidas estratégicas de prevenção e controle do desmatamento. Portanto, é primordial verificar os retrocessos na política ambiental, com a revogação dos Projetos de Lei (PLs) nº 2.633/2020 e 510/2021, da grilagem, n° 2.159/2021, do licenciamento ambiental, e n° 191/2020 e da mineração em terras indígenas[13].

O presidente eleito democraticamente, Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, em seu discurso de posse – o qual ocorreu em 1º de janeiro de 2023, criticou o avanço da miséria e da fome, a destruição de políticas voltadas à cidadania, bem como os direitos à saúde e à educação, e o desmonte da Cultura e da proteção ao Meio Ambiente no país nos últimos anos. Lula se comprometeu em tomar medidas com o intuito de planejar os investimentos públicos e privados rumo ao crescimento econômico sustentável, ambientalmente e socialmente. Outro ponto destacado por ele foi sobre as condições do Brasil para se tornar uma potência ambiental e a meta de zerar o desmatamento na Amazônia e emissão de gases do efeito estufa, além de incentivar o reaproveitamento de pastagens degradadas. Em seu discurso, ele também disse que em seu governo não admitirá a violência contra os pequenos, o desmatamento e a degradação do ambiente. Por este motivo, a criação do Ministério dos Povos Indígenas, pois, são os que melhor conhecem nossas florestas e os mais capazes de defendê-las[14].

Retomando Krenak (2020a), quem vive na floresta é quem vê a mata, as abelhas, a flora, as árvores sumirem. Enquanto os que vivem na cidade não têm essa noção, pois não veem o mundo ao seu redor desaparecendo, já que os recursos indispensáveis para o seu cotidiano são encontrados em supermercados, padarias, farmácias. Ou seja, o presidente eleito tem razão em dizer em seu discurso que os povos indígenas são os que melhor conhecem a floresta.

---

[13]Disponível em: https://ipam.org.br/desmatamento-na-amazonia-cresceu-566-sob-governo-bolsonaro/. Acesso em: 11 de mar. 2023.
[14]Disponível em: https://lula.com.br/discurso-de-posse-lula-2023/. Acesso em: 11 de mar. 2023.

Para a jornalista Eliane Brum (2022), devemos lutar como as florestas, que continuam existindo apesar de todos os ataques. Para ela, “o compromisso com a vida não é um ato que começa e acaba no indivíduo. É um ato em que aquele que se entende como um descobre que só pode ser em relação ao outro”. Ou seja, devemos unir forças para lutar contra as injustiças e desigualdades sociais, e em prol da natureza. Brum destaca ainda que, de acordo com os cientistas, a Amazônia chega ao ponto sem retorno, ou seja, a floresta não consegue agir como floresta. Assim, o governo eleito em 2023 precisa tomar medidas para proteger o que foi desprotegido no governo anterior. Não basta apenas criar um Ministério de Povos Indígenas se este não tiver real poder. É imprescindível que as promessas em defesa do clima sejam cumpridas, pois é urgente enfrentar a crise climática. Para isso, tanto os povos originários quanto as populações tradicionais precisam ser escutados[15].

A complexidade e a gravidade dos problemas ambientais não atingem somente a natureza e os seres que nela habitam, mas também os humanos – os quais se veem fora da natureza. Portanto, devemos utilizar todos os recursos disponíveis para, assim, sermos ambientalmente alfabetizados e, consequentemente engajados em contribuir para um futuro sustentável para todos.

Devemos entender as causas e as consequências dos comportamentos que impactam o meio ambiente e seus recursos naturais. Só assim poderemos nos posicionar diante dos problemas ambientais, exigir responsabilidade das indústrias e cobrar o governo a cumprir o seu papel, o qual deve ser na defesa ambiental, bem como no desenvolvimento de projetos e cumprimento de leis para prevenir sua depredação, o que demanda aplicação de penas e fiscalização contínuas.

A educação e a comunicação auxiliam em uma compreensão das causas e das consequências das decisões e ações que afetam os recursos naturais e o meio ambiente. Logo, a educomunicação apresenta-se como uma área que vê como parte de seu arcabouço os recursos midiáticos, digitais e a informação. Portanto, defende uma comunicação dialógica e crítica, bem como o direito à comunicação e à informação. E, por meio da educomunicação, encontra-se a possibilidade de se construir novas aprendizagens.

A educomunicação possibilita ainda despertar o interesse do aluno no atual contexto em que vivemos. Um mundo tecnológico e digital. Assim, a educomunicação no ambiente escolar traz muitas contribuições, as quais podem afetar os alunos de forma positiva, despertando interesse e atenção.

---

[15]Disponível em: https://sumauma.com/para-desintoxicar-de-bolsonaro-lute-como-floresta-para-ajudar-lula-a-fazer-o-certo-lute-como-floresta/. Acesso em: 11 de mar. 2023.

Cada vez mais precisamos adaptar a educação, levando em conta as mudanças do mundo. Só assim, talvez, possamos educar a geração futura de forma consciente, crítica e sensível, daí a importância da poesia na apresentação dos fenômenos do mundo - sensibilizar.

O planeta pede socorro, e os mais afetados serão os mais pobres e desprovidos de recursos. A cada ano que passa, o clima parece mais confuso, e os recursos, mais escassos, o que resulta em temperaturas quentes ou frias demais, em preços injustos e desigualdade social.

Uma oportunidade de trabalhar educação e comunicação é utilizar o cinema como recurso didático, ao mesmo tempo, pode ser também uma atividade prazerosa para transmitir informações e conhecimentos, além de incentivar a criticidade dos educandos perante a mídia.

Ao assistirmos uma produção cinematográfica, uma atividade praticada nas horas de ócio, somos transportados para outro mundo. Independente do gênero, quando nos propomos a assistir a um filme, também nos propomos a viver o que nos é apresentado. Além disso, o cinema pode nos sensibilizar e nos auxiliar na busca por mudanças de atitudes para com o meio ambiente.

Nessa perspectiva, elege-se o cinema como uma forma de arte que corresponde com o papel do narrador, pois, uma abordagem narrativa bem aplicada, pode auxiliar na mobilização de parte dos habitantes deste planeta a repensarem seus hábitos com relação à finitude dos recursos naturais.

Vale lembrar que o papel do narrador, de acordo com Benjamin (1987), auxilia-nos a cultivar a sabedoria na era da informação, visto que isto é cada vez mais desafior diante do bombardeamento de informações fragmentadas e desconexas a que somos expostos diariamente. Ou seja, uma narrativa, vista na perspectiva benjaminiana, aquela que se faz como forma de mediação da experiência, não visa transmitir uma informação ou relatório, ela é atemporal, preserva-se e prospera. Assim, o papel do narrador, também de acordo com o autor, consiste em transmitir sadeborias e conselhos.

Consequentemente, para uma educomunicação sensível, precisamos usar todos os recursos disponíveis, como manifestações artísticas, músicas, teatro, cinema, entre outras. E, seja na educação tradicional ou na educomunicação, entrelaçar o poético no âmbito do saber pode contribuir para despertar alteridades.

A partir das contribuições de Paulo Freire e de sua defesa em uma educação dialógica, libertadora e problematizadora, compreende-se que ao utilizar filmes em sala de aula, estes podem incentivar a criticidade e comunicar sobre a atual situação do planeta.

Existem muitos meios de comunicação à nossa disposição, desde a linguagem falada até os gestos mais simples. Como ferramenta da comunicação, a poesia expande a linguagem.

Uma comunicação poética pode ser o caminho para aprendizagem e mudança social, pois, quando acolhemos a comunicação poética em nosso cotidiano, passamos a assimilar a complexidade da linguagem, que nos auxilia na compreensão da complexidade do universo a que pertencemos, conduzindo-nos a uma relação mais aberta no sentido de ouvir o outro e o mundo.

A poesia não é uma mensagem codificada, ou seja, é mais útil perguntar o que a poesia comunica do que perguntar o que ela significa, independente de qual seja a sua configuração, verbal ou não verbal.

Mais do que uma conscientização ambiental, defendemos a compreensão ambiental. Por este motivo, as narrativas fílmicas apresentadas neste trabalho, dada a sua complexidade poética e a forma sensível como tratam a questão ambiental, por meio do cinema, independente do gênero, podem contribuir para uma educomunicação sensível. Ao colocar em pauta questões acerca da crise ambiental, a partir dos filmes assistidos, como demonstrado na proposta didática, o processo de ensino-aprendizagem pode contribuir na construção de diálogos e no compartilhamento de conhecimentos e experiências.

Devemos habitar o planeta como seres responsáveis e conscientes, pois, o problema ambiental pode afetar todas as formas de vida, todos os povos, todos os seres. Como vimos recentemente, o povo Yanomami sofreu com o desmonte da saúde indígena e com o avanço do garimpo. Além da desnutrição, crianças e idosos morreram por causa de doenças tratáveis, como vermes, pneumonia e diarreia. Entre 2021 e 2022, a região de Auaris, onde vivem 896 famílias, teve 2.868 casos de malária[16]. Essa catástrofe humanitária mostra o descaso com os povos indígenas e prova que o capitalismo está acima de tudo e de todos. Se nem mesmo vidas importam, quem dirá uma floresta!

O planeta pede socorro. A crise climática é uma realidade cada vez mais próxima. E as ações humanas contribuem para isso. Os eventos climáticos extremos são uma ameaça para a humanidade. As fortes chuvas alagam tudo nas grandes metrópoles e em áreas onde se ocupam irregularmente encostas e regiões próximas ao curso dos rios, pois quase não temos mais áreas verdes. O que não nos impede de continuar destruindo a natureza.

Portanto, em conclusão, ressalta-se aqui a importância de abordar este tema, tão necessário para nossa existência e nosso futuro. A comunicação, aliada à educomunicação,

[16]Disponível em: https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/. Acesso em: 11 de mar. 2023.

não pode se furtar ao seu papel estratégico na divulgação de informações, na compreensão e na proposição de mudanças no cenário da crise ambiental que construímos ao longo da nossa existência humana.

Assim, compreende-se que, ao utilizar o cinema em sala de aula pode se estimular a participação dos alunos sobre temas importantes e atuais. O uso do filme sinaliza uma valorosa ferramenta no processo de aprendizagem, já que tende a despertar a interação dos alunos e de possibilitar a reflexão e o pensamento crítico. Ou seja, o emprego de filmes no âmbito escolar pode auxiliar no desenvolvimento da interpretação e da construção de opinião.

O cinema enseja a construção de saberes, por meio de suas múltiplas possibilidades, pois os filmes podem contribuir na produção de sentidos. E, a partir de suas narrativas, pode retratar eixos temáticos, questões ou problemas que emergem de diferentes esferas da sociedade. Portanto, entende-se que o cinema também pode auxiliar na transmissão e na produção de saberes. Logo, esse não é um papel exclusivo da escola.

Estamos expostos a um universo repleto de imagens e linguagens diversas, portanto, necessitamos nos preparar para entender criticamente o que ele nos oferece. A riqueza da linguagem cinematográfica reside no simbólico, nas descobertas e na capacidade de ampliar o nosso interesse por assuntos abordados no meio educacional.

O trabalho demonstra que é possível, a partir do cinema e da comunicação sensível, aliar a educomunicação às discussões ambientais, por meio de sequências didáticas a serem trabalhadas no diálogo entre professores e alunos, levando-se em conta o fundamento da comunicação como um processo de interação, portanto, de construção intersubjetiva de saberes.

REFERÊNCIAS

ALBOREDA, Solange. **Os restos de um cinema chamado ambiental:** um estudo sobre filmes brasileiros que abordam o meio ambiente desde a década de 1970. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

ANDRADE, Oswald de. **Primeiro Caderno do alumno de Poesia Oswald de Andrade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ANDRADE, Oswald de. **O Santeiro do Mangue e Outros Poemas.** São Paulo: Editora Globo, 1991.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. *In:* ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias:** manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978, p. 3-10.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *In:* ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias:** manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978, p. 11-20.

ANDRADE, Oswald de. A Crise da Filosofia Messiânica. *In:* ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias:** manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978, p. 75- 138.

ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. **Revista Usp**, n. 103, p. 13-24, 2014.

AZEVEDO, Beatriz. **Antropofagia-palimpsesto selvagem**. Editora SESI-Serviço Social da Indústria, 2018.

BARBIERI, Mariana Delgado; FERREIRA, Leila da Costa. Mudanças climáticas e governança ambiental: desafio do Antropoceno. **ClimaCom – Diálogos do Antropoceno**, Campinas, ano 5, n. 12, ago. 2018 . Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9511. Acesso em: 28 de jan. 2021.

BARCELOS, Alan Silva. **Misericórdia:** a relação entre cinema e educação ambiental. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Centro Universitário Augusto Motta, 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 3 ed., Obras escolhidas, v. 1 [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BIERWAGEN, Gláucia Silva. **Vozes da (trans)formação docente na perspectiva da Comunicação docente.** 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2021.

BOFF, Leonardo. A ética e a formação de valores na sociedade. São Paulo: **Instituto Ethos Reflexão,** n. 11, 2003.

BRASIL. Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo. **Aprender Sempre.** Caderno do Professor. Volume 2 - Parte 2. 6º ao 9º Ano - Ensino Fundamental. Língua Portuguesa, 2022.

BRITO, Marcela Cristiane Ribeiro. **Educomunicação Socioambiental** – narrativas da periferia. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cuiabá, 2021.

CASTAÑO, Alen; CASTILLO, Monica. Lo dulce y amargo del azúcar: el caso de las condiciones laborales de los trabajadores de caña de azúcar de Valle del Cauca (Colombia). **Boletín De Antropologia,** v. 36, n. 61, p. 118-135, 2021.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: convergências educomunicativas. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 7, n. 19, p. 67-85, 2010.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e educação: as pontes da linguagem. **Comunicação, Mídia E Consumo**, v. 16, n. 46, p. 314, 2019.

CITELLI, Adilson; FALCÃO, Sandra Pereira. Educomunicação Socioambiental: cidade e escola. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 43, p. 21-36, 2020.

COME, Calisto David. **Comunicação, Educação e Interação:** A mediação de tecnologias audiovisuais interativas. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2021.

DA ROCHA, Josefa Eleusa. Arte e meio ambiente: caminhos que se entrelaçam. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e21911527898-e21911527898, 2022.

DE LIMA, Venício A. **Comunicação e cultura:** as ideias de Paulo Freire. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2011.

DRAVET, Florence; CASTRO E SILVA, Gustavo; A mediação dos saberes e o pensamento poético. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 32, p. 71-77, abril, 2007.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado:** por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GABRIEL, Gisele. Narrativas Imagéticas: a Contribuição da Intervenção Urbana para um Saber Ambiental. **Meios e Transformação Social**, p. 155, 2019.

GABRIEL, Gisele; SILVA, Míriam Cristina Carlos. O poético na comunicação ambiental: reflexões a partir da campanha A Natureza está falando. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 7, n. 15, 2019.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOTTWALD JUNIOR, Luis Alberto. **A desconstrução do mito da transamazônica a partir da ótica cinematográfica:** tradições intelectuais e representações de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, no filme *Iracema: uma transa amazônica*. 2016. Dissertação (Mestrado em História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

IUAMA, Tadeu Rodrigues; SILVA, Míriam Cristina Carlos. Interpretando o jogo: o papel da ludicidade na comunicologia de Vilém Flusser. **Revista Conexão – Comunicação e Cultura,** v. 21, n. 41, p. 76-95, jan./jun. 2022.

IUAMA, Tadeu Rodrigues; SILVA, Míriam Cristina Carlos. Eu como Nós: a intersubjetividade flusseriana como antropofagia oswaldiana. **Anais do VII Comcult**, 2021.

IUAMA, TADEU RODRIGUES. **Ludocomunicação:** Um contraponto crítico-propositivo à gamification, observado a partir da participação em larps. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Paulista, 2020.

JESUS JUNIOR, Clementino Luiz de. **Santa Fé e a dimensão pedagógica:** território, governo, biopoder e memória no cinema ambiental. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

KLEIN, Luciana. **Educomunicação:** um paradigma para pensar as tecnologias, a educação e os direitos humanos. 2020. Dissertação (Mestrado em Direito). – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí). Direitos Humanos, 2020

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020a.

LA TIERRA Y LA SOMBRA. Direção: César Acevedo. Colômbia, 2015. Drama, 1h37.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 49, p. 455-479, 2010.

LUIZ, Thiago Cury; SATO, Michèle. Educomunicação socioambiental no quilombo Mata Cavalo: narrativas e resistências de uma comunidade tradicional mato-grossense. **Comunicação & Educação**, v. 27, n. 1, p. 61-72, 2022.

LYRA, Bernadette. Vendo um filme ou atravessando um território de jogo. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, n. 13, p. 29-44, 1999.

MARIA, Flávia Regina. **O cinema como instrumento de sensibilização ambiental para conservação da água.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal de São Carlos, 2017.

MARTINEZ, Monica; HEIDEMANN, Vanessa. Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas. **Lumina**, v. 13, n. 1, p. 4-14, 2019.

MELLO, Ivan Maia. Montaigne, Oswald de Andrade e a descolonização antropofágica. **Das Questões**, v. 11, n. 1, 2021.

MIKLOS, Jorge. Ecologia da Comunicação: Estratégias Contra-Hegemônicas do Imaginário na Religiosidade Popular. PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 11 e 12 de dezembro de 2017. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/pensacom2017/textos/15-jorge-miklos.pdf. Acesso em: 16 de jan. 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. **O método 5:** a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas / SP: Papirus editora, 2005.

NINIS, Alessandra Bortoni; BILIBIO, Marco Aurélio. Homo sapiens, homo demens e homo degradandis: a psiquê humana e a crise ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 46-55, 2012.

OKJA. Direção: Bong Joon-Ho. Coréia do Sul, EUA, 2017. Aventura/Ficção científica/Drama, 1h58.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 24, n. 1, 2017.

PICHIGUELLI, Isabella; SILVA, Míriam Cristina Carlos. Comunicação, poesia e o religare. **Revista Comunicologia,** Brasília, UCB, v. 10, n. 2, p. 3-18, 2017.

POSTALI, Thífani. **Documentário de ética dialógica:** a explicitação do encontro entre documentaristas e atores sociais. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2021.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola:** por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 2011.

ROBERTO, Aline Fernanda Rossi; SERATI, Érica Cristina; SERATI, Jéssica Carolina. O lúdico como recurso pedagógico. **Trilhas Pedagógicas,** v. 12, n. 15, p. 280-287, 2022.

ROVIDA, Mara. Educomunicação: uma prática social. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 43, n. 2, 2017.

ROJO, Roxane; KARLOS-GOMES, Geam; SILVA, Ana Márcia Honorato da. Multiletramentos na escola: uma entrevista com Roxane Rojo. **Educitec-Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 8, p. e199822-e199822, 2022.

SANT'ANNA, Alexandre; NASCIMENTO, Paulo Roberto. A história do lúdico na educação. **REVEMAT: Revista Eletrônica de matemática**, v. 6, n. 2, p. 19-36, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Coimbra: Edições Almedinas, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SER TÃO VELHO CERRADO. Direção: André D´Elia. Brasil, 2018. Documentário, 1h36.

SILVA, Antonio Almeida; REIGOTA, Marcos. Ciência e poesia em diálogo: Uma contribuição à educação ambiental. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 12, n. 2, 2010.

SILVA, Míriam Cristina; IUAMA, Tadeu; PICHIGUELLI, Isabella. Para (Des)apropriar e (Res)significar: Da comunicação como (in) completude. **Revista ECO-Pós**, v. 24, n. 3, p. 267-284, 2021.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; IUAMA, Tadeu. *Bondenlos* em conversação: narrativa entre discursos e diálogos autobiográficos. *In*: XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura – Mídias e Religiões, III Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, V EPECOM Júnior. Online, 27-28 de setembro, 2021.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; PICHIGUELLI, Isabella. Interculturalidade, antropofagia e utopia: reflexões sobre política e evangélicos no Brasil. *In*: Alaic 2020 – Desafíos y paradojas de la comunicación en América Latina: las ciudadanías y el poder. Medellín-virtual, 9-13 de noviembro, 2020.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. O Infiltrado: narrativas midiáticas e uma poética antropofágica. **Galáxia (São Paulo)**, p. 125-137, 2015.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. Sobre o poético e o hipertexto - por uma linguagem da complexidade em sala de aula. *In*: PETARNELLA, L.; SOARES, E. M. do S. (orgs.). **Cotidiano escolar e tecnologias - tendências e perspectivas**. Campinas / SP: Alínea, p. 113-136, 2012.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. **Comunicação e cultura antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. A Educomunicação, em diálogo com as tecnologias, na Educação Básica. **Comunicação & educação**, v. 20, n. 2, p. 7-14, 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. **Revista FGV online**, v. 4, n. 1, p. 19-34, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUZA, Gisele Cristina Gabriel de. **Narrativas ambientais:** reflexões a partir da comunicação pública sobre o Programa Município VerdeAzul em Sorocaba. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, 2019.

STEIGLEDER, Débora Gallas. **A contribuição do processo educomunicativo aos princípios do Jornalismo Ambiental:** uma proposta de reflexão epistemológica a partir de experiência com estudantes de ensino médio. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais:** elementos para uma antropologia estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.